



Morte em Barras de Ouro

A. A. Fair

Morte em barras de ouro

AUTOR: FAIR, A. A.

GÉNERO: Romance

CLASSIFICAÇÃO: Literatura norte-americana – Século XX – Ficção

EDITORA: Livros do Brasil Lisboa, 19

COLECÇÃO: Obras Escolhidas de Erle Stanley Gardner nº 5

DIGITALIZADO E CORRIGIDO POR:

Aventino de Jesus Teixeira Gonçalves Setembro de 2003

Os livros desta colecção são constituídos por dois títulos. Este é o segundo, sendo o primeiro:

O caso da loja de flores de Erle Stanley Gardner.

Nota do digitalizador

A. A. Fair **MORTE EM BARRAS DE OURO**

Tradução de MARIA EMÍLIA FERROS MOURA*

Capa de ANTÓNIO PEDRO

Título da edição original GOLD COMES IN BRICKS Copyright (g) 1940,
by A. A. Fair

Reservados todos os direitos pela legislação *em vigor*

CAPÍTULO I

Bertha Cool suspirou profundamente e abriu a cadeira de madeira desmontável. Acendeu um cigarro e as mãos cobertas de jóias tornaram-se semicírculos brilhantes sob as luzes poderosas que incidiam na lona almofadada. No grande ginásio deserto, o brilho dos diamantes assemelhava-se a gotas de água luzindo ao sol.

O japonês, vestido apenas com uma tanga e um casaco claro de linho grosso, firmou-se bem nos pés e olhou-me com uma expressão indefinida.

Tinha frio. O casaco que me dera era demasiado grande e os calções curtos faziam-me sentir despido.

Mostra-lhe como é, Hashita ordenou Bertha.

Estávamos somente os três no ginásio semelhante a um grande celeiro. O japonês sorriu-me mostrando uma fileira de dentes muito brancos. As luzes impiedosas, metidas nas armações estanhadas por cima da minha cabeça, incidiam em cheio sobre mim. O japonês era um homem bem constituído e musculoso.

Quando se movia, notavam-se-lhe os músculos sob a pele morena e acetinada.

É a primeira lição disse, dirigindo-se a Bertha. Não pode ser muito dura.

Ele não é nada parvo, Hashita respondeu Bertha, puxando com força uma fumaça. Aprende depressa e, além disso, é o *meu* dinheiro que estou a gastar. Quero ver progressos rápidos.

O jiu-jitsu explicou Hashita sem desviar os olhos do meu rosto e falando com voz rápida e indiferente funciona como uma alavanca. O adversário representa o fulcro; só tem que se furtar o corpo.

Acenei afirmativamente com a cabeça, porque o silêncio que se seguiu a esta afirmação me deu a entender que era essa a atitude que de mim esperavam.

Hashita retirou da tanga um revólver de cano curto. O cromado estava lascado e o cano enferrujado. Abriu o carregador para me mostrar que estava vazio.

O respeitável aluno tem de me fazer o favor de segurar a arma na mão direita, erguê-la e puxar o gatilho, rapidamente explicou.

Peguei na arma.

No rosto de Bertha Cool desenhava-se precisamente a expressão que muitas vezes pensei existir nas mulheres, quando assistem a uma tourada.

Rapidamente, por favor repetiu Hashita.

Ergui a arma.

Não tão lentamente, por favor retorquiu, inclinando-se um pouco para a frente e baixando-me a mão devagar, com ar de desdém.

Não tão lentamente. Imagine que eu sou um assassino.

Levante a arma e puxe o gatilho rapidamente antes de dar Tempo de desviar-me.

Lembrava-me de ter lido em qualquer lado que o «mau» das fitas americanas conseguia atingir mortalmente o adversário, quando disparava simultaneamente ao erguer a arma. Puxei, portanto, o gatilho ainda não tinha erguido a arma, completamente.

À minha frente, Hashita era um bom alvo. Senti o movimento repercutir-se no meu punho.

De repente, Hashita deixou de estar à minha frente. Desaparecera, pura e simplesmente. Tentei mover o revólver e seguir a direcção do corpo que tão agilmente se furtava, mas era o mesmo que tentar fazer pontaria a um relâmpago.

Uns dedos de aço rodearam-me o punho. Hashita deixara de estar à minha frente, passando a estar sob o meu braço e de costas voltadas para mim. O meu braço estava por cima do ombro dele. Puxou-me o pulso direito para baixo, fez força com o ombro sob a minha axila e, de repente, senti o chão fugir-me debaixo

dos pés. Vi as luzes e a lona acolchoada noutra posição. Por momentos, pareceu-me ficar suspenso no ar e, em seguida, o chão veio ao meu encontro.

O choque provocou-me náuseas.

Tentei erguer-me, mas os meus músculos não responderam ao esforço. Sentia o estômago revolver-se. Hashita dobrou-se sobre mim, agarrou-me simultaneamente o pulso e o cotovelo e ergueu-me tão rapidamente que, de repente, pareceu-me ir cair fora do colchão. Um sorriso largo iluminava-lhe o rosto, expondo os dentes brancos. A arma estava nas suas costas.

É muito simples declarou.

Os diamantes de Bertha Cool subiam e desciam, acompanhando o ritmo das suas mãos que aplaudiam.

Mantenha-se firme, por favor. Eu mostro-lhe como se faz disse Hashita, agarrando-me pelos ombros, puxando-me para trás e erguendo-me o braço direito.

Riu, com o riso nervoso e triste de um japonês. Ainda me parecia continuar no centro de uma sala que balançava de um lado para o outro, como que suspensa de um enorme pêndulo.

Agora observe atentamente, por favor pediu Hashita.

Movia-se lentamente, num ritmo perfeito, e sem movimentos sacudidos. Tudo se passava exactamente como se eu estivesse a ver a sua imagem projectada no *écran*, num filme em câmara lenta. Dobrou o joelho esquerdo e apoiou todo o peso do corpo no quadril do mesmo lado. Ao baixar-se, voltou-se.

A mão direita moveu-se para a frente e com os dedos agarrou devagar o meu pulso. Fez rodar o pé esquerdo e colocou o ombro esquerdo sob o meu sovaco direito. A pressão dos dedos aumentou. O meu braço direito estava torcido, o que me impedia de dobrar o cotovelo. Servindo-se do meu braço como alavanca, exerceu pressão. O seu ombro servia de fulcro por debaixo do meu sovaco. Continuou a aumentar a pressão, o que me provocou dores, e depois senti que os meus pés já não tocavam o solo.

Aliviou a pressão, voltando à posição inicial, e *ficou* sorrindo à minha frente.

Agora pediu, é a sua vez. Mas, primeiramente, devagar.

Estava agora à minha frente com o braço direito estendido.

Estendi a mão direita com intenção de lhe agarrar o braço.

Empurrou-me para trás com um movimento de impaciência.

Respeitável aluno, não se esqueça do seu joelho esquerdo, por favor. Dobre o joelho esquerdo ao mesmo tempo que estende a mão direita e depois faça girar o pé quando agarrar o braço direito, para evitar que o cotovelo se dobre.

Tentei novamente. Desta vez foi melhor. Acenou com a cabeça, mas sem grande entusiasmo.

Agora volte a experimentar novamente com a arma.

Pegou na arma, levantou o braço e apontou-a na minha direção. Lembrei-me do joelho esquerdo e estendi a mão procurando agarrar-lhe o pulso direito. Falhei e tropecei desamparado para a frente, perdendo o equilíbrio.

Ele era demasiado educado para se rir, o que piorava a situação.

Ouvi o som surdo de passos que se aproximavam, pisando o chão do enorme ginásio.

Desculpe-me, por favor disse Hashita, endireitando-se e voltando-se. Franziu os olhos oblíquos ao tentar perscrutar a escuridão da enorme sala para lá do brilho das luzes.

Consegui divisar o homem que avançava na nossa direção.

Fumava charuto, e era um homem baixo com cerca de quarenta anos, com óculos e olhos castanhos. O seu fato era de corte impecável, fazendo sobressair o peito e diminuir o estômago.

Mesmo assim, os ombros e o estômago protuberantes dominavam o fato.

É o instrutor de luta? perguntou.

Hashita mostrou os dentes num sorriso e avançou ao seu encontro.

Chamo-me Ashbury Henry C. Ashbury. Venho da parte de Frank Hamilton. Esperarei até você estar livre.

É um grande prazer respondeu Hashita, apertando vigorosamente a mão de Ashbury e respirando com força.

O respeitável cavalheiro não se importa de se sentar?

Hashita moveu-se com a elasticidade de um gato, endireitou uma das cadeiras desmontáveis que por momentos pareceu ir rebentar-lhe nas mãos e abriu-a rapidamente. Colocou-a ao lado de Bertha Cool.

Não se importa de esperar um quarto de hora? Peço desculpa mas estou a dar lição.

com certeza respondeu Ashbury. Eu espero.

Hashita fez uma vénia e desculpou-se perante Bertha Cool.

Fez o mesmo comigo. Seguiu-se uma outra vénia e um sorriso para Ashbury.

Agora, tentemos uma vez mais disse-me.

Olhei para o lugar que Ashbury ocupava junto de Bertha Cool. Tinha os olhos fixos em mim e uma expressão de curiosidade.

Já tinha sido má a ideia de uma exibição privada para Bertha. A presença de um estranho tornava a situação insuportável.

Não se prenda comigo disse para Hashita. Eu espero.

Apanhará uma constipação, Donald avisou Bertha.

Não, não. Continuem apressou-se Ashbury a pedir, colocando o chapéu no chão junto da cadeira. Não tenho a mínima pressa. *Gostaria* de assistir.

Vamos tentar novamente disse Hashita, colocando-se à minha frente de sorriso nos lábios e apanhando a arma.

Observei o movimento do braço. Cerrei os dentes e ataquei.

Desta vez agarrei-lhe o pulso. Fiquei surpreendido ao ver como era fácil fazer o pivot. Pus-lhe o ombro sob o sovaco e dei uma sacudidela.

Então o inesperado aconteceu. Apercebi-me, evidentemente, de que fizera com que Hashita desse um ligeiro salto no momento em que fiz força, mas o efeito foi espectacular. Senti-o voar sobre a minha cabeça, com os pés e o corpo recortando-se contra o brilho intenso das luzes. Torceu-se repentinamente no ar como um gato, soltou o braço e caiu de pé. A arma estava caída no chão. Tinha a certeza de que a deixara cair de propósito o que não diminuiu o efeito provocado na assistência.

com mil diabos exclamou Bertha Cool. Vejam só o migalha de gente.

Ashbury deitou um olhar rápido a Bertha Cool e depois fitou-me com ar respeitoso.

Muito bem aplaudiu Hashita. Muito, *muito bem!*

Ele trabalha para mim ouvi Bertha Cool dizer calmamente a Ashbury. Dirijo uma agência de detectives. O migalha de gente está sempre a apanhar. Pesa muito pouco para dar um bom boxeur, mas acho que o japonês é capaz de lhe ensinar o jiu-jitsu.

Ashbury voltou-se para o poder observar bem.

Só conseguira distinguir o perfil de Bertha Cool que me fitava com um olhar sereno e brilhante.

Bertha nada tinha de suave. Era alta e bem provida de carnes. Tinha um pescoço e ombros largos, um peito farto, braços grandes e um grande apetite. O rosto mantinha a expressão plácida da satisfação própria das mulheres que deixaram de se preocupar com a linha e se sentem livres para comer o que quiserem e tão frequentemente quanto lhes apetecer.

Agência de detectives foi o que disse? perguntou Ashbury.

Agora vou fazer uma demonstração lenta disse Hashita.

Sim. A Agência de Investigações Particulares B. Cool 'continuou Bertha Cool sem deixar de me fitar. E o que está a lutar é Donald Lam.

Trabalha para si.

Trabalha.

Hashita tirou um punhal de borracha da tanga e colocou-me o punho entre os dedos.

Tem uma figura insignificante, mas não deve nada à estupidez continuou Bertha Cool falando por cima do ombro.

Pode não acreditar, mas foi advogado e ouvido no tribunal.

Expulsaram-no porque ensinou a alguém a forma de cometer um assassinio e sair ilibado. É infalível como uma armadilha de aço...

Ataque com a faca, por favor pediu Hashita.

Agarrei a faca e dobrei o braço direito. Hashita avançou com movimentos novos, agarrou-me o pulso e o antebraço, torceu-mos e fez-me cair.

... é garantido que o satisfará ainda ouvi Bertha Cool dizer quando me levantei. Há muitas agências que não se encarregam de casos de divórcio ou de política. Por mim aceito todos os casos desde que me dêem dinheiro. Não me interessa quem está envolvido ou o assunto em questão desde que haja dinheiro à vista.

Ashbury, nesse momento, só a ela prestava atenção.

Suponho que poderei confiar na sua discrição? perguntou Ashbury.

com mil diabos! Claro que sim respondeu Bertha, que parecera perder todo o interesse em mim. Absolutamente!

Tudo o que me disser não passará daqui... Não ligue à minha maneira de falar!

O respeitável aluno tem de aprender a torcer-se no ar para poder cair de pé disse Hashita.

Vista-se Donald advertiu Bertha Cool por cima do ombro, sem mesmo me olhar. Temos trabalho.

CAPÍTULO II

Fiquei à espera, sentado do lado de fora do escritório. Chegaram até mim vozes em surdina vindas do gabinete particular de Bertha Cool. Bertha não gostava que eu estivesse presente quando estava a tratar de negócios. Pagava-me um ordenado mensal que reduzia ao mínimo e vendia os meus serviços pelos quais recebia o máximo.

Passados vinte minutos chamou-me. A expressão que se lhe desenvolvia no rosto deu-me a entender que a conversa havia decorrido nos termos que desejava. Ashbury estava sentado na cadeira destinada aos clientes e apenas a tocava com dois pontos a nuca e os quadris. Essa posição fazia-lhe pender o pescoço para a frente e descair o peito. Ao olhá-lo descobri de onde lhe vinha o enorme estômago.

Sente-se Donald convidava Bertha, transbordando de delicadeza e boa vontade.

A mão de Bertha brilhou ao mesmo tempo que a movia para pegar num cheque que estava sobre a secretária e de o meter na gaveta sem me dar qualquer possibilidade de perceber a quantia.

Quer que lhe diga? perguntou a Ashbury. Ou prefere fazê-lo?

Ashbury tinha a cabeça inclinada para a frente o que o obrigava a olhar-me por cima dos óculos. O casaco estava cheio de cinza do charuto que acabara de fumar. Acendera outro nesse momento.

Diga-lhe a senhora respondeu.

Henry Ashbury declarou Bertha Cool com a precisão de alguém que deseja sintetizar uma série de factos casou no ano passado. A sua segunda mulher chama-se Carlotta Ashbury. O Sr. Ashbury tem uma filha do primeiro casamento.

Chama-se Alta. Quando a primeira mulher de Ashbury morreu deixou metade dos seus bens ao nosso cliente Sr. Ashbury continuou com um aceno de cabeça semelhante ao de uma professora que indica um número no quadro e metade à sua filha Alta.

Acho que disse, fitando Ashbury não me disse nem mesmo a quantia aproximada.

Não, não disse concordou Ashbury desviando a vista na minha direcção e sem tirar o charuto da boca o que fez com que lhe caísse mais cinza na gravata.

A "actual Sr." Ashbury continuou Bertha rapidamente a disfarçar o reparo, também tinha sido casada antes com um homem de nome Tindle. Tem um filho desse casamento.

Chama-se Robert. Para poder fazer bem ideia da situação, Donald, Robert tinha tendência a encarar a vida com excessiva despreocupação a seguir ao segundo casamento da mãe. Não é verdade, Sr. Ashbury?

Exactamente.

O Sr. Ashbury obrigou-o a trabalhar e ele deu provas de notória capacidade pela sua sedutora personalidade e...

Ele não tem personalidade interrompeu Ashbury.

Não tinha qualquer género de experiência. Uns amigos da mãe aceitaram-no numa sociedade por causa de estar ligado a mim.

Andam a tentar aproveitar-me também, mas nunca o conseguirão.

Talvez seja melhor agora o Sr. Ashbury contar aqueles factos a Donald disse Bertha.

Ashbury retirou o charuto da boca.

Dois indivíduos acedeu ele, Parker Stold e Bernard Carter, dirigem uma firma chamada a Sociedade de Acções de Hipoteca de Propriedades. A minha mulher já conhecia o Cárter antes de casar comigo. Robert ficou a trabalhar ao

seu serviço. Ao fim de 90 dias, tomaram-no Director de Vendas e, dois meses mais tarde, elegeram-no Presidente. É atrás de *mim* que eles andam.

Sociedade de Acções de Hipoteca de Propriedades?

É assim que se chama.

Qual é o ramo?

Minas.

Olhei-o e ele suportou o meu olhar. Foi Bertha que fez a pergunta que se impunha.

Mas o que tem a ver uma empresa de acções de hipotecas de propriedades com minas?

Como diabo quer que eu saiba? respondeu Ashbury, afundando-se mais no assento. E não sei de nada que menos me preocupe. Não me quero meter nos negócios do Bob mas também não quero que ele se meta nos meus. Se lhe fizer perguntas indirectamente tentará impingir-me a mercadoria.

Tirei o livro de apontamentos, tomei nota dos nomes indicados por Ashbury e acrescentei uma outra observação para investigar a firma mencionada.

Ashbury parecia um homem diferente do que estivera no ginásio. De novo me fitou por cima das lentes, fazendo-me lembrar um mastim acorrentado. Os olhos pareciam dar-me a entender que se a corrente fosse mais comprida me morderia.

O que quer que *eu* faça? perguntei.

Entre outras coisas que seja o meu treinador, O seu *quê?*

Treinador.

Ajudá-lo a manter a linha, Donald explicou Bertha.

Lições de jiu-jitsu, de luta, de box e corrida.

Fitei-a. Eu não tinha os mínimos conhecimentos para dar lições num ginásio. Nem sequer conhecia bem a aparelhagem.

O Sr. Ashbury quer que vá para casa dele continuou Bertha. Ninguém deve suspeitar que você é um detective.

Há muito que a família está a par das suas intenções de tentar pôr-se em forma. Ele queria contratar Hashita para lhe dar lições. E pensam arranjar um bom detective. Quando assistiu à sua exibição no ginásio, decidiu que se o pudesse contratar como treinador teria o problema resolvido.

O quê? perguntei a Ashbury. Está interessado em investigações?

Quero descobrir onde é que a minha filha aplica o dinheiro.

Quero saber quem está a gozar-se dele e porquê.

Está a ser vítima de chantagem?

Não sei. Mas se está quero descobrir porquê.

E se não está?

Quero saber o que está a acontecer ao dinheiro. Só há três hipóteses: está a ser vítima de chantagem, joga ou o Bob convenceu-a a financiá-lo. Qualquer delas é perigosa para ela e não me agrada. Não só está em causa o seu bem-estar, como também me encontro numa posição delicada. O mínimo escândalo financeiro na minha família seria o inferno para mim.

E estou a falar de mais, o que não me agrada. Fiquemos por aqui.

Quando o viu atirar com o japonês, você ficou-lhe debaixo de olho, Donald disse Bertha. Não é verdade, Sr. Ashbury?

Não.

Mas eu pensei...

Gostei da forma como ele agiu quando o japonês atirou.

Estamos todos a falar de mais. Vamos ao trabalho.

Porque é que pensa que a sua filha está a ser...

Dois cheques nestes últimos trinta dias interrompeu.

Qualquer deles a pronto. Cada um de dez dólares, depositados no Clube de Diversões Atlee. É uma sociedade de jogo. No Rés-do-chão há restaurantes, para tapar os olhos aos ingénuos, e *em cima* jogos para darem lucros.

Ela perdeu o dinheiro a jogar nesses lugares? perguntei.

Não. Descobri que nunca os frequentou.

Quando é que me quer em sua casa?

Vá! Não quero bisbilhotices. Conquiste a amizade de Alta.

Leve-a a confiar em si.

Julgo que um treinador de cultura física não deve ser a pessoa mais indicada para a levar a confiar.

Pelo contrário. É-o precisamente. Não é de forma alguma snob e detesta os que o são. Quem a tenta cultivar é mal recebido.

Está enganado... Mas espere aí, talvez tenha razão.

Deixe-me pensar. Já sei. Não lhe aparece como treinador profissional.

Você é um amador, mas um amador de classe. Estou a pensar metê-lo em negócios e abrir uma rede de ginásios particulares, onde os homens de negócios possam adquirir a linha.

Você estará à frente, mas não como treinador. Apresentá-lo-ei como um homem de negócios que conhece o ramo. O facto de me tentar pôr a mim em forma será puro acidente. Deixe o assunto comigo.

Está bem. A minha única missão será, pois, descobrir onde a sua filha aplica o dinheiro. É tudo?

Tudo. E pode ter a certeza que vai ser o seu trabalho mais difícil. Aquela rapariga é pior que o próprio demónio. Se descobrir que você é detective, é o meu fim e a sua despedida.

Compreendeu? “

E quanto ao seu enteado? Porque é que me falou do seu negócio e...

Para que você se afaste dele e faça com que Alta não se associe a ele. Não vale nada, mas a mãe acha-a um génio e ele também. Não se deixe enganar. Se ele conseguir enganar Alta e levá-la a investir nos seus negócios, eu *trato-lhe da saúde*.

Só quero factos. Disse-lhe a ele e à mãe que preferia ir para o inferno a dar-lhe mais um cêntimo que seja. Se está a receber dinheiro através de Alta é o mesmo que recebê-lo de mim.

Não suporto essa ideia., E já estou a falar de mais. Acabei.

Quando é que estará pronto?

Dentro de uma hora respondeu Bertha por mim.

Ashbury conseguiu apoiar as mãos nos braços da cadeira, com esforço. Ergueu-se com a ajuda dos braços.

Então está bem. Venha de táxi. A senhora Cool tem a morada. Eu vou à frente a preparar o caminho. Lembre-se, Lam, ninguém deve saber que é um detective. No momento em que alguém o descobrir está liquidado. E a senhora não se esqueça, também, disso disse para Bertha Cool. Não cometa erros.

Alta não é parva nenhuma. Ao mínimo passo em falso, descobrirá, e você terá atirado pela janela cem dólares diários.

Bertha estava, então, a receber cem dólares por dia, mais as despesas. Pagava-me oito dólares quando eu trabalhava e um ordenado mensal de setenta e cinco dólares.

Vá ter a minha casa dentro de uma hora, Lam disse Ashbury e conhecerá a família toda já esta noite, com excepção de Alta. Ela não chegará antes das duas ou três horas da manhã. Começamos as lições: às sete e meia e o pequeno-almoço é às oito e meia. E não estou a brincar quando digo que quero aprender um pouco de jiu-jitsu. Quero criar músculos. Estou a ficar mole.

Ajeitou os ombros estreitos no casaco enchumado, num movimento suficiente, para provar que o alfaiate quase fizera um milagre.

Donald não faltará afirmou Bertha Cool.

Sente-se disse.

Sentei-me no braço da cadeira.

Há uma série de despesas neste negócio que você desconhece totalmente: venda, salários, imposto de rendimento, imposto de exploração, artigos de papelaria, contabilidade, luz.

Porteiro lembrei.

Exactamente. Porteiro.

E então?

Bem, Arranjámos um trabalho muito bom, Donald, e decidi aumentá-lo para dois dólares, enquanto estiver ocupado com ele.

Terá só de me pagar dois dólares.

O que quer dizer?

O trabalho de um dia.

Que quer dizer com isso?

É o tempo que aguentarei. Como é que poderei ensinar ginástica a alguém?

Não seja assim, Donald. Encarreguei-me de tudo. Hashita dar-lhe-á lições todas as tardes. Disse ao Sr. Ashbury que tinha de o deixar sair todas as tardes, entre as duas e as quatro horas, para vir aqui apresentar os relatórios. Esse tempo destina-se às suas lições de jiu-jitsu com Hashita. Depois repetirá o que aprendeu com o Sr. Ashbury. Mas não o deixe avançar muito...

Não o fará respondi. Nem eu.

Em breve se sentirá como um pato na água, Donald.

Como é que vou e venho? Onde é a casa dele?

É muito longe para apanhar transportes públicos, mas uma vez que ele pensa que o tempo de que necessita é para a elaboração dos relatórios, levei-o a concordar que pagaria a despesa de táxi.

Quanto?

Não necessita de se preocupar com isso disse Bertha Cool. Não vamos gastar todos os nossos lucros em táxis. Hoje, deixo-o um quarteirão antes da casa e pode fazer o resto do percurso a pé. Todos os dias estarei à sua espera com o meu carro. Teremos mais esse lucro.

Parece-me um risco disparatado, só para evitar a despesa de táxi, mas o problema é seu retorqui, indo arranjar a mala.

CAPÍTULO III

Bertha Cool deixou-me um quarteirão antes da casa de Ashbury, passavam vinte e cinco minutos das dez da noite.

Estava a "chuviscar. Fiz o resto do caminho, sentindo a mala a bater-me nas pernas. Era uma casa de um milionário, com um caminho pavimentado, árvores e criados.

O mordomo não ouvira a chegada de qualquer táxi. Olhou para a água que me pingava da aba do chapéu e perguntou se me chamava Lam. Respondi afirmativamente.

Comunicou-me que se encarregaria de me levar a mala para o meu quarto e que o Sr. Ashbury estaria à minha espera na biblioteca.

Entrei. Ashbury apertou-me a mão e iniciou as apresentações.

A Sr.^a Ashbury era bastante mais nova que o marido.

Tinha um tipo de beleza sensual, caracterizado por um peito e ancas largas. Se perdesse alguns quilos teria uma figura excepcional. Assim, a gordura impedia, por vezes, a marcação das curvas. Imprimia contínuos movimentos e ondulações ao corpo; os olhos tinham um brilho animal. Quando me fitou, senti-me como se me tivesse passado as mãos pelo corpo.

Estendeu-me a mão e começou, imediatamente, a despejar palavras.

Considero esta uma das melhores ideias de Henry. Penso que também eu me deveria preocupar com a linha. Nestes dois últimos anos, tenho engordado imenso. Nunca fui assim até ter a tensão altíssima, tonturas e dores no coração. O médico aconselhou-me a não fazer exercícios. Mas se os médicos me conseguirem curar, farei exercícios, pois assim perderei peso com muito mais facilidade. Acho-o em excepcional forma Sr. Lam. Não tem um grama de peso a mais.

Deixara de falar o tempo suficiente para permitir a apresentação de um indivíduo chamado Bernard Carter. Era gordo e alegre e devia andar pelos quarenta e tal anos. Tinha olhos de peixe, mãos papudas e pequenas e o hábito de dar palmadas nas costas. Estava muito bem vestido e parecia o tipo de vendedor que apresenta uma amostra ao cliente, conta-lhe uma história indecente, apresenta-lhe, novamente, a amostra e novamente lhe conta outra história, depois do que consegue a encomenda. O seu lema era: «Fá-los rir.» Tinha um queixo triplo que tremia quando se ria. A gordura do rosto acumulava-se debaixo dos olhos, pelo que só se viam fendas estreitas quando ria, mas se se observasse bem, chegar-se-ia à conclusão de que os olhos mantinham sempre a mesma expressão de astúcia, cautela e suspeita. A Sr.^a Ashbury observava-o com uma expressão de aprovação no rosto. Ele era extremamente atencioso para com ela.

Pensei que haveria alguma coisa a ligar Cáster e a Sr.^a Ashbury.

Parecia terem muito de comum ambos apreciavam as Coisas boas da vida e gostavam de se divertir.

Você não tem um único grama de gordura a mais comentou a Sr.^a Ashbury, que parecia não conseguir desviar os olhos de mim.

É um pouco baixo, mas deve ter um corpo magnífico.

Tento manter-me em forma respondi.

Henry disse Carter com ar pensativo , acho que serei um dos seus primeiros clientes. Outro dia pesei-me e nem queria acreditar que fosse possível ter engordado tanto.

Você assim está bem, Bernard retorquiu a Sr.^a Ashbury.

É claro que um pouco de exercício não lhe faria nada mal.

Sim, é mesmo uma ideia esplêndida e quando a minha tensão estiver mais baixa, também eu tenciono fazer exercício. Deve ser maravilhoso ter um corpo elegante e musculoso como o do Sr. Lam; só que o acho um tanto leve para lutador profissional, ou estarei enganada?

Instrutor corrigi.

Eu sei. Deve ser muito bom. Henry contou-me que o viu em combate com um lutador japonês e o reduziu a nada.

Henry Ashbury olhou-me com firmeza.

Receio que qualquer comentário não seria modéstia da minha parte respondi.

Você 'é simplesmente fantástico. Essa resposta vale ouro disse a Sr.^a Ashbury ao mesmo tempo que uma risada, evidentemente saída da garganta, lhe fazia estremecer o corpo.

O Bob é que devia ouvir isto. O Bob também é modesto.

O Sr. Ashbury falou-lhe de Robert?

Do seu filho? perguntei.

Sim. É um moço maravilhoso. Sinto-me orgulhosa dele.

Começou do nada e pelo seu trabalho e qualidades, conseguiu ser eleito presidente da sociedade.

Isso é realmente formidável comentei, sentindo que Ashbury me fitava por cima das lentes dos óculos.

Não estou a falar por falar quando digo que o Bob é um génio dos negócios. Nunca encontrei um homem com tantas aptidões e rapidez de raciocínio.

Ele está a dar boas provas, não é assim? perguntou Henry Ashbury num tom indiferente.

Boas provas? exclamou Cáster. Meu Deus, ele é simplesmente...olhou para a Sr.^a Ashbury, interrompeu-se e fez um gesto como que a dizer: de que serve falar? e respirou com força.

Ainda bem que assim é retorquiu Ashbury sem qualquer indicação de entusiasmo.

A Sr.^a Ashbury tinha uma voz suave, gutural e sedutora mas quando se excitava subia uma oitava e tornava-se desagradável.

Acho uma coisa absolutamente extraordinária e, apesar de tudo, ele continua tão modesto como dantes. *Raramente* fala do seu trabalho. Sente que Henry não se interessa. Aposto que nem mesmo sabes do último acontecimento, Henry, ou do que Bob...

Tenho bastante com que me preocupar no escritório interrompeu Henry.

Mas devias contactar mais com o Bob. Sabes que na sua posição de director da «Sociedade de Acções de Hipoteca de Propriedades», Bob tem oportunidade de saber muito do que se passa na esfera financeira. Podias tirar muito proveito do conhecimento que ele tem, Henry.

É claro que sim, mas quando chego a casa sinto-me demasiado cansado para falar de negócios.

Há, estes homens de negócio suspirou. Bob é exactamente assim. Não se lhe consegue arrancar uma palavra.

Onde é que ele está agora? perguntei.

Lá em baixo, no salão de bilhar, com Parker Stold, o chefe de vendas.

Venha comigo, Lam dirigiu-se-me Ashbury, com um sinal de cabeça. Quero apresentar-lhe Bob e Stold.

Disse uma ou duas frases convencionais à Sr.^a Ashbury que me apertou a mão e a prendeu um minuto. Quando me afastei.

Henry Ashbury indicou o caminho através de um comprido corredor; descemos depois um lanço de escada e percorremos outro longo corredor. Avistei uma sala de jogos num dos lados *fora* uma mesa de pingue-pongue. Em frente havia outra sala de onde me chegava o ruído de bolas de bilhar e sons de uma conversa.

Ashbury abriu a porta.

Como está, governador? cumprimentou o homem que se preparava para fazer o lance, olhando para Ashbury e erguendo-se.

Tratava-se de Robert Tindle, um indivíduo com uma testa pronunciada, nariz comprido e direito e os olhos de um verde-claro mas parecendo cobertos por uma cortina de espuma.

Se lhe observássemos o olhar atentamente, teríamos a impressão de vermos uma série de bolhas de ar. O rosto não apresentava qualquer expressão particular e ao olhar para ele só me ocorria a comparação com o ar pachorrento das vacas satisfeitas.

Vestia *smoking* e apertou-me a mão sem grande entusiasmo.

Parker Stold estava, evidentemente, a tratar de um assunto que lhe interessava. Considerou a nossa visita como uma interrupção e limitou-se a pronunciar um «muito prazer» entre dentes, sem estender a mão. Tinha os olhos bastante juntos e uma boca bem desenhada. Pensei que poderia ser um pouco mais velho que Bob.

Na manhã seguinte o mordomo acordou-me às sete horas.

Barbeei-me, vesti-me e desci ao ginásio. Era uma divisão grande e espaçosa, na cave, precisamente por detrás da sala de bilhar.

Tinha o cheiro característico de nunca ter sido usado. Estava equipado com um saco de areia para treinos de boxe, barras paralelas, maçãs de madeira, pesos e alteres, um tapete para luta e, no outro extremo, um ringue quadrado para boxe. Vi um par de luvas de boxe penduradas num cabide e fui buscá-lo.

Ainda estavam presas com um fio esverdeado e viam-se as etiquetas com o preço, amarelecidas pelo tempo.

Tinha calçado sapatos de ténis e vestido calções e uma camisola desportiva. Henry Ashbury fez a sua aparição embrulhado num roupão. Tirou-o para ficar unicamente em calções de boxe.

Oferecia um espectáculo grotesco.

bom disse. Cá estamos.

Suponho que tenho de começar por aqui continuou, olhando para o enorme estômago.

Dirigiu-se à máquina de levantamento de pesos e começou a exercitar-se, respirando com dificuldade. Um momento depois, desceu e indicou-me com um aceno de cabeça.

Quer praticar um pouco? perguntou.

Não respondi.

Nem eu, mas tenho de o fazer.

Porque não tenta sentar-se mais direito, numa posição melhor?

Quando me sento quero sentir-me confortável, e isso só acontece quando me instalo à minha vontade numa cadeira, Continue a exercitar-se disse.

Lançou-me um olhar rápido e pareceu que ia dizer qualquer coisa, mas deteve-se. Voltou a exercitar-se na máquina de levantamento de pesos. Depois desceu e foi pesar-se.

Acha que me pode fazer uma pequena demonstração dessa coisa que o japonês lhe estava a mostrar ontem?

perguntou, dirigindo-se ao colchão.

Não disse, olhando-o bem de frente.

Riu e vestiu o roupão. Depois sentámo-nos e falámos acerca de política até chegar a altura de tomar um duche e de nos vestirmos para o pequeno-almoço.

Depois da refeição, Ashbury foi para o escritório. Cerca das onze horas, encontrei-me com Alta que acabara de descer para tomar o pequeno-almoço e que já fora, evidentemente, informada da minha presença.

Venha fazer-me companhia, enquanto como convidou.

Quero falar consigo.

Pareceu-me uma boa oportunidade de entabular relações.

Entrei e depois dos preliminares de a acompanhar ao lugar, sentei-me na sua frente e tomei uma chávena de café com creme e açúcar. Alta bebeu, também, uma chávena de café simples, três bolos e fumou um cigarro. Se pudesse manter uma linha como a 'dela, comendo assim, estou certo que o faria.

E então? perguntou.

E então o quê? respondi, com outra pergunta, lembrando-me do que Ashbury me dissera, relativamente a proceder como habitualmente e a não tentar forçar as coisas.

Você é o novo instrutor físico? riu.

Sou.

Não me parece muito o tipo de homem.

Mantive-me silencioso.

A minha madrastra diz que o importante é a rapidez e não o peso. Ele disse-me que você tem a rapidez do relâmpago.

Um dia destes gostaria de o ver em acção.

Estou a treinar o seu pai, mas não em boxe.

Percebo o seu gosto pelo jiu-jitsu comentou, olhando-me com ar crítico. Deve ter interesse.

Tem realmente.

Dizem que é tão bom que só o melhor dos japoneses poderia competir consigo.

Não será bem assim.

Mas luta com japoneses?

com alguns.

A noite passada, o papá não o viu derrotar um lutador japonês enorme?

Não podemos falar de outro assunto que não seja acerca de mim? retorqui Acerca de quê, por exemplo?

De si.

Nesta altura da manhã, não sou nunca um tema interessante de conversação disse, sacudindo a cabeça. Gostaria de ir dar um passeio?

Não.

Pois eu sim. E vou dar um grande passeio.

As instruções tinham sido explícitas. Devia ganhar a confiança de Alta Ashbury e levá-la a desabafar e a dizer-me o que a preocupava. Para o conseguir, tinha de aproveitar a mínima oportunidade.

Acompanhei-a no passeio.

Nos primeiros momentos, nada mais soube além de que ela tinha um corpo maravilhoso, uns olhos castanhos e meigos e um sorriso encantador. Tinha a resistência de um corredor de maratonas, gosto pelo ar livre e desprezo pela maioria das convenções. Passado algum tempo, sentámo-nos à sombra das árvores. Não falei. Ela sim. Detestava caçadores de fortunas e estava um tanto inclinada a pensar que o casamento era uma estupidez. Pensava que o pai

fora parvo em se deixar apanhar, odiava a madrasta, que o irmão era a luz dos olhos da Sr.^a Ashbury e que a massa estava cheia de vermes.

Era bastante para uma tarde. Cheguei a tempo de a largar e dirigir-me rapidamente à esquina, onde Bertha Cool me esperava. Ela levou-me ao japonês. Hashita ensinou-me mais alguns golpes e fez-me praticar. No fim da lição e depois do passeio, do exercício do dia anterior e das quedas que dera, sentia-me completamente esgotado.

Contei a Bertha que Ashbury era um indivíduo esperto e que não havia necessidade de continuar com as lições de jiu-jitsu. Bertha retorquiu que as tinha pago e que eu as receberia de qualquer forma. Avisei-a quanto aos inconvenientes de me ir buscar e levar a casa de Ashbury e disse-lhe que era melhor apanhar um táxi, uma vez que era Ashbury quem pagava. Respondeu-me que não precisava de ajuda para dirigir os negócios e levou-me de volta mesmo a tempo do jantar.

Foi um jantar desagradável. A comida era boa, mas o protocolo era demasiado rígido. Via-me obrigado a sentar-me numa cadeira, direito como uma vassoura e fingir-me interessado numa série de coisas que a Sr.^a Ashbury dizia. Robert Tindle fazia o papel de homem de negócios cansado. Henry Ashbury comia como se não fizesse a menor ideia do que levava à boca.

Alta Ashbury ia a um baile às dez horas da noite. Depois do jantar ainda estivemos uma hora no alpendre a conversar.

Estava luar. O ar era quente e perfumado; notei que alguma coisa a preocupava. Não me disse o que se passava, mas percebi perfeitamente que precisava de companhia.

Não me apetecia conversar. Continuei sentado sem falar.

Ao ver que cerrava a mão e parecia presa de enorme tensão e nervosismo, apertei-lha entre as minhas, recomendando-lhe calma e quando a retirei, percebi que se descontraía.

Deitou-me um olhar de relance, como se estivesse habituada a reacções diferentes dos homens quando lhe apertavam a mão.

Não disse mais nada.

Um pouco antes das dez foi-se vestir. Nessa altura já descobrira que gostava de ténis e de andar a cavalo, que o *badmington* não lhe interessava, que também gostava de nadar, que se não fosse o pai sairia de casa, que pensava que a madrasta envenenava a disposição do pai e que alguém devia mandar o meio-irmão para os índios donde viera. Não fiz comentários.

Na manhã seguinte Ashbury começou a levantar pesos, chegou à conclusão de que os músculos lhe doíam, disse que também não era preciso praticar demasiado, aproximou-se e sentou-se a meu lado no colchão, acendendo um charuto.

Queria saber o que eu descobrira.

Mantive-me em silêncio.

Alta gostou de si acabou por dizer. Você sabe o que faz.

Tomámos o pequeno-almoço e cerca das onze horas apareceu Alta. A Sr.^a Ashbury tomava sempre o pequeno-almoço na cama.

Quando demos o nosso passeio nessa tarde, Alta contou-me mais coisas sobre a madrasta. A Sr.^a Ashbury tinha a tensão alta e o médico recomendara que não a excitassem. O médico estava do seu lado, adulava-a, deixava-se dominar e amimava-a.

Na sua opinião, o pai devia pôr Bernard Carter fora de casa.

Não sabia o que a levava a contar-me tanta coisa; talvez fosse por achar-me compreensivo e por estar tão preocupada com o pai que lhe apetecia chorar.

Avisou-me de que se alguma vez a Sr.^a Ashbury desejasse qualquer coisa, por mais disparatada que pudesse parecer, não a deveria contrariar, porque se o fizesse era certo que o médico a examinaria, verificaria que a tensão

subira e restava-me a solução de sair com o peso da responsabilidade pelo sucedido. Conclui que ela não queria que eu me fosse embora.

Senti-me um miserável.

Às duas horas Bertha Cool foi-me buscar e o japonês manejou-me como se eu fosse um pedaço de massa. Quando os seus dedos fortes me deixaram em paz, sentia-me como uma camisa saída de uma máquina de lavar, passada pelo torcedor e posta a secar.

Arrastei-me para ir jantar. Tudo se passou como na noite anterior, só que Alta tinha o aspecto de quem estivera a chorar. Mal me falou. Depois do jantar, mantive-me por perto, dando-lhe oportunidade de ir ter comigo, caso me quisesse confiar os seus pensamentos.

Alta não ocultava os seus sentimentos em relação a Bernard Carter. Disse que em princípio ele estava metido num negócio com a madrastra. Não sabia do que se tratava. Ninguém, aliás, parecia saber. Alta disse que ambos a odiavam, que pensava que a madrastra tinha medo de qualquer mulher que Carter conhecia, que uma vez entrara na biblioteca a tempo de a ouvir dizer: «Tens de fazer qualquer coisa.

Estou farta desta troca de palavras. Imagina a piedade que ele teria em relação a mim, se as posições se invertessem.

Quero que...» Carter notara a sua presença e tossira a avisá-la.

A Sr.^a Ashbury erguera os olhos, detivera-se a meio da frase e começara a falar de outro assunto com a alegria falsa de alguém que pretende disfarçar.

Alta manteve-se silenciosa, depois de me ter contado tudo isto e confessou estar-me a contar coisas que não devia, mas que o fazia porque eu lhe inspirava confiança e porque pensava que eu era leal ao pai e que se comesse a negociar com ele devia vigiar a madrastra, Bob e Bernard Carter. Acrescentou, em seguida, algumas palavras sobre o Dr. Parker Dale.

Ao que parece, era um indivíduo com comportamento delicado.

Todas as vezes que a Sr.^a Ashbury se sentia mal por ter comido demasiado, o Dr. Parkerdale mostrava tanta preocupação como se se tratasse dos primeiros sintomas de uma epidemia mundial de paralisia infantil.

Depois de me dizer tudo isso, cerrou os lábios com firmeza.

Continue pedi.

com o quê? perguntou.

com o resto.

O resto de quê? < Do que eu devo saber.

Já lhe disse de mais:

Não o suficiente retorqui.

O que quer dizer com isso?

vou meter-me num negócio com o seu pai. Ele vai investir imenso dinheiro. Compete-me velar para que ele consiga bons lucros. Portanto, tenho de me dar com a Sr.^a Ashbury e quero saber como fazê-lo.

Deixe-a em paz. Afaste-se do seu caminho disse-me rapidamente. Ouça! nunca, nunca...

Nunca o quê perguntei.

Nunca esteja sozinho com ela disse. Se ela quiser fazer exercícios no ginásio, faça por ter sempre alguém a seu lado.

Oh, com certeza que ela não... ri-me, cometendo assim um erro.

Digo-lhe tudo isto, porque a *conheço* retorqui furiosa.

É uma criatura com apetites e espertezas de animal.

É incapaz de se controlar. A tensão elevada é o resultado do excesso de comida e de indulgência. Aumentou uns dez quilos desde que casou com o papá.

O seu pai não tem nada de estúpido disse eu.

Claro que não, mas ela tem uma técnica contra a qual nenhum homem pode lutar. Quando deseja alguma coisa e lha recusam, entra num 'estado de excitação enorme e, em seguida, telefona logo ao Dr. Parkerdale. Ele aparece a correr como se se tratasse de uma questão de vida ou de morte, mede-lhe a tensão e começa a andar em bicos de pés pela casa, até criar o ambiente desejado. Depois chama à parte quem considera responsável pela crise e avisa-o muito delicadamente que a Sr.^a Ashbury não se deve excitar, que se a conseguir manter calma durante alguns meses talvez ele seja capaz de lhe fazer baixar a tensão e autorizá-la a praticar exercícios e reduzir o peso para o normal, mas que sempre que houver uma discussão e ela se excitar todos os progressos desaparecerão, o que o obrigará a começar tudo de novo.

Isso parece ser um jogo difícil de vencer ri-me.

Claro que sim disse-me, furiosa pelo meu riso.

E você não vencerá. O Dr. Parkerdale diz que quer ela esteja ou não dentro da razão, ninguém deve discutir com ela, o que significa uma cedência permanente em relação aos seus caprichos. Significa, também, que de dia para dia ela se vai tornando mais egoísta, e mais...

E quanto a Bernard Carter? perguntei. Dá-se bem com ele?

Bernard Carter?! resmungou. Bernard Carter mais o *seu* negócio. É o homem que está sempre presente quando o meu pai não está. Ao Papá pode ela enganar com toda aquela conversa sobre o negócio, mas a mim nem por um momento. Eu... eu odeio-a.

Fiz-lhe notar que considerava Henry Ashbury um homem com bastante capacidade para dominar a situação.

Não é capaz contrariou Alta. Nenhum homem é Ela prende-o de pés e mãos antes que ele tome qualquer iniciativa.

Se ele a acusa de qualquer coisa, utilizará o desmaio e o Dr. Parkerdale virá a correr com o tubo de borracha para lhe medir a tensão. Não é capaz de perceber que ela está simplesmente a preparar o terreno para uma

separação baseada em crueldade mental, dizendo que o Papá era tão injusto e mau para ela que lhe fazia subir a pressão, lhe arruinava a saúde e impedia que o Dr. Parkerdale a curasse?

E este estará pronto a depor como testemunha de acusação.

Ao Papá só lhe resta governar-se tanto quanto lhe for possível e esperar que lhe aconteça alguma coisa, o que significa ver-se obrigado a ceder perante ela. Ouça, Donald, você está a son- dar-me e eu estou a tornar-me ridícula com toda esta conversa.

Senti-me novamente um miserável. , Depois de ter pronunciado esta frase, não falou muito mais. ;

Chamaram-na ao telefone, mas a conversa não lhe agrada- dou. Percebi pela expressão do seu rosto. Depois da pessoa com quem falava ter desligado, telefonou a desmarcar um encontro.

Saí e sentei-me no alpendre, sempre com o mesmo senti- mento de culpa.

Passado algum tempo, ela saiu também e ficou a olhar-me.

Embora estivesse muito escuro, notei-lhe uma expressão de desprezo no olhar. Era então isso? disse-me.

Isso o quê? perguntei.

Não pense que sou assim tão estúpida. com que então instrutor de educação física! Acho que nunca lhe ocorreu que eu pudesse tomar nota da matrícula do carro que o vem buscar todas as tardes e consultar o registo.

B. Cool, Investigações Confidenciais. Suponho que Cool deve ser o seu verdadeiro nome. Não respondi. Chamo-me Donald Lam.

Bem, a próxima vez que o Papá quiser contratar um detective e o apresentar como instrutor de educação física, digo-lhe que ao menos arranje um cujo aspecto corresponda à profissão. ' Saiu intempestivamente da sala.

Havia uma extensão na cave e foi daí que telefonei a Bertha Cool. Pronto disse-lhe. Estragou tudo.

O que quer dizer com isso «estragou tudo»?

Ela ficou intrigada por me virem buscar todas as tardes e esperou à esquina, tomou nota da matrícula do carro e procedeu a investigações. Está registado em nome da agência, como sabe.

Ouvi a respiração entrecortada de Bertha Cool ao telefone.

Lançou cem dólares diários pela janela, só para poupar a despesa do táxi acusei.

Ouça, querido implorou. Tem de arranjar uma saída.

Sei que o conseguirá se pensar bem no problema. É por isso que a Bertha lhe paga para pensar.

Disparate respondi.

Donald, *tem que o fazer*. Não podemos perder esse dinheiro.

-Já o perdeu.

Não pode fazer nada?

Não sei. Venha no carro da agência, estacione no local onde costuma encontrar-se comigo e espere.

CAPÍTULO IV

Quando Alta saiu faltava cerca de um quarto para as seis.

O mordomo abriu as portas da garagem e mal o fez eu desci à rua a passo largo. É uma coisa em que sou realmente bom:

no «sprint».

Bertha Cool esperava-me no carro.

Ponha o motor a trabalhar disse-lhe, subindo para o lado dela. Quando um carro de 12 cilindros nos ultrapassar, dê o seu melhor e mantenha-se de luzes apagadas.

É melhor você guiar, Donald.

Não há tempo. Ligue o motor.

Pôs o carro em andamento e fez a curva. Alta Ashbury então passou-nos a uma velocidade mínima.

Agora, pise o pedal ordenei, estendendo a mão e apagando os faróis.

Bertha começou a procurar o botão das luzes. Afastei-lhe a mão, apanhei o acelerador de mão e meti-o a fundo. Bertha começou a ficar nervosa e tive que deitar a mão ao volante.

Pouco depois, Alta chegou a um cruzamento no momento preciso em que os sinais mudavam. Deu-nos oportunidade de a apanhar e eu pude descer, dar a volta ao carro e ocupar o lugar de Bertha.

Quando as luzes mudaram, Alta avançou com velocidade igual à de um tiro de canhão. O carro da agência quase se desconjuntava para a seguir, mas fazia progressos. Alguém gritou que acendesse as luzes, mas continuei a guiar com tudo apagado, desejando que chegássemos a um local de trânsito concorrido. Passado um bocado, assim aconteceu.

Acendi as luzes e comecei à procura de uma boa posição, tentando manter-me na faixa da esquerda e um tanto atrás.

Devia ter-lhe dado ouvidos, querido murmurou Bertha, cheia de desculpas. Tem sempre razão. Oh, mas *porque* é que não me *obrigou* a ouvi-lo?

Precisava de toda a minha concentração para guiar o carro e por isso não lhe respondi. Bertha continuou a falar.

Acho que nunca conseguirei que me compreenda, Donald.

Anos e anos vi-me obrigada a lutar sozinha pela vida e a contar os tostões que ganhava. Havia alturas em que, praticamente, não tinha dinheiro

para comer. Sabe que a minha maior dificuldade foi tentar novamente aprender a gastar dinheiro, depois de começar a ganhar algum? Todos os meses levantava cem dólares da minha conta bancária e decidi que os gastaria comigo e nunca era capaz. No fim do mês, via-me sempre com os setenta ou oitenta dólares que não gastara. Quem alguma vez na vida se vê obrigado a dar tanto valor ao dinheiro, fica traumatizado e não se consegue libertar.

Também já me vi sem dinheiro nenhum comentei.

Eu sei, querido, mas o seu caso é diferente, porque é jovem e tem cabeça. A Bertha não era inteligente; pelo menos, não como você. E você tem uma maleabilidade que eu nunca terei, Donald. Se alguém exercer pressão sobre si dobra-se, mas logo que a pressão desapareça volta à primeira posição. Eu sou diferente. Se exercem pressão sobre mim, eu pago na mesma moeda. Se acontece alguma coisa e eu não possa, também, exercer pressão, não dobro mas quebro.

Está bem. Esqueça tudo isso disse.

Aonde é que ela vai, querido?

Não sei.

O que é que ela vai fazer?

Também não sei. Acabamos de perder um emprego de cem dólares por dia. O que fizermos agora só nos pode beneficiar.

Nunca me deixou ficar mal antes, Donald. Sempre conseguiu imaginar uma maneira de conciliar as situações.

Cale-se ordenei-lhe. Estou a tentar fazê-lo agora.

Era extraordinariamente difícil continuar a segui-la com aquele trânsito. Ela só precisava de pisar o acelerador. O motor responderia imediatamente e o carro esgueirar-se-ia por uma aberta, que os carros atrás logo fechariam. Eu tinha

de manter o pé continuamente no acelerador e guiar a maior parte do tempo em segunda, para a poder seguir.

, Arrumou o carro num parque de estacionamento. Não me atrevi a parar no mesmo sítio. O único lugar livre para estacionar era em frente de uma bomba de incêndio.

Vamos estacionar em frente da bomba de incêndio, Bertha disse. Se for multado pode pôr na conta de despesas de táxi de Ashbury. Desça a 7.^a Street enquanto eu subo a 8.^a Espere na esquina. Quando ela sair do estacionamento ou vem na minha direcção ou na sua. Se vier na minha direcção não tente segui-la. Se for na sua, também não tentarei. Aquele de nós que não for escolhido, voltará atrás a tirar o carro.

Sim, querido concordou Bertha, mansa como um cordeiro.

Bertha tinha uma certa dificuldade em entrar e sair do carro. Tinha que se torcer e esgueirar o corpo. Não esperei por ela nem tentei ajudá-la. Abri a porta e desci rapidamente a rua.

Bertha ainda não estava a uns vinte metros de mim quando Alta saiu do parque de estacionamento. Voltou-se na minha direcção. Escondi-me num portal e esperei.

Ela admitia a hipótese de estar a ser seguida. Olhava continuamente para trás, mas, depois de dobrar a esquina, concluiu que o caminho estava livre. Segui-lhe o rasto. A meio do bloco de casas havia um hotel onde ela entrou. Não me apressei a segui-la senão quando já atravessara o *hall*; depois entrei e aproximei-me do balcão dos cigarros. Havia um indicador automático por cima do elevador. Verifiquei que parava no 4.^o andar.

A rapariga que estava no balcão dos cigarros era loura e de cabelo esticado e ondulado. Lembrei-me de uma vez em que vira um bocado de uma corda usada por um homem que se enforcara em São Quentin. Foi um caixeiro-viajante que me mostrara. O cabelo da rapariga tinha quase a mesma cor e parecia tão esticada como ela. Tinha sobrancelhas claras e grandes olhos verdes.

Conseguia dar ao rosto uma expressão que se associava às donzelas inocentes de 1906; as sobrancelhas erguidas, as pestanas longas e reviradas, a forma da boca. A expressão era a de uma gatinha que se aventurava do quarto de arrumações para a sala.

Oiça, menina disse-lhe. Sou caixeiro-viajante e tenho uma série de mercadorias para vender no Clube de Diversões Atlee, mas para isso preciso de uma senha de entrada e está aqui no hotel um jogador que ma pode dar. Não sei o nome dele.

Por quem me toma? respondeu numa voz tão rouca e áspera como a de um político na manhã seguinte à da eleição.

Por uma rapariga que sabe todas as respostas respondi tirando do bolso dez dólares do dinheiro das despesas de Bertha Cool.

Ela baixou os olhos modestamente. Os dedos, de unhas pintadas de vermelho, avançaram para os dez dólares por cima do balcão.

Mas a resposta tem de ser exacta disse-lhe, cobrindo a nota com a mão.

tom Highland murmurou, inclinando-se na minha direcção. É o homem que procura.

Onde vive? perguntei.

Aqui no hotel.

Claro. Em que quarto?

Tente uma vez mais.

Ela pareceu amuar e baixou os olhos. Depois, ergueu-os novamente.

Está bem, se é assim que quer comecei a dizer, dobrando a nota dos dez dólares e fazendo menção de a guardar.

Jed Ringold, , mas por amor de Deus não diga quem o informou murmurou, olhando para o elevador e inclinando-se na minha direcção E não entre de qualquer maneira.

A moça dele acaba de subir.

Dei-lhe a nota.

O recepcionista não tirou os olhos de mim e por isso demorei-me um pouco a ver os charutos.

O que é que ele quer? perguntei.

É ciumento respondeu.

O.K. pedi batendo com a mão enluvada no balcão.

Dê-me dois daqueles.

Peguei nos charutos e aproximei-me do balcão do recepcionista.

Tenho estado a jogar póquer, até agora, numa casa desta mesma rua disse-lhe. Quero descansar algumas horas e voltar. Arranja-se alguma coisa mais ou menos no 4.º andar?

O 471 sugeriu-me.

Onde é?

Ao fundo do corredor.

Nada feito.

O 420?

Posso parecer-lhe estranho, mas gosto dos números esquisitos.

O 420 é um número sem vida. Não tem o 470, ou o 490 ou o 421?

Posso dar-lhe o 421.

Quanto é?

Três dólares.

com banho?

Claro.

Tirei três dólares do bolso e passei-lhos por cima do balcão.

Rapaz chamou o recepcionista, ao mesmo tempo que premia o botão de uma campainha.

O rapaz apareceu, saindo do elevador.

Tem de preencher a ficha, Sr.... Sr.... começou a dizer o recepcionista, estendendo-me a chave.

Smith respondi. John Smith. Escreva por mim. Eu vou dormir.

O rapaz ao ver-me sem bagagem olhava-me desconfiado.

Pisga-te daqui, miúdo e sorri disse mostrando-lhe uma moeda na mão.

Ele fez-me um sorriso e levou-me para cima.

Estás de serviço toda a noite? perguntei-lhe.

Não. Saio às 11.

E o elevador?

Passa ao automático.

Ouve, filho disse-lhe. Não quero ser incomodado. Estive a jogar e sinto-me cansado.

Pendure o letreiro no puxador da porta e ninguém o incomodará.

Há jogadores no hotel? perguntei.

Não respondeu-me Mas, ouça, se quiser um...

Não quero interrompi-o. « Ele pensou que talvez eu pudesse mudar de ideias e continuou a andar pelo quarto, descobrindo o cartão «Por favor não incomode», puxando as persianas e acendendo a luz da casa de banho.

Livre-me dele passado um bocado, pendurei o cartão no puxador da 'porta, fechei a porta à chave e pus a corrente de segurança, apaguei todas as luzes, aproximei-me da porta que comunicava com o 419, pus-me de joelhos e lancei-me ao trabalho. Tinha calçado as minhas luvas.

O lugar, exacto para fazer um buraco na porta de um quarto de hotel é junto da almofada, na parte inferior do caixilho. É onde a madeira é mais fina e onde um buraco não atrai tanto as atenções. Um canivete com uma lâmina afiada serve de berbequim.

Sentia-me um vulgar bisbilhoteiro, mas quando a sobrevivência está em causa, não há que discutir. E ainda mais quando se trabalha para Bertha Cool. O facto de me sentir assim não me impediu de conseguir fazer um buraco na almofada e de espreitar.

Alta, sentada no sofá, chorava. Ao fundo via um homem a fumar, sentado numa cadeira. As lágrimas dela não pareciam comovê-lo muito. Só lhe via as pernas e, de vez em quando, a mão quando tirava o cigarro da boca e a pousava no braço da cadeira.

Passados momentos Alta deixara de chorar. Via-lhe os movimentos dos lábios, mas não ouvia o que dizia. Não me parecia propriamente furiosa, mas magoada.

Falaram durante algum tempo e depois o homem moveu a mão que segurava o cigarro. Um segundo mais tarde, consegui ver a outra mão, segurando um sobrescrito. Estendeu-o na direcção de Alta. Ela inclinou-se, pegou nele e meteu-o debaixo do braço sem mesmo ver o que continha. Parecia cheia de pressa. Abriu a bolsa, retirou uma folha dobrada de papel colorido e estendeu-lha. Ele meteu-a no bolso do lado direito do casaco.

Alta ergueu-se rapidamente e pelo movimento dos lábios, percebi: «Meu Deus!». Depois, desapareceu do meu raio visual.

O homem parecia estar a apressá-la. Levantou-se e, por um momento, vi-lhe o rosto. Abandonou o quarto e ouvi o ruído da porta abrir e fechar. A porta ficava mesmo em frente do elevador. Ouvi-o subir, depois o correr da porta uma e outra vez. O homem voltou ao quarto e fechou a porta à chave.

Ergui-me da posição em que me encontrava, sacudi as calças com a palma da mão e, de repente, reparei que a porta de comunicação tinha a chave na fechadura. O trinco era fácil de manejar.

Lentamente, para evitar quaisquer ruídos, fiz rodar o puxador.

Quando já dera a volta completa à maçaneta, apoiei o polegar na ombreira e empurrei a porta facilmente.

Abriu-se uns milímetros.

A porta estivera aberta todo o tempo. Por momentos, pen,, sei abri-la por completo e entrar no quarto, mas depois decidi que não o faria. Fechei a porta e fiz rodar novamente, o puxador com cuidado. Coloquei o trinco que tivera de erguer na posição primitiva e que trancava a minha porta.

Tratava-se de um hotel barato. As carpetes estavam no fio e as cortinas sujas. A colcha da cama tinha um rasgão que fora cosido. Quando mais uma vez olhei para a porta de comunicação, vi que o botão rodava devagar; alguém estava a tentar abrir a porta. Experimentou uma vez e depois desistiu.

Saí para o corredor, fechei a porta à chave, atrás de mim, meti a chave no bolso, dirigi-me ao 419 e bati.

Ouvi o som de uma cadeira a ser arrastada, depois passos e uma voz de homem.

Quem é?

Lam respondi.

Não o conheço.

Trago uma mensagem do chefe.

Abriu a porta e olhou-me. Era alto e tinha o aspecto pró- prio do homem que se sabe suficientemente forte para ninguém o obrigar ao que quer que fosse. As sobrancelhas eram um tanto grossas e uniam-se por cima do nariz. Os olhos eram de um castanho tão escuro que quase pareciam pretos e, para falar com ele, via-me obrigado a inclinar a cabeça para trás.

com mil diabos! Quem é você? perguntou.

Digo-lhe quando me deixar entrar.

Abriu mais a porta para me dar passagem. Entra. Fechou a porta e colocou a corrente.

Sente-se convidou ao mesmo tempo que se encaminhava para a mesma cadeira onde estivera quando falava com Alta; pôs os pés noutra cadeira e acendeu um cigarro.

Como disse que se chamava? perguntou.

Donald Lam.

Sei tanto de si como de grego.

Realmente "nunca me viu antes" retorqui.

Não costumo esquecer facilmente os rostos e não me lembro de si, mas disse-me que trazia um recado.

Sim.

Do chefe?

Sim.

A quem se refere, quando fala do chefe?

O chefe da polícia respondi.

Acendia um cigarro no momento exacto em que pronunciei estas palavras e a chama do fósforo nem sequer tremeu.

Só olhou para mim depois de ter puxado uma longa fumaça.

Diga o que tem a dizer.

Este meu recado refere-se à sua saúde pessoal.

Estou de perfeita saúde e tenciono continuar assim.

Qual é a mensagem, com mil raios?

Não levante o cheque avisei.

Qual cheque?

O que acabou de receber.

Você é o cúmulo do descaramento disse, tirando os pés da cadeira.

Amigo continuei você recebeu vinte mil dólares em cheques, através do Clube de Diversões Atlee. É uma soma demasiado elevada. Tem outro cheque em seu poder, no bolso direito do casaco. Logo que me dê, desapareço imediatamente.

Olhou-me como se eu fosse um espécime raro de peixe tropical, nadando num aquário.

Comecei precisamente agora a interessar-me retorquiu.

Afinal quem é você?

Acabei de lhe dizer quem era e o que desejava. O que tenciona fazer?

Dentro de dez segundos vou pô-lo fora do quarto com tanta força que perderá o equilíbrio foi a resposta.

Levantou-se, dirigiu-se à porta, tirou a corrente, abriu-a e disse-me: Fora!

Ergui-me e escolhi o local exacto para aplicar o golpe, agarrando-lhe o braço direito para depois de o ter sobre o meu ombro o dobrar ao torcer-me, fazendo saltar o corpo dele por cima da minha cabeça.

Avançou ao meu encontro, perfeitamente à vontade.

Esperei que movesse o braço direito.

Não me atacou, no entanto, de modo a permitir que me servisse do treino com Hashita. Apanhou-me de lado e conseguiu agarrar-me pelo colarinho. com a outra mão imobilizou-me.

Tentei libertar-me, mas era o mesmo que querer tirar dos carris um comboio de mercadorias. Senti-me sair a tanta velocidade do quarto que quase me pareceu voar. Estendi as mãos para compensar a força do choque contra

a parede do outro lado do corredor. Agarrei-me à calha do transporte do correio que ficava junto do elevador, mas por pouco tempo, pois logo me obrigou a saltar, aplicando-me um golpe que me derrubou, ao mesmo tempo que erguia o pé esquerdo.

Sei agora como um jogador de futebol se sente quando um adversário o atinge.

A força com que me atacara fez com que ficasse estendido ao comprido no chão, depois de percorridos alguns metros.

Ouvi-o voltar para trás, e fechar a porta à chave. Arrastei-me ao longo do corredor e dobrei a esquina à procura das escadas; depois verifiquei que estas deviam ficar do outro lado e voltei para trás.

Encontrava-me ainda a uns 6 metros do ângulo quando ouvi três tiros.

Um ou dois segundos depois, apercebi-me de passos apressados que se afastavam na direcção contrária.

Corri o mais depressa que pude e dobrei a esquina. A porta do 419 estava aberta e a luz acesa. Olhei para o relógio eram onze e dezasseis. O rapaz do elevador já saíra, deixando o elevador ligado ao *controle* automático.

Premi o botão de chamada e mal o ouvi começar a subir, 'entrei no 419 em bicos de pés.

O corpo de Ringold estava caído no chão em frente da entrada da casa de banho.

O corpo parecia um novelo com a cabeça pendente sobre os ombros.

Os braços estavam torcidos numa posição esquisita. Um dos joelhos estava já dentro da casa de banho. Tinha o braço esquerdo encostado à porta de comunicação com o 421.

Meti-lhe os dedos no bolso direito do casaco e senti uma folha de papel dobrada e perfumada. Não perdi tempo a olhá-la. Tirei-a, meti-a no bolso, voltei-me e saí apressadamente para o corredor. O interruptor ficava junto da porta.

Apaguei as luzes e fiquei por momentos na entrada olhando para um e outro lado do corredor. A única pessoa à vista era uma mulher de uns cinquenta ou sessenta anos, cabelo ondulado, vestida com um robe vermelho e que se encontrava na entrada de um quarto no extremo do corredor.

Ouviu algum tiro? perguntei.

Ouvi.

Penso que vieram do 421retorqui, apontando o dedo na direcção do quarto. vou verificar.

Ela continuou no mesmo sítio.

Tem um cartão na porta de «Não incomodar» disse-lhe bastante alto quando cheguei junto da porta do elevador.

vou falar lá abaixo na recepção.

O elevador estava parado no andar. Abri a porta, desci até ao 2.º andar, saí e esperei.

Nem um minuto passava ainda quando me apercebi que alguém o chamava do 1.º andar e, em seguida, vi-o subir novamente.

O indicador luminoso mostrou-me que parava no 4.º. Desci as escadas a pé e atravessei o átrio. O empregado da recepção não estava por detrás do balcão. A rapariga loura da tabacaria lia uma revista de cinema. Mascava uma pastilha-elástica, movendo os maxilares num ritmo certo.

Levantou os olhos e voltou à leitura da revista.

Quando me vi na rua, tirei o papel dobrado do bolso e olhei-o. Era um cheque de dez mil dólares e assinado por *Alta Ashbury*.

Voltei a guardá-lo e encaminhei-me para o local onde Bertha Cool deixara o carro. Desaparecera. Fiquei uns mi-

nutos à espera mas não via sinais de Bertha. Andei uns três blocos, apanhei um táxi e dei a morada dos correios centrais.

Quando lá cheguei deitei a chave do quarto do hotel numa caixa de correio, apanhei outro táxi e dei a morada de um elegante hotel de apartamentos a uns três blocos da residência de Ashbury. Paguei o táxi e depois de o ver afastar-se, fui a pé até à casa de Ashbury.

O mordomo ainda estava levantado. Abriu-me a porta apesar de Ashbury me ter dado uma chave.

Miss Ashbury ainda está? perguntei-lhe.

Sim, senhor. Chegou há uns 10 minutos.

Diga-lhe que a espero no alpendre pedi e que se trata de um assunto importante.

Muito bem, senhor acedeu depois de me ter olhado pensativamente por momentos.

Saí para o alpendre e sentei-me. Alta demorou 5 minutos a vir ter comigo.

Não aceito qualquer explicação foi a primeira frase que pronunciou de queixo bem erguido depois de uma entrada intempestiva.

Sente-se disse.

Hesitou por momentos e depois sentou-se.

Vou-lhe dizer uma coisa e não quero que a esqueça comecei. Dou-lhe a noite inteira para pensar no assunto.

Estava cansada e nervosa. Adiou um encontro. Foi a um cinema mas não aguentou ficar. Veio directamente para casa e não esteve com mais ninguém. Entendido?

Vim ter consigo porque resolvi arrumar este assunto para sempre. Odeio bisbilhotices e espiões. Julgo que foi a minha madrastra quem o contratou para se inteirar do que se passa. bom, agora já sabe! Podia ter-lhe dito tudo a ela, frente a frente, e quanto à minha opinião a *seu* respeito ultrapassará o desdém. Eu...

Desça à terra interrompi. Sou detective e fui contratado para a proteger.

Para *me* proteger?

Sim.

Isso é o que julga. Lembre-se do que lhe disse. Sentia-se cansada e nervosa. Desfez o encontro. Foi a um cinema mas não aguentou ficar. Veio para casa. Não *estive com mais ninguém*.

Ela olhou-me fixamente.

Julgo que não se dá ao trabalho de conservar o talão de depósitos tão insignificantes como dez mil dólares, ou será que me engano? perguntei retirando o cheque do bolso.

Tornou-se muito pálida e continuou sentada sem conseguir desviar os olhos do pedaço de papel.

Tirei um fósforo do bolso, acendi-o e aproximei-o de um dos cantos. Continuei a segurá-lo até a chama estar quase a queimar-me os dedos e depois deitei-o num cinzeiro. Reduzi as cinzas a pó com a ponta dos dedos.

Boa noite disse, encaminhando-me na direcção das escadas.

Não pronunciou palavra senão quando eu estava junto da porta.

. Donald. Foi mais um grito do que um chamamento.

Não me voltei. Fechei a porta atrás de mim, subi as escadas e fui-me deitar. Não queria que ela soubesse que ele foi assassinado até ler a notícia nos jornais ou a polícia a informar.

Se alguém no hotel soubesse quem ela era e a polícia a quisesse interrogar, teria assim mais oportunidade de mostrar surpresa, choque ou alívio, ou qualquer outra reacção, do que se estivesse preparada.

Demorei um tempo imenso a adormecer.

CAPÍTULO V

O carro da polícia chegou perto das três da manhã. Ouvei as sirenes à distância. Levantei-me e vesti-me, pois queria estar por perto "quando surgissem os acontecimentos; depois lembrei-me da minha própria situação no assunto e voltei a deitar-me.

Os polícias não vinham, porém, à procura de Alta.

Bateram insistentemente à porta da frente até Ashbury a ir abrir. Ao que parecia, desejavam falar com Robert Tindle.

Vesti umas calças por cima das do pijama, enfiei o casaco e avancei em bicos dos pés até ao cimo das escadas, logo em seguida a Tindle ter descido para a biblioteca. Os polícias não falavam em voz baixa e foram directamente ao assunto. Queriam saber se ele conhecia um homem chamado Jed Ringold.

Sim, sim respondeu Tindle. Temos um vendedor com esse nome.

Onde vive? Sabe?

Não. A morada está indicada na ficha que temos no escritório. Porquê? o que aconteceu?

Não fez nada respondeu o polícia. Quando é que o viu pela última vez.

Há três ou quatro dias que não o vejo.

Qual é o trabalho dele?

É um vendedor de acções, ou melhor um informador.

Procura perspectivas de negócios e depois telefona. Em seguida, vai alguém fechar o negócio.

com que género de acções trabalha?

Minas.

E o nome da empresa?

Sociedade de Acções de Hipoteca de Propriedades.

Que género de Sociedade; é essa?

Para informações pormenorizadas disse Tindle, dando a impressão de estar a pronunciar um discurso decorado peço-lhes que consultem o nosso departamento legal C. Layton Crumweather com escritórios nos edifícios Fidelity.

E porque é que não responde à pergunta?

Porque a resposta está relacionada com assuntos de ordem jurídica e na _minha posição de membro da sociedade arriscar-me-ia a colocá-la numa situação de litígio. Se quiserem fazer o favor de me dizer o que pretendem continuou num tom mais amistoso posso-lhes dar mais informações, mas o advogado forneceu-me instruções para não falar despropositadamente, porque todas as minhas declarações se reflectiriam na companhia, e existem uma série de termos técnicos legais que...

Deixe lá, então interrompeu o polícia. Ringold foi assassinado. Sabe alguma coisa sobre o assunto?

Assassinado?

Exactamente.

Meu Deus, e quem o matou?

Não sabemos.

Quando é que foi morto?

Cerca das onze e meia.

Essa notícia é um choque terrível para mim. Não conhecia o indivíduo, intimamente, mas, de qualquer forma, era um colaborador nos negócios. Parker Stold e eu mesmo estávamos a falar a seu respeito, julgo que precisamente nessa altura em que foi morto.

Quem é Parker Stold?

Um dos meus sócios.

Onde estavam a essa hora?

No meu escritório. Estávamos a conversar e a preparar mapas de vendas.

Sabe se ele tinha inimigos?

Sei muito pouco a seu respeito respondeu Tindle.

O meu trabalho relaciona-se principalmente com a política de orientação da firma. O director do pessoal é o Sr. Bernard Carter.

Fizeram mais algumas perguntas e saíram. Vi Alta que saía do quarto em bicos dos pés.

Está tudo bem disse impedindo-lhe a passagem. Vá dormir. Queriam falar com o Bob.

Sobre quê?

Parece que Ringold trabalhava para ele.

Mas porque é que queriam falar com Bob, por causa disso?

Alguém assassinou Ringold disse, achando que chegara à altura de a informar.

Continuou a fitar-me sem falar, quase inexpressivamente;

parecia ter ficado sem respiração. Tirara o *make-up* e vi que os lábios perderam a cor.

Você exclamou por fim. Meu Deus, Donald, você não! não...

Sacudi a cabeça negativamente.

Teve de ser você, caso contrário não poderia ter conseguido...

Cale-se interrompi-a.

Caminhou ao meu encontro com pernas de sonâmbula.

Senti-lhe os dedos na minha mão. Estavam gelados.

O que pensou que ele significava para mim? perguntou.

Não pensei.

Mas porque é que...

Ouçã, estúpida voltei a interrompê-la, conservei o seu nome fora do assunto. Compreende-me? Qual seria a sua posição se tivessem encontrado aquilo?

Apercebi-me de que reflectia no assunto.

Volte para a cama pedi. Não, espere um minuto.

Desça as escadas, pergunte o que aconteceu e o que quer dizer todo este barulho. Eles contar-lhe-ão. É a melhor altura.

No meio da confusão, ninguém prestará atenção às suas expressões ou comportamento. Amanhã estarão mais alerta. Alguém sabe que o conhece? , Não.

Alguém sabe que o ia ver?

Não.

Se lhe perguntarem disse, fuja à pergunta. compreende?

Não minta ainda por enquanto.

Mas como posso fugir se me fizerem essa pergunta?

Continue a fazer perguntas aconselhei-a. É a melhor forma de evitar respondermos. Pergunte ao seu meio irmão porque é que o incomodaram a esta hora da noite.

Pergunte tudo o que quiser e a quem quiser, mas não se comprometa, entendeu?

Acenou afirmativamente com a cabeça.

Vá, agora desça pedi-lhe, empurrando-a ligeiramente na direcção das escadas mas não diga que me viu. Eu volto para a cama.

Voltei para a cama mas não consegui adormecer. Ouvei as pessoas a falarem no andar de baixo, passos na escada e vozes em surdina no corredor. Alguém avançou ao longo do corredor e parou em frente à porta do meu quarto à escuta. Não sabia quem poderia ser. Não fechara a porta à chave. A luz que

iluminara o quarto era suficiente para me permitir descortinar a porta. Fiquei à espera que se abrisse.

Tal não aconteceu.

Passado algum tempo amanheceu. Só nessa altura me senti com sono. Apeteceu-me descontrair. Só agora começava a aquecer os pés, desde que saíra para o corredor. Uma pesada sonolência começava a apoderar-se de todo o meu corpo.

O mordomo bateu à porta. Eram horas de me levantar para ir dar a lição de ginástica a Henry C. Ashbury.

Deu pela agitação de ontem à noite? perguntou-me Ashbury, sem chegar a tirar o pesado roupão de lã.

Que agitação?

Morreu um dos homens que trabalhava na empresa de Robert.

Morreu?

Sim.

Num desastre de automóvel ou como?

Ou como! repetiu. com três tiros de um revólver de calibre 38 acrescentou, passado um momento.

Onde estava Robert? perguntei, fitando-o bem nos olhos.

Onde estava você respondeu-me com uma pergunta, aguentando o olhar.

A trabalhar.

Em quê?

No meu emprego.

Tem alguma pista? perguntou, tirando um charuto do bolso do robe; mordeu a ponta, acendeu e começou a fumar.

Não sei.

O que pensa?

Julgo que estou a fazer progressos.

286 Descobriu quem tem estado a fazer chantagem com ela?

Não estou bem certo de que se trate de chantagem.

Ela não anda por aí a espalhar cheques só pelo prazer de o fazer.

Não.

Quero que acabe com isso.

Acho que sou capaz.

Pensa que é provável que ela faça mais perguntas?

Não sei.

Os seus progressos são muito lentos comentou ; estou a pagar dinheiro para ver resultados.

É Bertha Cool que trata do aspecto financeiro da questão respondi, depois de ter deixado que o silêncio falasse por si.

vou dizer-lhe uma coisa, Donald riu. Chega para todos. Vamos vestir-nos.

Não se manifestou quanto ao motivo das perguntas que me dirigira sobre o local onde estivera ou os meus progressos junto da filha. Não pedi explicações. Subi ao meu quarto, tomei banho e desci para o pequeno-almoço.

A Sr.^a Ashbury estava transtornada. As criadas andavam num vaivém dentro e fora do quarto. Já tinham mandado chamar o médico. Ashbury explicou que a mulher passara uma noite muito agitada. Robert Tindle tinha o ar de ter sido passado por uma máquina de secar. Ashbury não falou muito. Estudei-o disfarçadamente e concluí que os homens que têm dinheiro e o sabem conservar são os mais capazes de o descobrir.

Depois do pequeno-almoço, Ashbury foi para o escritório, como se nada tivesse acontecido. Tindle foi com ele no carro.

Esperei até se afastarem. Depois chamei um carro e dei a morada dos edifícios «Fidelity». C. Layton Crumweather tinha um escritório no 29.º andar. Uma secretária tentou saber informações sobre mim e o que fazia. Disse-lhe que queria pagar uma quantia em dinheiro ao Sr. Crumweather e deixou-me entrar.

Crumweather era um indivíduo magro, de rosto ossudo, onde sobressaía o nariz com os óculos na ponta. A face era um tanto cavada, o que acentuava a boca rasgada.

Como se chama?

Lam.

Disse que me queria fazer um pagamento?

Sim.

Onde está?

Ainda não o tenho.

Quem paga? perguntou, ao mesmo tempo que se lhe formavam duas profundas rugas na testa, fazendo com que o nariz parecesse mais comprido.

Chupistas respondi.

A secretária deixara a porta entreaberta. Crumweather fitou-me com uns olhos pretos que pareciam invulgarmente pequenos para o tamanho do rosto. Em seguida levantou-se, foi até junto da porta, fechou-a com cuidado, voltou para a secretária e sentou-se.

Chupistas respondi.

Pode falar.

Sou um intermediário.

Não tem ar disso.

É isso que faz com que seja bom.

Riu-se, deixando ver os dentes compridos e amarelados, parecendo apreciar a piada.

Continue disse.

É uma proposta de petróleo disse.

De que natureza?

Um terreno formidável com petróleo.

Ele assentiu.

Ainda não tenho o título de propriedade.

Como tenciona consegui-lo?

com o dinheiro pago pelas acções.

Não sabe que não pode fazer essa venda neste Estado, a não ser com autorização do delegado da Sociedade por Acções? perguntou, fitando-me insistentemente.

O que pensa que me trouxe aqui? comentei.

De novo soltou uma risada, balançando-se para a frente e para trás na cadeira giratória, por detrás da secretária.

Você é um tratado, Lam concluiu. Um verdadeiro tratado.

Digamos antes um brincalhão sugeri.

Gosta então de brincar?

Não. Normalmente, sou até muito duro.

Inclinou-se para a frente, apoiando os cotovelos na secretária.

Cruzou os dedos compridos e ossudos, fazendo estalar os ossos. Era um gesto mecânico com características de lobito ameigado.

O que é que pretende exactamente?

Passar por cima de formalidades e vender acções sem o visto do delegado das sociedades por acções.

Impossível. Não existem fugas à lei.

Você é o advogado da Sociedade de Acções de Hipoteca de Propriedades? inquiri.

Continue pediu, olhando-me como se estivesse a observar alguma coisa ao microscópio.

É tudo.

Qual é o seu plano de acção? perguntou, descansando os dedos e começando a tamborilar no tampo da secretária.

vou pôr um bom vendedor em campo. vou começar a chamar as atenções relativamente à possibilidade de existência de petróleo neste terreno.

Não o possui já?

Não.

Ainda que pudesse saltar por cima da lei e conseguir a venda dessas acções nada o livraria da prisão, mediante a acusação de obter dinheiro sob falsas representações.

Essa parte do negócio fica a meu cuidado.

Como?

É segredo. Só quero que me ajude a passar por cima *da* lei a fim de ter alguma coisa para entregar em troca do dinheiro.

Terei um contrato de aluguer.

bom voltou a rir. Esses assuntos não são a minha especialidade.

Eu sei.

Quando quer começar a entrar em acção?

Dentro de um mês.

Deixou cair a máscara, revelando um olhar duro e cobiçoso.

A minha parte são dez por cento.

Sete e meio sugeri, meditando na proposta.

Não me faça rir. Dez.

Concordo.

Qual é o seu primeiro nome?

Donald.

Premiu o botão de uma campainha. Passados momentos apareceu a secretária com um bloco de notas.

Miss Sykes, quero que tome nota de uma carta dirigida ao Sr. Donald Lam. «Caro Senhor: Em referência à sua sugestão de que desejava reorganizar uma sociedade por acções que foi confiscada pelo Estado da Califórnia, torna-se necessário que me envie dados mais especificados, mencionando o nome da sociedade e o fim para que deseja reorganizá-la.

Os meus honorários serão de cinquenta dólares a acrescentar às despesas necessárias. É tudo Miss Sykes.

Levantou-se sem uma palavra, e saiu do gabinete.

Suponho que sabe como tudo se processa disse Crumweather quando a porta se fechava.

Da mesma forma que para a Sociedade de Acções de Hipoteca de Propriedades.

Não falemos dos meus outros clientes.

Está bem. De que quer então falar?

Tem de se responsabilizar por todos os riscos disse Crumweather. vou escrever cartas a confirmar todas as conversas que tivemos e dar-lhe-ei 'cartas a assinar. Tenho uma lista de certas sociedades antigas que foram confiscadas pelo Estado da Califórnia por não terem pago imposto. Estudei-as a todas cuidadosamente. No seu caso pretende naturalmente uma que não fizesse

negócio e contra a qual não existam quaisquer obrigações legais e que tenha distribuído todas as acções ou grande parte delas.

O que tem isso a ver com o assunto? perguntei.

Não percebe? A lei proíbe que uma sociedade emita acções até ter licença do delegado das sociedades por acções.

Depois de ter havido uma primeira emissão torna-se propriedade privada.

E então? perguntei.

O Estado cobra impostos sobre as sociedades por acções e todas as vezes que elas não as pagarem confisca-as, impedindo-as de fazer negócios. Mas podem voltar, no entanto, a plena actividade se pagarem os impostos atrasados e as multas.

Muito bem visto comentei.

Sabe? disse com um sorriso astuto e intruso. Essas sociedades são conchas que guardam artigos negociáveis. Pagamos a licença e os impostos e voltam a funcionar. compramos o «stock» pendente de acções emitidas. Nunca temos de pagar mais de meio cêntimo ou um cêntimo por acção.

É evidente que poucas sociedades correspondem integralmente ao nosso objectivo. Fiz todas as investigações preliminares.

Conheço-as todas. Mais ninguém as conhece além de mim.

Então porque diz na carta que eu terei de lhe indicar o nome da sociedade?

Para minha segurança afirmou. Quero que me escreva uma carta a indicar o nome da sociedade. Eu agirei simplesmente como seu advogado que cumpre as instruções recebidas. Compreenda, Sr. Lam, que a minha segurança tem que estar sempre acima de tudo.

Quando é que me indica o nome da sociedade?

Quando me tiver pago mil dólares.

Na sua carta menciona cinquenta.

Menciono, não menciono caro amigo? repetiu, olhando-me por cima dos óculos. O seu recibo será realmente de cinquenta dólares, mas o pagamento de mil.

E depois disso? ' Depois disso respondeu pagar-me-á dez por cento dos lucros.

Qual a sua segurança contra isso?

Não se preocupe riu-se, cá me arranjarei.

A secretária apareceu com a carta. Ele ajeitou os óculos no nariz com a ponta dos dedos e leu cuidadosamente a carta com os olhos pretos e brilhantes. Tirou uma caneta do bolso, assinou a carta e estendeu-a à secretária.

Entregue-a ao Sr. Lam pediu, Tem a quantia disponível, Sr. Lam?

Neste momento não... a quantia que mencionou, não tenho.

Quando é que a terá?

Provavelmente dentro de um ou dois dias.

Quando quiser terei muito prazer em o ver. Pensei que estivesse mais familiarizado com os processos de rotina nestes casos disse, erguendo-se e estendendo-me a mão de dedos longos e frios. Parecia estar quando chegou aqui.

E estava retorqui, mas detesto falar de lei a um advogado. Prefiro que seja ele a falar-me dela.

É, de facto, um homem inteligente, Sr. Lam sorriu, com um aceno aprovativo de cabeça. E agora Miss Sykes se fizer o favor de me trazer a ficha do caso de Helman contra Helman, dito-lhe uma resposta e contra-queixa. Quando o Sr Lam vier pagar, quero vê-lo pessoalmente e dar-lhe-ei um recibo. bom dia, Sr. Lam.

Até à vista despedi-me e saí.

A secretária esperou que eu tivesse transposto a porta antes de ir buscar a ficha do caso Helman contra Helman.

Fui ao escritório da agência. Bertha Cool já lá estava e Elsie Brand também, sentada à secretária e martelando as teclas da máquina de escrever.

Está alguém com a patroa? perguntei.

Abanou a cabeça negativamente.

Dirigi-me à porta com a indicação de particular e empurrei-a.

Bertha Cool enfiou apressadamente o livro de contabilidade 292 na gaveta da secretária, fechou-a com força e fez rodar a chave na fechadura.

Aonde foi? quis saber.

Segui-a durante um bocado, vi-a entrar num cinema e voltei atrás a procurá-la.

Um cinema?

Acenei afirmativamente.

E o emprego? inquiriu Bertha Cool, fitando-me com um olhar brilhante e perspicaz.

Tudo continua como dantes.

Consegui impedi-la de falar, como? prosseguiu curiosa ante a minha confirmação com a cabeça.

Tratando-a como uma criança respondi; acho que ela <gosta de me ver por perto.

Donald, você tem um sucesso espantoso com as mulheres.

O que é que lhes agrada tanto em si?

Nada respondi.

Pode ser isso realmente concordou medindo-me de alto a baixo. Todos estão, normalmente, a fazer gala da sua altura e virilidade. Você age como se

não ligasse a mínima importância a tais pormenores. Algumas vezes penso que nos desperta o complexo maternal.

Deixemos isso e vamos antes falar de negócios.

Sempre que se quer mostrar duro comigo, amor, já sei que o problema é dinheiro riu.

E todas as vezes que me trata com meiguice já sei que me está a tentar persuadir.

Quanto quer?

Muito.

Não tenho.

É melhor que o arranje.

Donald, quantas vezes lhe disse que não pode entrar aqui e pedir-me somas exageradas para despesas? Donald, você é gastador e extravagante. Não acho que tenha pinta de vigarista, mas não tem olho para o negócio. Só lhe interessa a finalidade.

É um bom negócio disse calmamente. Detestaria vê-lo perder.

Ela sabe, portanto, que é detective?

Sim.

Então, não perderei.

Não? perguntei.

Não, se desempenhar o seu papel.

Só posso desempenhar o meu papel se tiver condições.

Vejam só como ele fala! Julga que a agência é feita de dinheiro!

A polícia começou a entrar em acção na noite passada, ou melhor ao amanhecer.

A polícia?

Sim.

Porquê? O que aconteceu?

Não sei respondi. Dormi a maior parte do tempo, mas parece que o Robert Tindle tinha ao serviço um homem chamado Ringold... ou li no jornal.

Ringold? Jed Ringold? perguntou, quase gritando.

Esse mesmo.

Donald, voltamos ao mesmo acusou, depois de me ter olhado longo tempo.

Ao mesmo como?

Está a apaixonar-se. Ouça, querido, qualquer dia arranja um problema a sério. Você é jovem, inocente e susceptível.

As mulheres são astutas e sagazes. Não estou a englobar todas as mulheres, mas o género das que se costumam servir de si.

Ninguém está a servir-se de mim protestei.

Devia ter pensado melhor retorquiu mas na altura pareceu-me praticamente impossível.

O quê?

Que uma rapariga como Alta Ashbury, com imenso dinheiro, bonita e com um exército de homens interessados nela lhe ligasse. Aconteceu o contrário. Você apaixonou-se por ela e ela limita-se a servir-se de si como capa. Foi a um cinema! A um cinema, meu Deus! Às onze da noite!

Mantive-me em silêncio.

Pegou no jornal e passou uma vista de olhos antes de encontrar as palavras que queria. Assassinado a uns blocos do lugar onde estacionou o carro... você a seguiu-la... a polícia em casa às três da manhã. Ela conhece a sua profissão e ainda temos o emprego.

Bertha Cool inclinou a cabeça para trás e riu, num riso seco e impiedoso. >
Preciso de trezentos dólares.

bom, não os vai ter.

Encolhi os ombros, levantei-me e encaminhei-me para a porta.

Donald, espere.

Parei na expectativa da cena seguinte.

Não compreende Donald? a Bertha não quer ser dura consigo, mas...

Quer que lhe conte tudo? perguntei.

Claro respondeu com um ar de quem tinha ouvido bem.

É melhor pensar no assunto durante vinte e quatro horas e depois comunicar-me o resultado.

A expressão do rosto modificou-se imediatamente, quase num esgar. Retirou uma chave do bolso, abriu a gaveta e mais um compartimento interior com outra chave, contou seis notas de cinquenta dólares que me estendeu.

Lembre-se, Donald, que este dinheiro é para despesas avisou. Não o desbarate.

Não me incomodei a responder-lhe, mas abandonei a sala dobrando as notas de cinquenta dólares. Elsie Brand levantou os olhos da máquina de escrever, viu os maços das notas e soltou um leve assobio de admiração sem deixar de martelar as teclas.

Enquanto segui de táxi para casa de Ashbury, li o jornal da manhã. Ringold foi identificado como um ex-condenado, um antigo jogador e, na altura em que morrera, empregado «de uma influente sociedade por acções». Os associados tinham-se mostrado admirados ao serem informados da folha de cadastro do indivíduo. Embora tivesse um quadro de *pés-*

soal reduzido, a sociedade usara de maior cuidado na selecção dos empregados e chegara à conclusão de que as referências apresentadas por Ringold tinham sido forjadas. Estavam a proceder a investigações.

A polícia estava inteiramente iludida quanto às causas e à forma como o assassinio fora cometido. Cerca de 15 minutos antes da morte, um homem novo, simpático e delicado pedira um quarto onde pudesse dormir algumas horas sem ser perturbado. Walter Markham, o recepcionista que estava de serviço durante a noite, assentou que o homem além de dizer que preferia um número esquisito não exercera pressão para obter o 421. Tinha-lhe dado o quarto 421, subira, pendurara um cartão de «Por favor não incomodar» na porta e, 'ao que parece, começara imediatamente a tentar forçar a moldura da porta de comunicação com o quarto 419 o quarto ocupado por Ringold. Depois fora capaz de, com a ajuda de um formão, fazer mover o trinco. A porta de comunicação dava para um recanto formado por uma parede do 419 e a porta da casa de banho deste quarto. Admitia-se que Ringold ao ouvir um ruído na porta desconfiara e resolvera investigar. Recebera três tiros. Morrera instantaneamente.

O assassino não fizera qualquer tentativa de sair do seu quarto que alugara ou para salvar a vítima. Ao que parece, meteu a arma no bolso, saíra para o corredor e ficara na ombreira da porta a fazer o papel de um hóspede que corraera ao ouvir os tiros. Ninguém o vira sair do hotel. A comprovar o crime ser deliberado e premeditado havia o facto de que uma vez escondido no 421 o homem fizera um buraco no painel da porta, para se certificar da identidade da vítima antes de abrir a porta.

Esther Clarde, a empregada de tabacaria, lembra-se de que um homem novo e atraente seguira uma mulher para o hotel”.

Descrevia-o como um indivíduo de cerca de 27 anos de idade, com feições correctas, uma voz simpática e uma personalidade vincada. Teria cerca de 1,53 m e pesava uns 60 quilos. O empregado de recepção descrevia-o pelo contrário.

Como um indivíduo espertalhão, nervoso, pálido e drogado.

Paguei o táxi, desci em frente da casa de Ashbury e entrei.

A Sr.^a Ashbury estava recostada no divã da biblioteca.

O mordomo disse que ela me queria ver.

Sr. Lam, por favor não se vá embora pediu-me, olhando-me suplicando. Quero que esteja aqui para proteger Robert.

Proteger de quê? perguntei.

Não sei. Acho algo de sinistro em tudo isto. Penso que o Robert corra perigo. Sou mãe dele e é o meu instinto que fala. Dizem que você conseguiu vencer os maiores e melhores lutadores japoneses e os lançou pelo ar como se fossem bonecos. Por favor vigie Robert.

Pode confiar em mim prometi e saí a procurar Alta.

Encontrei-a na estufa. Estava sentada na *chaise-longue*.

Ofereceu-me lugar a seu lado.

Vá, desabafe disse-lhe.

Ela cerrou os lábios e abanou negativamente a cabeça.

Qual era o trunfo de Ringold.

Nenhum.

Devo, então, supor que os três cheques de três mil dólares se destinavam a uma instituição de caridade. Não me admiro que andasse a pedir dinheiro para o bem da comunidade Os três? exclamou com uma expressão de espanto no rosto.

Sacudi a cabeça afirmativamente.

Como soube?

Sou detective. A minha profissão é averiguar.

Muito bem respondeu impulsivamente, então descubra também porque é que os paguei.

Pode estar certa disso retorqui, fazendo menção de me levantar.

Não faça isso pediu, prendendo-me pela manga.

O quê?

Deixar-me Então desça à terra.

Levantou os pés do chão e encolheu os joelhos, aproximando os calcanhares da borda do assento.

Donald, conte-me o que fez e como descobriu tudo sobre...

bem, você sabe a que me refiro.

Não, não digo. Aliás você não quer saber nada sobre mim.

Porquê?

A nada a conduziria.

Então por que motivo se interessa por mim?

Para a poder ajudar.

Já fez bastante por mim.

Nem sequer comecei ainda.

Donald, não há nada que possa fazer por mim.

Qual era o trunfo de Ringold?

Nenhum, já lhe disse.

Nem por um momento a deixei de fitar. Até que começou a sentir-se pouco à vontade.

Nunca a considerei do género capaz de mentir. continuarei depois. Deu-me sempre a impressão de que detestava a mentira.

E detesto respondeu.

Mantive-me silencioso.

Não tem nada com isso explodiu. Um dia destes a Polícia vai começar a interrogar-me. Se não souber o que lhes dizer, não deitarei nada a perder, mas se souber, é provável que tal aconteça. Nessa altura não o deixarão em paz. Estou metida num beco sem saída continuou, ainda hesitante.

Conte-me o que se passa.

Não é nada do que possa pensar.

Não estou a pensar em nada de concreto.

No Verão passado tomei parte num cruzeiro aos mares do Sul começou a contar. Conheci alguém no barco por quem me interessei e, bem sabe como isso é!

Imensas mulheres fizeram cruzeiros aos mares do Sul, encontraram pessoas por quem se interessaram e não tiveram de pagar trinta mil dólares ao voltar para casa.

O homem a que me refiro era casado.

O que disse a mulher?

Nem cheguei a conhecê-la. Ele escreveu-me e as suas cartas eram... eram cartas de amor.

Não sei que tempo nos resta disse-lhe; quanto mais perder menos temos.

Não estava verdadeiramente apaixonada. Tudo foi apenas um *flirt* a bordo. Julgo que o verdadeiro culpado foi o mar.

Era o primeiro cruzeiro?

Claro que não. Fiz bastantes na minha vida. Muitas raparigas os fazem pelo mesmo motivo. Algumas vezes consegue-se encontrar o verdadeiro amor. Muitas casam e vivem felizes depois.

Não é esse o seu caso?

Não.

No entanto divertiu-se.

Bem, tem de se arranjar uma forma agradável de passar o tempo. Depois dos primeiros dois ou três dias sabe se logo se há alguém a bordo, de interesse. Normalmente há sempre um indivíduo simpático que mereça um flirt. Mas não é verdadeiramente com *ele* que se tem o *flirt*, é como se nos sentíssemos personagens de um romance.

Esse tal indivíduo era casado?

Sim.

E estava separado da mulher?

Não. Disse-me mais tarde que os dois tinham decidido passar férias separados.

Onde foram as dela?

Duvido que as tivesse tido. Ela trabalhava para uma grande companhia petrolífera com empreendimentos na China. Teve de lá ir verificar os livros quando resolveram fechar a filial de Xangai.

Porquê todas essas suspeitas?

O patrão foi com ela. Iam no mesmo barco. Se não me engano com outros interesses além dos profissionais.

E depois?

Asseguro-lhe, Donald continuou, que havia muita coisa nele que não me agradava. E outras também que me atraíam imenso. Transbordava de alegria de viver e... era divertido.

Quando regressou não sabia ainda que ele era casado?

Não fazia a menor ideia.

Ele apresentou-se como solteiro?

Incorrigível.

E depois?

Escreveu-me algumas cartas.

Respondeu-lhe?

Não. Nessa altura tinha descoberto que ele era casado.

Como se chama?

Está quase a saber.

Porque não me diz agora?

Não. Primeiro quero que saiba como tudo se passou.

Era Ringold?

Que ideia! Não.

Continue, então.

Não lhe respondi às cartas porque sabia que ele era casado, mas gostava de as receber. Eram cartas de amor, como lhe disse, mas cheias de recordações da viagem que fizemos juntos. Havia algumas maravilhosas. Uma vez o navio ancorou em Taiti já a noite ia adiantada. As bailarinas nativas dançavam na praia em redor das fogueiras. Não existem palavras que possam descrever o espectáculo. Apenas distinguíamos pequenos pontos vermelhos salpicando a praia. Ao aproximarmo-nos, os corpos das bailarinas foram tomando formas definidas, naquela dança em redor do fogo. Ouvíamos aquele som peculiar dos tambores *Tap-tap-tap! Tap-tap-tap! Tap-tap-tap!*.

Em seguida reavivaram as fogueiras. As luzes do barco incidiram sobre a praia e as bailarinas, vestidas apenas com saias de folhas e marcando o ritmo com os pés, dançavam, dançavam sempre num crescendo que atingia a violência. A um determinado sinal, iniciavam uma espécie de corrida em redor das fogueiras. Ele recordava-me tudo isso... e outras coisas. Eram cartas maravilhosas. Guardei-as e lia-as sempre que me sentia triste. Eram tão reais...

Soa ao género de história que as revistas costumam pagar comentei. Não percebo porque se viu obrigada a pagar trinta mil dólares por cartas que não escreveu.

Prepare-se, porque vai receber um choque respondeu.

Está a tentar dizer-me que as cartas despertaram em si um sentimento que a presença dele não conseguia? Que...

Não, não, não! protestou corando. Não seja estúpido.

Não posso imaginar mais nada capaz de valer trinta mil dólares para uma mulher com independência.

Compreenderá quando lhe contar.

Então, continue.

O homem chamava-se... começou.

O que tem o nome a ver com tudo isto? perguntei.

”- Hamptun G. Laster rematou, finalmente, soltando um suspiro profundo.

É um nome cómico para provocar paixões respondi.

Pela forma como o pronunciou até parecia que o estava a ligar a algo importante. O que é ele? Um...interrompi-me a meio da frase ao mesmo tempo que uma ideia me atingia como uma pancada. Olhei-a e vi-lhe a confirmação no rosto.

Meu Deus exclamei. É o homem que assassinou a mulher.

Ela assentiu com a cabeça.

Não houve julgamento?

Ainda não. Só uma audiência preliminar. Estava sob fiança.

Houve alguma coisa entre si e ele? perguntei, agarrando-lhe os ombros e voltando-a para mim, a fim de a fitar bem nos olhos.

Ela sacudiu a cabeça negativamente.

Tornou a vê-lo depois de voltar?

Não.

E nunca lhe escreveu?

Não.

O que aconteceu às cartas dele?

Era à sua devolução que se destinava o dinheiro.

Como é que Ringold as conseguiu?

Alguns detectives espertos que trabalhavam para o advogado do Distrito pensaram que para constituir uma acusação perfeita contra Laster precisavam de um móbil que influenciasse a decisão do júri. Investigaram a vida de Laster em pormenor. Ele não forneceu explicações satisfatórias relativamente ao período de oito semanas no Verão passadas longe da mulher. Os detectives não conseguiram descobrir onde ele estivera. ' Ao rebuscarem um barracão, encontraram uma velha mala que tinha uma etiqueta com o nome de um navio. Investigaram e descobriram que fizera uma viagem aos mares do Sul;

conseguiram uma lista dos passageiros e entrevistaram-nos.

Depois foi fácil descobrir que Laster se interessara indubitavelmente por mim durante o cruzeiro.

Mesmo assim retorqui , se respondesse com discrição não lhes forneceria factos concretos, pelo menos se ele não falasse.

Mas não compreende? O que descobriram era exactamente o que procuravam. Esperavam pela oportunidade certa para conseguirem entrar em minha casa numa altura em que eu estava ausente e revistaram o quarto. Encontraram as cartas. Sabe o que isso significava. Podia jurar sobre um monte de Bíblias com um quilómetro de altura que não escrevera a Laster nem o vira desde que soubera que ele era casado, que ninguém me acreditaria.

Porque comprou as cartas em três pagamentos?

Eram três detectives explicou. Depois de se apoderarem das cartas, meditaram um pouco sobre o assunto. O ordenado que recebiam era baixo. Se entregassem as cartas ao advogado Distrital, nem mesmo seriam aumentados. Sabiam que eu era rica e decidiram o assunto da forma que mais lhes convinha e, é claro, sem se envolverem directamente.

Arranjaram Ringold como intermediário. Não sei quanto lhe dariam mas o combinado foi que eu fizesse o pagamento por três vezes.

Meti as mãos nos bolsos e estendi as pernas, cruzando os tornozelos, e fiquei a olhar pensativamente para os dedos dos pés, tentando imaginar o cenário não como ela o via, mas descobrindo aspectos que ela desconhecia.

Agora que começara a falar não havia nada que a fizesse parar.

Para uma mulher como eu, a situação era horrível. O advogado está ansioso por conseguir uma condenação. Em primeiro lugar não sabem se foi um acidente em que ela caiu e bateu com a cabeça, ou se foi Laster que a atingiu com qualquer coisa. E em segundo lugar, mesmo que o advogado de acusação pudesse provar que fora Laster que a atingira, o advogado de defesa podia trazer à luz a viagem de Xangai, e tentar apresentar o caso como causado por perturbação emocional ou basear-se em qualquer dessas notícias capazes de influenciar a decisão do júri.

«O advogado distrital podia evitar tudo isso, desde o princípio, se se apresentasse uma série de dados a meu respeito para dar a entender que Laster estava preso a mim e que se queria ver livre da mulher para poder casar comigo. Eu era rica e .. bem, não propriamente feia. Podia apresentar-me ao júri sob uma feição completamente negativa e, se tivesse essas cartas, podia destruir Laster por completo no momento em que se apresentasse para depor e tentasse negar, ou tirar as piores conclusões se Laster não tentasse negar.

Continuei a pensar sem pronunciar palavra.

Quando os detectives se apoderaram das cartas, pensaram que o advogado de Hampton as pudesse comprar, mas Hampton não tem muito dinheiro. Acho que foi o advogado que lhes sugeri que se servissem de Ringold como intermediário para me apanhar o dinheiro.

Quem é o advogado?

C. Layton Crumweather respondeu. Ele é, por acaso, o advogado que trata de todos os assuntos jurídicos da sociedade de Bob, e tenho estado

apavorada com a ideia de que ele diga alguma coisa. Acho também, no entanto, que se pode confiar no silêncio desse gênero de advogados.

Tem a certeza de que Crumweather conhece a existência das cartas? perguntei.

Ringold disse-me que sim e supõe que Laster lhe tenha, também, falado. Segundo julgo, quando alguém é preso por assassinio conta tudo ao advogado, sem se importar com quem poderá sofrer as consequências.

-*Sim*, acho que sim concluí.

É claro que Crumweather não está interessado em que as cartas vão parar às mãos do advogado distrital disse ele. É claro que ele pretende uma absolvição. As cartas constituíam uma prova contra o seu cliente. Por tudo o que ouço dizer, Crumweather parece um indivíduo muito esperto.

Levantei-me e comecei a andar de um lado para o outro.

Não abriu o sobrescrito que ele lhe deu a noite passada?

exclamei, voltando-me de repente.

Então, Donald, você também estava no quarto? perguntou de olhos muito abertos.

Isso não interessa. Não abriu o sobrescrito?

Não, porque vi Ringold meter as cartas no sobrescrito e fechá-lo depois. Agiu, precisamente, como das outras vezes.

Mostrou-mas e depois...

Abriu o sobrescrito quando chegou a casa? perguntei.

Não. Tanta coisa se passou desde então que...

Queimou-o?

Ainda não. Preparava-me para o fazer, quando...

Como é que pode ter a certeza de que não se tratou de uma armadilha preparada pelo advogado distrital? perguntei.

Como? disse surpreendida.

Ele quer usar essas cartas como prova para o móbil do crime. De nada servirá apresentar cartas que Laster lhe tenha escrito a não ser que possa, igualmente, apresentar respostas suas. Mas se tiver possibilidades de provar que pagou trinta mil dólares para as recuperar, seria ouro sobre azul.

. Mas, Donald, não compreende? Ele não terá as cartas.

Ele...

Onde guardou o sobrescrito?

Num lugar seguro.

Vá buscá-lo.

Está em lugar seguro. É demasiado arriscado...

Vá buscá-lo.

Talvez seja, de facto, mais experiente que eu disse, depois de me olhar uns momentos.

Subiu as escadas. Passados cinco minutos voltou com um sobrescrito fechado.

Tenho a certeza de que são estas as cartas. Vi que Ringold as metia dentro do sobrescrito. Depois fechou-o. Fez exactamente o mesmo das outras duas vezes. Mostrou-mas e depois meteu-as no sobrescrito que fechou...

Sem esperar que acabasse de falar, estendi o braço, arranquei-lhe o sobrescrito da mão e abri-o. Lá dentro havia meia dúzia de sobrescritos. Abri cada um deles e todos continham papel em branco, cuidadosamente dobrado com o timbre do hotel onde Ringold fora assassinado.

Olhei para Alta Ashbury. Se naquela momento a estivessem a conduzir para a câmara de gás de San Quentin, não teria um ar tão assustado.

CAPÍTULO VI

Bertha estava à minha espera no automóvel da agência para me conduzir à lição de jiu-jitsu. Tinha um jornal da tarde dobrado no assento a seu lado e parecia nervosa.

Desta vez não conseguirá escapar, Donald disse-me.

Escapar a quê?

Eles apanhá-lo-ão.

Não, enquanto não tiverem uma pista segura.

-Mas mais cedo ou mais tarde, prendê-lo-ão. Meu Deus, porque fez aquilo?

Que mais podia fazer? Tinha alugado o quarto ao lado e feito um buraco no painel da porta. Não tinham posto o trinco do lado de lá da porta. Só me restava perder, ganhar ou ficar-me, e resolvi agir.

Mas porque é que entrou no quarto de Ringold?

Porque não? De qualquer maneira, se me deitassem a mão estava perdido.

Está a tentar proteger a rapariga uma vez mais, Donald.

Mantive-me silencioso.

Tem que me pôr ao corrente de tudo o que se está a passar. Meu Deus, suponhamos que a polícia o apanhava?

É claro que faria o impossível para o tentar libertar. Mas como, se desconheço os factos?

Não pode conduzir e falar ao mesmo tempo avisei.

Dê a volta e deixe-me ir para o volante.

Fizemos a troca.

Fiz bem comecei. Alta Ashbury estava a ser vítima de chantagem. Não interessa porquê. A pessoa que lhe extorquia dinheiro era um tal advogado chamado Crumweather, C. Layton Crumweather.

Isso não faz sentido retorquiu. Ela devia ter ido encontrar-se com Ringold. A descrição adaptava-se-lhe e .

Pode ser que a descrição condiga realmente com a dela e pode até ser verdade que tenha ido ver Ringold, mas o verdadeiro chantagista era Crumweather.

Como pode estar tão seguro?

Ele estava interessado em conseguir algum dinheiro para defender um cliente seu um homem acusado de ter cometido um crime.

Quem, amor?

Esqueci-me como se chamava.

Olhou-me demoradamente.

Agora continuei, a única maneira de conduzirmos o assunto para podermos ilibar Alta e livrar-me de sarilhos, é arranjar maneira de combater Crumweather. Ele é um advogado desonesto.

Todos são.

Isso é parvoíce. Dois por cento são, realmente, desonestos e diabolicamente espertos. Cobrem grande parte do terreno. Alguns dos honestos são estúpidos. Os desonestos não se podem dar a esse luxo.

Defenda os advogados se quiser, mas impinja-me toda essa droga que se está a passar.

Crumweather continuei está a especializar-se em encontrar uma boa saída para a «Lei do Céu Azul».

Não é capaz. Já muitos o tentaram.

Qualquer lei pode ter uma saída; não interessa qual respondi.

bom, eu não estudei; você percebe mais desses assuntos.

Há, realmente, uma saída. Crumweather encontrou-a e está a aproveitar-se das antigas sociedades por acções que foram confiscadas pelo Estado por não pagarem impostos, para as pôr novamente em funcionamento, mas dedicadas a um ramo comercial inteiramente) novo. Para o conseguir, compra em primeiro lugar as acções da sociedade confiscada.

Nem podem ser utilizadas, precisamente da forma que ele pretende. Necessita, primeiro, de uma sociedade que tenha distribuído, praticamente, todas as acções e não tenha obrigações.

Compra as antigas acções que se tornaram propriedade privada nas mãos de um comprador de boa-fé, e faz com que a sociedade entre de novo em funcionamento. Descobre os fins para que os seus clientes vão vender as acções e dá-lhes uma percentagem de dez por cento em cada uma vendida. Instrui os clientes no sentido de evitarem a aparência de uma venda geral ao público, mas mantêm-nos antes numa posição de efectuarem transacções particulares e individuais.

E daí? perguntou.

Nunca o conseguiremos acusar de chantagem disse.

É muito esperto e sabe defender-se. A única maneira de o pôr entre a espada e a parede é dar-lhe um golpe neste negócio das sociedades por acções. Não vai ser nada fácil, pois ele é mocho sabido.

Como conseguiu descobrir tudo isso? quis saber Bertha, olhando-me fixamente.

Gastando o dinheiro das despesas disse, o que a deixou sem resposta.

Que tal vão as coisas entre si e a rapariga?

Bem.

Ela confia em si?

Acho que sim.

Então a agência continua a poder agir, não é assim?

disse, soltando um suspiro de alívio.

Provavelmente.

Donald, você é uma maravilha.

Já contratei Crumweather, fazendo-me passar por um cliente em perspectiva ataquei, aproveitando a oportunidade.

Pensei que seria suficiente, mas ele é demasiado sabido.

Para cada um dos seus actos, arranja uma defesa. Só há uma maneira de o apanhar.

Qual? Tornar-me um inocente comprador de algumas das acções numa das sociedades que ele faz entrar em funcionamento.

O que o leva a pensar que é Crumweather quem faz a chantagem?

Tem de ser ele. Só assim o *puzzle* fica completo. Há pouco ainda pensei que tudo pudesse ser uma armadilha do advogado distrital, mas não é; caso contrário já se teriam revelado. Crumweather é representante de um cliente num caso importante que vai apaixonar a opinião pública. É a sua oportunidade de criar nome. Podia fazer tudo isso simplesmente por uma questão de publicidade, mas Crumweather não tem esse género de personalidade. Viu que havia uma oportunidade de exercer pressão sobre Alta Ashbury e de lhe extorquir dinheiro. Foi o que fez. Conseguiu apanhar-lhe vinte mil dólares. com os últimos dez mil, as coisas não correram tão bem.

Donald, vou fazer-lhe uma pergunta e quero que me responda com verdade absoluta.

O quê Foi você o assassino?

O que pensa?

Não o acho capaz disso Donald. Não vejo uma possibilidade em dez mil de o ter feito, mas tudo leva a crer...

bom, você sabe muito bem. Considero-o capaz de se apaixonar doidamente por uma rapariga e cometer um acto desesperado para a salvar.

Abrandeí num sinal vermelho e bocejei.

com o seu sangue-frio e se pesasse mais uns vinte quilos seria uma mina de ouro para a Bertha.

É pena! comentei.

Por momentos mantivemo-nos sem falar e fui o primeiro a quebrar o silêncio.

vou precisar de uma secretária e de um escritório disse. Ou contrato uma ou terá de me ceder Elsie Brand.

Está doido, Donald? Não lhe posso arranjar um escritório.

Isso custa dinheiro, muito dinheiro mesmo. Tem de arranjar outra forma de pôr o seu plano em acção e além disso não posso dispensar a Elsie Brand por meio dia que seja.

Continuei a guiar sem dizer palavra e Bertha amuou.

Está bem, concordo, mas não ande para aí a espatifar o dinheiro acabou por ceder, quando arrumei o carro em frente do ginásio do japonês.

Entrámos no ginásio e o japonês não me poupou. Fazia de mim o mesmo que um jogador de basquetebol com a bola.

Deu-me uma ou duas oportunidades para o derrubar e eu dei o meu melhor, mas nunca conseguia elevá-lo e fazê-lo cair no colchão como ele a mim. Ele arranjava sempre forma de se torcer no ar e cair de pé com um sorriso.

Estava farto até à ponta dos cabelos. Odiava as lições desde que tinham começado. O japonês disse-me que eu estava a fazer progressos.

— Depôs do duche, comuniquei a Bertha que me teria de arranjar o escritório no espaço de uma semana. Recomendei-lhe que não se esquecesse de que a porta devia ter uma tabuleta com o nome que lhe dei. O mobiliário devia ser de boa qualidade e Elsie Brand, a minha secretária, eficiente e pronta a tomar apontamento das cartas que lhe quisesse ditar.

Ela espumou e barafustou, mas acabou finalmente por se acalmar. Prometeu telefonar-me ao fim da tarde e dar-me a morada do escritório.

Nessa noite, antes do jantar, Henry Ashbury convidou-me a tomar um *cocktail* no seu gabinete. Acedi.

O mordomo trouxe-nos os *cocktails para* uma sala pequena, em que se viam algumas armas penduradas na parede, troféus de tiro ao alvo e algumas poltronas. Era o recanto de Ashbury a que ninguém tinha acesso sem o seu convite especial, ou melhor, uma espécie de refúgio das lamentações contínuas da mulher.

Está a fazer progressos em relação a Alta disse-me repentinamente, depois de termos falado algum tempo de banalidades, enquanto bebíamos os *cocktails*.

Sempre estive encarregado de lhe conquistar a confiança, não é assim?

Sim, e consegui mais do que isso. Quando você está presente, ela não afasta os olhos de si.

Bebi um pouco mais do *cocktail*.

Alta passou o primeiro cheque no dia 1 e o segundo no dia 10 disse ainda. A haver um terceiro cheque, teria sido passado a 20, ou seja ontem.

E o quarto no dia 30 comentei.

Ela foi sair na noite passada.

Sim. Foi a um cinema.

E você também saiu.

Tinha umas coisas que fazer.

Seguiu-a?

Sim, se é essa a resposta que pretende.

Até onde?

Até ao cinema.

Bebeu rapidamente o resto do *cocktail* e soltou um suspiro de alívio. Pegou no *shaker* e voltou a encher os nossos copos até acima.

A minha opinião a seu respeito é muito favorável concluiu.

Obrigado.

Vi que hesitava em continuar a falar e resolvi ajudá-lo.

Comigo não precisa de se servir de subterfúgios. Diga o que tem a dizer de uma vez e tire esse peso de cima.

310 Bernard Carter viu Alta na noite passada revelou, parecendo aliviado.

A que horas?

Pouco depois... bem, pouco depois dos tiros.

Onde?

Um bloco abaixo do hotel onde assassinaram Ringold.

Levava um sobrescrito na mão e caminhava rapidamente.

Foi Cárter quem lhe contou isso?

Não. Contou à Sr.^a Ashbury, que por sua vez me contou a mim.

Cárter não lhe falou?

Não.

Ela não o viu?

Não.

Cárter está enganado afirmei. Fui sempre atrás dela.

Alta estacionou o carro perto do hotel onde assassinaram Ringold mas não entrou lá. Foi a um cinema. Eu segui-a.

E depois do filme?

Não ficou muito tempo contei. Saiu e voltou a entrar no carro. Ah, é verdade. Parou no caminho para deitar uma carta no correio.

Ashbury continuou a fitar-me sem pronunciar palavra.

Julgo que marcou um encontro com alguém no cinema e que esse alguém não apareceu continuei.

Não seria Ringold? arriscou.

O que o leva a pensar nele? perguntei, fazendo um ar surpreendido.

Não sei. Foi uma pergunta que fiz a mim mesmo.

Então desista desse género de perguntas.

Mas *podia*, realmente, tratar-se de Ringold?

Que interessa isso se ele não apareceu?

Mas *podia*?

Podia ser qualquer pessoa, com mil diabos! Já lhe disse que ela estava no cinema.

Por momentos ficou silencioso e aproveitei para o interrogar.

Sabe alguma coisa sobre a sociedade do seu enteado?

Aquela de que ele é presidente? Conhece a actividade a que se dedica?

Querem-me fazer acreditar que descobriram a galinha dos ovos de ouro, mas não estou interessado em saber pormenores.

Quem está encarregado de mascatear as acções?

Preferia que não utilizasse esse termo. É como se se tratasse de um negócio desonesto.

Sabe muito bem a que me refiro.

Sim, sei, mas preferia que não abordasse o assunto dessa forma.

Está bem, empregue os termos que quiser, mas diga-me quem mascateia as acções?

Algumas vezes, Lam retorquiu, olhando-me pensativamente, essa sua impaciência fá-lo ser insolente.

Continuo sem saber quem as mascateia.

Nem eu. Segundo creio, têm uma rede de vendedores altamente treinados.

Os sócios não vendem?

Não.

Era tudo o que me interessava saber.

Eu ainda quero saber mais.

Ergui as sobrancelhas.

Leu o jornal da tarde?

Sacudi a cabeça, negativamente.

Encontraram impressões digitais. Retiraram uma boa porção da porta e do puxador do quarto do hotel. Julgo que o homem que procuravam é um tanto parecido consigo.

Há imensa gente parecida comigo retorqui e a maioria são empregados em lojas de fazendas.

Se você tivesse um corpo igual ao cérebro, seria invencível É um cumprimento ou uma crítica?

Um cumprimento.

Obrigado.

Acabei o *cocktail* e recusei outro. Ashbury tomou mais dois seguidos.

Um homem na minha posição tem oportunidade de conseguir informações financeiras que podem não estar ao alcance de qualquer pessoa disse Ashbury Aceitei um dos cigarros que me oferecia e dispus-me a ouvir mais.

Isto é principalmente verdade nos círculos bancários.

Continue. E então?

Talvez o intrigue o facto de ter descoberto os cheques de dez mil dólares passados por Alta.

Consegui adivinhar o que se passara.

Que fora através do Banco?

Sim.” .

Bem, não foi exactamente através do Banco, mas através de um amigo que trabalha lá.

Não é o mesmo? perguntei.

Para o Banco não retorquiu com um sorriso.

Continue.

Recebi mais algumas informações do Banco esta tarde.

Quer dizer, do seu amigo do Banco?

Sim confirmou, com uma risada.

O Clube de Diversões Atlee telefonou para o Banco contou ao ver que eu não o interrogava e disse que lhe tinham roubado um cheque a pronto pagamento, com a assinatura de Alta Ashbury e no valor de dez mil dólares. Queriam ser informados se alguém se apresentara para o receber; afirmaram que assinariam uma queixa, sob acusação de roubo.

O que lhe disse o Banco?

Que telefonassem a Alta para que esta desse ordem de suspensão de pagamento.

Fizeram, portanto, uma chamada.

Sim.

A pessoa do outro lado da linha identificou-se como pertencendo ao Clube de Diversões Atlee?

Sim.

Era voz de homem ou de mulher?

De mulher. Disse que era contabilista e secretária do director.

Qualquer mulher pode dizer isso que o efeito é o mesmo, no outro lado da linha.

Pensou nas minhas palavras e concordou com um aceno de cabeça.

Os *cocktails* começaram a fazer efeito. Tornou-se mais expansivo.

Inclinou-se para a frente e pôs a mão, amistosamente, no meu joelho.

Lam, meu rapaz disse. Gosto de si. Há em si uma espécie de competência inata que inspira confiança. Acho que Alta é da mesma opinião.

Sinto-me contente por estar a cumprir bem a minha obrigação.

Por momentos pensei que não o faria. Considerei tudo perdido.

A Alta é bastante esperta, sabe?

Não é parva nenhuma. Parece passada a papel químico acrescentei, por saber que era essa a resposta que ele esperava.

O rosto iluminou-se-lhe, mas logo deixou transparecer preocupação.

Tenho a sensação de que sabe o que está a fazer, Lam, mas se roubaram um cheque de dez mil dólares e se a pessoa que o apresentar para pagamento se vir numa situação perigosa, fizer certas declarações e...

Não se preocupe com isso. Nada acontecerá.

Se tivesse lido os jornais continuou, significativamente estaria ao Corrente de que as testemunhas fizeram descrições bastante contraditórias deste

misterioso John Smith. As próprias contradições dessas descrições são reveladoras para quem conhece a natureza humana. A jovem apresenta John Smith sob feição muito mais simpática.

Não disse uma palavra.

Sabe, Lam, confio muito na sua discricção relativamente a este assunto. Espero, é claro, que um zelo excessivo da sua parte não tenha vindo criar uma situação mais difícil do que a que lhe pediram que resolvesse.

Seria *embaraçosa*, não?

Muito. Não se abre muito, pois não?

Prefiro agir sozinho, sempre que posso.

Poderia confiar ilimitadamente em si, Donald, meu rapaz.

Ilimitadamente, compreende, desde que soubesse uma coisa.

O quê?

Se nos seus planos tomou em consideração o perigo do aparecimento desse cheque de dez mil dólares.

Era a altura para um xeque-mate a que não pude resistir.

Sr. Ashbury anunciei *calmamente*, queimei esse cheque de dez mil dólares, na sua estufa, a noite passada. Reduzi as cinzas a pó com as pontas dos dedos. Pode afastar as suas preocupações a esse respeito.

Fitou-me com os olhos tão arregalados que por momentos pensei que os óculos lhe cairiam até à ponta do nariz; depois pegou na minha mão e começou a agitá-la para cima e para baixo. Tomei em consideração os quatro *cocktails*, mas mesmo assim, foi uma demonstração exageradíssima.

Você é formidável. Absolutamente extraordinário. Foi a última vez que lhe fiz qualquer pergunta. A partir de agora tem carta branca para proceder como achar melhor. É fantástico;

simplesmente fantástico.

Obrigado agradece. Sabe que isto lhe vai custar dinheiro.

Quero lá saber... Bem, não será exactamente assim, mas...
sabe o que quero dizer.

Às vezes a Bertha faz pequenas economias que resultam em grandes perdas Não precisa de fazer isso. Explique-lhe. Diga-lhe que...

O que *lhe* posso dizer não serve de nada interrompe-o.

Já faz parte dela.

Então, explique-me a sua ideia.

Alguma vez lhe ocorreu perguntei que eu possa ter de subornar alguém?

Não.

Bem, mas é uma possibilidade a ser tomada em consideração.

Se se vir numa emergência respondeu Ashbury, embora não parecendo muito satisfeito venha ter comigo e...

Digo-lhe quem estou **a subornar, quanto tenho de pagar e** porquê?
perguntei.

Bem, sim.

E depois se alguma coisa correr mal e o apanharem, volta-se o feitiço contra o feiticeiro e implicam-no a si.

Quanto quer? perguntou, ao mesmo tempo que empalidecia.

É melhor dar-me mil dólares. Guardo-os para o caso de precisar. Posso vir a pedir-lhe mais.

É muito dinheiro, Donald.

Só por perguntar quanto dinheiro tem? disse.

Não percebo a relação com o assunto exclamou corando.

Quantos filhos tem?

Só uma, claro.

Permaneci silencioso enquanto ele pensava. Vi a ideia ir por água abaixo. Tirou a carteira do bolso de dentro do casaco e contou dez notas de cem dólares.

Percebo onde quer chegar, Donald, mas lembre-se de que não sou milionário.

Um homem com dinheiro está em posição de vantagem relativamente a um que não o tem disse. Quando se vê metido num sarilho, pode comprar a solução com dinheiro.

Seria uma loucura não pôr jogo na mesa com tantos trunfos.

Tem razão. Mas não acha, Donald, que me poderia contar alguns pormenores? Gostaria de os saber acrescentou, passado um momento.

Gostaria mesmo? perguntei, fitando-o bem nos olhos.

Porque não?

Segundo as minhas regras de jogo, os meus clientes desconhecem tudo respondi.

Eu não penso da mesma forma retorquiu, franzindo as sobrancelhas.

E além disso continuei a Polícia nunca os pode acusar de serem cúmplices.

Deu um salto como se lhe tivesse espetado um alfinete.

Piscou os olhos quatro ou cinco vezes, rapidamente, e depois ergueu-se apressadamente.

Muito bem pensado, Donald, muito bem pensado. bom, penso que por hoje conversámos tudo. vou estar bastante ocupado agora, Donald, e não terei oportunidade de lhe falar.

Quero, unicamente, que saiba que vou deixar o assunto nas suas mãos.

Deu por terminada a conversa tão rapidamente como se eu tivesse sido acometido de varíola.

E tinha. Variola legal.

Cerca das oito horas da noite, Bertha Cool telefonou.

Disse-me que tivera um trabalho imenso a arranjar um escritório do género que eu queria, mas que por fim conseguira.

Estava em nome de Charles E. Fischler, tinha o número 622 e ficava no Edifício dos Comuns. Elsie Brand tinha as chaves e iria abrir a porta às nove horas da manhã.

Quero alguns cartões com esse nome disse eu.

Está tudo tratado. Elsie leva-lhe alguns. Agora é director da Sociedade de Vendas Fischler.

O.K. disse e ia a desligar, mas ela não me deu tempo.

O que há de novo? perguntou.

Nada.

Mantenha-me ao corrente do que se passa.

Esteja descansada respondi, e dessa vez pousei o auscultador, sem lhe dar tempo de que pensasse em mais alguma coisa.

A noite arrastou-se interminavelmente. Alta fez-me sinal de que queria falar comigo, mas imaginei que nada do que me ia dizer seria novidade para mim. Não sabia, porém, tanto como Bernard Carter e queria estar num sítio onde ele pudesse iniciar, uma conversa que parecesse suficientemente casual se tivesse alguma coisa para me dizer.

Foi o que aconteceu.

Estava a entreter-me junto da mesa de bilhar, quando ele entrou.

Apetece-lhe jogar? perguntou.

Sou mau jogador disse. Vim até cá baixo para escapar a conversas que não me interessavam.

O que foi? perguntou. Passa-se alguma coisa?

Assim, assim respondi, dando uma pancada na bola e ficando a vê-la bater nos cantos da mesa.

Estava a falar com o Ashbury? perguntou Acenei afirmativamente com a cabeça.

Ashbury é um bom tipo continuou Cárter.

Mantive-me silencioso.

Deve ser formidável uma pessoa conseguir-se manter em excelentes condições físicas continuou Cárter, olhando para o casaco apertado. Move-se tão facilmente como um peixe na água. Tenho-o vindo a observar.

De verdade?

Sim, e sabe, Lam, gostaria de o conhecer melhor e que me ajudasse a pôr em forma.

Pode-se arranjar respondi, continuando a bater nas bolas de bilhar.

Há mais alguém que ficou bem impressionado consigo, Lam disse, aproximando-se.

Sim?

É verdade. A Sr.^a Ashbury.

Confessou-me que gostaria de abater uns quilos, logo que a tensão ficasse normal retorqui.

Nunca achou um tanto estranho que começasse a ter a tensão mais alta e a aumentar o peso imediatamente a seguir ao seu casamento com Ashbury?

Muitas mulheres fazem dieta enquanto andam à caça de marido respondi e logo que casam voltam...

Não era isso a que me queria referir interrompeu-me bruscamente, ficando muito vermelho.

Desculpe disse.

Se conhecesse a Sr.^a Ashbury, compreenderia quão despropositada é essa afirmação e quão afastada é da realidade.

Não levantei os olhos das bolas de bilhar.

Pensei que fosse isso o que pretendia dizer e só estava a tentar facilitar.

Não era.

Então porque não diz?

Está bem. Irei directo ao assunto retorquiu. Há algum tempo que conheço a Sr.^a Ashbury. Antes do casamento tinha uns doze quilos a menos e parecia uns vinte anos mais nova.

A tensão elevada pode influenciar muito a aparência da pessoa respondi.

Claro, mas o que está na base da subida da tensão? E por que motivo é que o casamento lhe havia de fazer subir a tensão?

Sim, porquê? perguntei.

Esperou até que o seu olhar encontrasse o meu. Quase que tremia de tão furioso que estava.

A resposta é evidente disse. Tudo se deve à firme e persistente hostilidade da enteada.

Era sobre isso que me queria falar perguntei, dando-lhe a deixa.

Era.

Sou todo ouvidos.

A Carlotta, a Sr.^a Ashbury, começou é uma mulher extraordinária, encantadora, atraente e bonita. Desde que casou que tenho vindo a aperceber-me das transformações.

Disse-me isso tudo antes.

E o seu estado deve-se à hostilidade daquela rapariga mimada prosseguiu, com os lábios a tremer de raiva Está a referir-se a Alta? perguntei Estou.

A Sr.^a Ashbury não tinha considerado essa possibilidade antes do casamento?

Na altura do casamento disse , Alta saíra de casa e fora viajar pelo mundo sem querer saber do pai, mas no momento em que ele casou com Carlotta e formou um lar. Alta regressou imediatamente e começou a desempenhar o papel de filha dedicada. A pouco e pouco tem conseguido envenenar o espírito do pai contra a Sr.^a Ashbury. E a Carlotta é uma mulher sensível e...

Porque *me* conta tudo isso? perguntei.

Achei que devia sabê-lo.

Pensa que me ajudará a melhorar as condições físicas de Henry Ashbury? perguntei.

Talvez respondeu.

E o que esperava que eu fizesse?

Dá-se muito bem com Alta.

E daí?

Pensei que se Alta compreendesse que a madrasta não lhe queria qualquer mal, talvez mudasse de atitude disse.

E...?

Falou com Ashbury?

Sim. » Então não compreendeu onde pretendo chegar?

Não.

O.K. vou explicar-lhe, então, palavra por palavra, se é assim que deseja disse, fitando-me bem nos olhos. A Carlotta, a Sr.^a Ashbury, só teria de deixar escapar um pouco do que sabe à polícia e em breve seria conhecida a presença de Alta no quarto de Ringold, na noite passada, quando o assassinio se deu.

Ergui as sobrancelhas.

bom emendou Cárter, rapidamente, pouco antes do assassinio. Alguma vez lhe ocorreu que a mulher que subiu ao quarto de Ringold corresponde à descrição de Alta e que um detective não teria dificuldade em começar a desenrolar o fio da meada com o facto de que o carro de Alta se encontrava num parque de estacionamento a alguns blocos do hotel e que poderia ser chamada uma testemunha para depor que viu Alta a dirigir-se apressadamente ao parque de estacionamento, vinda do lado do hotel, precisamente na altura em que o assassinio foi cometido?

O que quer *que* eu faça? perguntei.

Na próxima vez que Alta comece a falar sobre a madrasta aventurei a explicar-lhe, como que por acaso, que a Sr.^a Ashbury a pode colocar numa situação delicada e que não o faz porque Carlotta é leal e dedicada ao homem com quem casou.

Parece tomar como certo que Alta vai discutir sobre a madrasta comigo comentei.

E tomo concluiu, rodando sobre os calcanhares e encaminhando-se na direcção da porta.

Um minuto só pedi. Se Alta saiu do hotel antes do assassinio se verificar, não me parece que haja muita razão para se preocupar.

Foi vista na rua acrescentou, com a mão no puxador da porta precisamente *após* o assassinio ser cometido.

Continuei a olhar para a porta ainda depois de ele a ter fechado. Era evidente que Cárter não sabia quando o assassinio fora cometido, não reparara na hora *exacta* a que vira Alta, ou seja, estava pronto a transformar um pouco a história para poder dar um trunfo à Sr.^a Ashbury.

Não valia de nada, porém, qualquer preocupação a seu respeito. Na altura em que a Polícia começasse a pensar que Alta poderia estar envolvida no assunto, passaria à acção. O recepcionista, a rapariga do balcão dos cigarros, o arrumador do parque de estacionamento, o rapaz do elevador... havia uma série

enorme de testemunhas. O lado bom da questão é que essas testemunhas teriam de jurar que Alta saíra do hotel antes dos tiros serem disparados, mas se a Sr.^a Ashbury estava convencida de que dispunha de uma mão-cheia de trunfos, não havia motivo para a levar a deixar de pensar assim até ver como tencionava utilizá-los.

Peguei no casaco e no chapéu, esperei por uma oportunidade para sair sem que Alta me visse e decidi ir até ao Clube de Diversões Atlee.

Tinham dois restaurantes muito chiques no rés-do-chão e não encontrei grande dificuldade em subir ao andar de cima. A sala estava bem equipada, mas era pequena. Ninguém pareceu reparar em mim. Joguei com pouco dinheiro e perdi mesmo na roleta. Não estava muita gente. Tentei arranjar qualquer desculpa para falar com o gerente, mas ao que parecia não era muito fácil.

Quando ia a sair, entrou uma loura pelo braço de um indivíduo vestindo *smoking* e com ar de endinheirado.

O cabelo dela não me era estranho e identifiquei-a. Era Esther Clarde, a empregada da tabacaria do hotel, onde Ringold fora assassinado.

Comecei a insultar-me mentalmente. Era uma probabilidade, claro, mas uma probabilidade que eu podia ter previsto. Se soubesse o suficiente sobre o Clube de Diversões Atlee para responder às minhas perguntas, saberia o suficiente para angariar uma comissão por fazer com que os chantagistas ali fossem parar. Tinha armado a minha própria armadilha, mordido a isca e fora apanhado.

Notei que o olhar se tornava mais duro quando me fitou.

Por aqui? dirigiu-se-me, casualmente. Tem tido sorte?

Não muita.

Arthur, gostava de te apresentar o Sr. Smith. Sr. Smith, apresento-lhe Arthur Parker.

Apertámos as mãos e disse-lhe que tinha muito prazer em o conhecer.

Não ia a sair, pois não, Sr. Smith?

Por acaso ia.

Não gostava que saísse precisamente quando acabo de entrar. Normalmente traz-me sorte e sinto qualquer coisa que me diz que é isso que vai acontecer esta noite.

Pensei que poderia complicar a situação, despertando um sentimento de ciúme em Parker.

O Sr. Parker parece-me uma boa mascote retorqui, olhando-o.

Ele é o meu companheiro e a si considero-o a minha mascote retorquiu. Venha connosco até às mesas de jogo.

Estou um pouco cansado e...

Olhava-me fixamente. A luz batia-lhe em cheio no cabelo, fazendo-o assemelhar-se, mais de que nunca, à corda de cânhamo do enforcado que eu vira anos atrás.

Não o deixo ir embora disse, sorrindo com os lábios vermelhos, nem que tenha de chamar a Polícia.

Era só a boca que ria e não os olhos.

Bem, deixo a resolução ao Sr. Parker respondi com um sorriso. Nunca gosto de parecer intrometido.

Por ele está bem respondeu. Parker compreende a sua relação com a organização.

Oh, claro! respondeu Parker, como se aquelas palavras explicassem tudo e logo um sorriso se lhe estampou no rosto.

Acompanhe-nos Smith e dê-nos sorte.

Avancei até à mesa da roleta a seu lado.

Começou a jogar com dólares de prata e perdeu. Depois de os gastar passei-lhe um dólar para a mão.

É quanto tenciono dar-lhe, garota disse , mas vai trazer-lhe sorte. Jogue no duplo O.

Ela obedeceu-me e ganhou imediatamente.

Deixe ficar pedi.

É doido.

Encolhi os ombros e ela retirou tudo o que ganhara, com exceção de cinco dólares.

Nunca saberei o que me impeliu a falar do duplo O. Patinava em gelo fino. Fora desses palpites de loucura, como os que uma pessoa sente por vezes como se tivesse poderes de vidente. Estava absolutamente certo de que a sorte decidiria, uma vez mais, a favor do duplo O. Não me perguntem como.

Sabia apenas que isso aconteceria. Era tudo.

A bola saltitou, passando vários números e acabou, finalmente, por se deter numa das divisões.

Ouvi Esther Garde sustar a respiração e olhei só para me certificar do sítio em que -a bola parara.

Parou no número sete.

Vê exclamou fez-me perder.

Ainda está a apostar com dinheiro ganho ri.

Bem, talvez o sete se repita disse ela e jogou dois dólares.

Repetiu-se. Depois deixei de me sentir com sorte e mantive-me por perto. Esther conseguiu elevar a soma ganha até quinhentos dólares e depois foi receber.

Reparei numa rapariga morena que andava a observar o jogo nas diversas mesas, uma rapariga de ancas bem marcadas, ombros nus e uns olhos cheios de romance, como uma noite quente e escura, numa praia tropical. Conhecia a loura

e, depois de Esther ter recebido o dinheiro, reparei que trocavam sinais. Mais tarde vi-as falar em surdina.

Pouco depois, a morena começou a montar toda uma encenação para Arthur Parker, e sabia, realmente, representar.

Pedia-lhe conselhos, quase lhe tocando com o ombro ao dobrar-se para colocar o dinheiro da aposta na divisão mais afastada e olhando-o com um sorriso.

Reparei na expressão do rosto de Parker e apercebi-me de que me estavam a reservar a loura.

Está bem disse a Esther Clarde ganhou. Onde é que vamos?

Eu saio primeiro e espero por si junto ao bengaleiro disse. E não tente qualquer gracinha. Se está interessado em saber, informo-o de que não existe uma saída pelas traseiras.

E porque é que eu havia de querer fugir a uma bonita rapariga como você?

Ela riu e só me respondeu decorrido um momento.

Sim, *porquê?*

Ainda demorei o tempo suficiente para colocar algumas apostas na mesa da roleta. Não conseguia deixar o duplo O, mas nem a aproximação tive. Parker só tinha olhos para a morena. Uma das vezes pareceu sobressaltado e começou a olhar em volta. A morena disse-lhe qualquer coisa, passando-lhe um braço sobre os ombros e os lábios mesmo junto ao ouvido.

Ele riu.

Dirigi-me ao banqueiro.

Esther, claro, estava à minha espera.

Tem carro? perguntou ou vamos de táxi?

De táxi.

Está bem, vamos então.

Há algum sítio em especial?

Acho que irei ao seu apartamento.

Preferia ir ao seu.

Porque não? concordou, encolhendo os ombros depois de me olhar um momento.

O seu amigo, o Sr. Parker, não deve aparecer, pois não?

O meu amigo, o Sr. Parker disse, sombriamente está bem entregue para o resto da noite, obrigada.

Deu a morada do apartamento ao motorista. Foi um percurso de dez minutos. Era realmente o sítio onde vivia. Tinha o nome dela junto da campainha e usou as chaves para abrir a porta. Sim, afinal, e servindo-me das palavras dela: «Porque não?» Sabia onde ela trabalhava. Podia ter descoberto tudo a seu respeito. Os jornais tinham publicado uma fotografia sua juntamente com a entrevista em que ela descrevia o homem que lhe fizera as perguntas sobre Ringold. Nada tinha a recear de mim.

Por outro lado, eu estava envolvido na situação até ao pescoço.

O apartamento não era mau. Um olhar bastou-me para observar que não o mantinha só com o dinheiro que ganhava a vender cigarros num hotel de segunda classe.

Despiu o casaco, convidou-me a sentar, trouxe cigarros, perguntou-me se queria tomar um uísque e sentou-se no sofá a meu lado. Acendemos os cigarros e ela aproximou o corpo, encostando-se a mim. O brilho da luz realçava-lhe a linha do pescoço, os ombros e os olhos azuis e sedutores; o cabelo que me parecia sempre a mesma corda, roçou-me a face.

Vamos ser bons amigos, tenho impressão disse.

Sim?

Sim respondeu, porque a rapariga que se foi encontrar com Jed Ringold a rapariga que você seguia era Alta Ashbury.

Enroscou-se a mim afectuosamente.

E quem é Alta Ashbury? perguntei com uma expressão absolutamente impassível.

A mulher que você ia a seguir.

O meu negócio era com Jed Ringold contrariei, acompanhando estas palavras com um sacudir de cabeça.

De certo não é uma grande diferença disse devagar, com os olhos espiando a minha expressão. É uma informação que eu não posso usar directamente. Preferia trabalhar consigo do que com qualquer outra pessoa dos meus conhecimentos.

Porque o posso fazer andar direitinho acrescentou, com uma risada.

Nada disso me diz quem é Alta Ashbury. Era a mulher dele?

Apercebia-me do que se estava a passar na mente da louca que tentava decidir o que me devia dizer ou não.

Era? insisti.

O que queria a Ringold? perguntou, tentando uma contra-ofensiva.

Queria vê-lo por causa de um negócio.

Que negócio?

Alguém me disse que ele me poderia ensinar uma maneira de escapar à «Lei do Céu Azul». Tinha algo para lhe oferecer em troca.

Subiu, portanto, para ir ter com ele ao quarto?

Não. Aluguei o quarto ao lado.

E fez um buraco na parede?

Sim.

E observou e ouviu o que se passou?

Sim.

O que viu?

Sacudi a cabeça, em sinal negativo.

Ouçã! ou você é o homem mais estúpido que eu encontrei na minha vida explodiu furiosa ou o de mais sangue-frio.

Como sabia que eu não chamaria a Polícia, quando não me passou os duzentos dólares por baixo da mesa?

Não sabia.

Acho melhor jogar do meu lado. Sabe o que acontecia se eu pegasse naquele telefone e chamasse a Polícia? Por amor de Deus, tenha juízo e ceda.

Tentei soprar uma argola de fumo.

Ela ergueu-se e encaminhou-se na direcção do telefone.

Tinha os lábios firmemente cerrados e os olhos chamejantes.

Chame-a disse. Eu próprio tencionava fazê-lo.

Claro que sim!

Pode ter a certeza respondi. Não percebe porquê?

O que quer dizer?

Eu estive a observar a cena através do buraco feito na porta de comunicação expliquei. O assassino tinha destravado o trinco, meia hora antes de eu entrar, mas de forma a que ninguém notasse. Depois voltou para o quarto, esperou uma ocasião propícia, entrou no outro e meteu-se na casa de banho.

Isso é a história contada por si.

Está a esquecer-se de uma coisa, miúda.

Sim?

Eu vi o assassino. Fui o único a vê-lo. *Sei* quem foi.

Ringold falou com a rapariga. Deu-lhe alguns documentos e ela entregou-lhe um cheque. Ele meteu-o no bolso direito do casaco. Depois de ela ter saído, ele dirigiu-se à casa de banho.

Eu não sabia que esta pessoa a quem me refiro estava na casa de banho, mas dera porque a porta de comunicação estava aberta do meu lado e eu pusera o trinco quando fizera o buraco. O assassino ao ver que Ringold ia à casa de banho tentou esquivar-se para o 421 pela porta de comunicação.

A porta estava fechada à chave. A pessoa do outro lado da porta fora apanhada numa armadilha.

O que é que você fez em seguida? perguntou sustentando a respiração.

Agi estupidamente respondi. Devia ter pegado no telefone, ligado à recepção e ordenado que vigiassem as saídas e telefonassem para a Polícia. Senti-me desorientado e agi sem pensar. Retirei o trinco da porta de comunicação e abri-a de par em par. Segui o assassino até ao corredor. Detive-me na ombreira da porta olhando para um e outro lado. Depois dirigi-me ao elevador e desci até ao segundo andar. Quando parou, saí.

Uma bela história exclamou. Meu Deus, é mesmo uma *bela* história acrescentou depois de pensar uns momentos;

só que os polícias não vão acreditar nela.

Está a esquecer-se lembrei-lhe, com um sorriso paternal *de que eu vi o assassino*.

A sua reacção foi a mesma de que se tivesse sofrido um choque eléctrico.

Quem era? perguntou.

Ri-me e soprei uma outra argola de fumo. Ou tentei fazê-lo.

Atravessou o quarto e sentou-se. Cruzou os joelhos e segurou o esquerdo com os dedos entrelaçados. Olhou para mim e depois para a ponta do pé. A saia do vestido de noite incomodava-a, depois levantou-se, dirigiu-se ao quarto e foi tirá-la.

Não fechou a porta do quarto. Passado um minuto ou dois apareceu vestida com uma bata preta de belbutina. Voltou a sentar-se ao meu lado.

bom disse, a situação assim tornou-se bastante diferente.

Precisa de alguém que se encarregue do que diz respeito a Ashbury. Acho-o a pessoa indicada. Há qualquer coisa em si que me leva a confiar Quem é afinal, como se chama?

Sacudi a cabeça sem lhe responder.

Não o deixo ir embora sem dizer o seu nome e é mesmo ao *seu* nome que me refiro. Tenciono ver a sua carta de condução, os documentos, tirar as suas impressões ou vou ao seu apartamento para descobrir onde vive e saber tudo a seu respeito. Lembre-se bem disso antes de responder.

Quando me apetecer sair por aquela porta não há nada que me impeça de o fazer ameacei.

vou atrás de si.

E o que me diz à chantagem que fez com Alta Ashbury?

Ashbury emendou.

Como quiser.

Qual é o seu verdadeiro nome?

John Smith.

É mentira.

Ri.

Está bem, John respondeu mudando de tática.

Voltou-se e olhou-me convidativamente.

Ouçã John, não o considero estúpido. E nós dois podíamos formar uma bela equipa.

Evitei olhá-la. A cor do cabelo continuava a fascinar-me.

Está disposto a isso ou não?

Se se trata de chantagem, não. É um assunto que não me interessa.

vou deixá-lo ir até ao rés-do-chão. Depois estou a pensar em que ganharemos os dois muito dinheiro.

O que sabe sobre Alta Ashbury? Não, não me diga.

Não quero saber exclamei, pondo-lhe a mão na boca quando ela ia começar a falar.

Que mosca lhe mordeu? perguntou, fitando-me.

Estou do lado de lá da sebe respondi.

O que quer dizer com isso?

Oiça, querida, não sou esse género de pessoa. E não me consegue enganar. Está metida no problema até ao pescoço.

Jed Ringold recebeu aqueles) cheques da mão de Alta Ashbury.

Entregou-lhos para que você os trouxesse para o Clube de Diversões Atlee. Uma talhada do bolo ficou para a rapaziada daqui, outra parte para si e depois devolveu o resto a Ringold que a entregou aos chefões ou aos canalhas como preferir chamar-lhes.

vou dizer-lhe uma coisa mais. Está perdida e acabada, num beco sem saída. Se der um passo contra Alta Ashbury, será um passo de entrada na prisão.

com mil milhões de macacos foi tudo o que me conseguiu responder, endireitando-se.

Agora, garota, mostrei-lhe o meu jogo.

Não tenha dúvida, estúpido.

Se não se importa vou-lhe tirar outro cigarro pedi-lhe.

bom começou, estendendo-me a cigarreira. Se não falar sinto que enlouqueço. Vejo-o entrar num hotel, a Polícia começa à sua procura, encontro-o, desmarco uma entrevista com alguém, trago-o para aqui e confesso-lhe tudo sem saber quem diabo é você. Penso que é um detective particular por conta, de Alta Ashbury. Não, inclino-me mais para ter sido contratado pelo velho.

Acendi o cigarro.

Mas só não percebo porque é que está a ser tão estúpido.

Porque não deixou que lhe dissesse tudo quanto queria, fingindo que estava disposto a trabalhar comigo, para depois me dar um pontapé?

Quem me dera saber a resposta e ao dizê-lo falava verdade. Você poderá ser o indivíduo que deu cabo do cheque de Ringold.

Podia.

E eu podia também fazer virar a situação nesse sentido.

Acha que sim?

Sei que sim.

Tem ali o telefone limitei-me a responder, indicando-lho.

E depois podia tornar ainda as coisas mais difíceis, demonstrar que os meus motivos para o telefonema não eram assim tão puros e... afinal que me valia? exclamou com um olhar traduzindo o que pensava.

O que fazemos agora? perguntei.

Vamos tomar uma bebida a sério. Quando penso em tudo o que me podia ter feito e não fez... que diabo, não consigo compreender. Não o acho estúpido. Pelo contrário.

Preparou o cenário, acendeu as luzes e precisamente quando eu ia a pôr o pé na armadilha, impediu-me de o fazer. Estamos continuamente a aprender nesta vida.

Prefere soda ou água com uísque?

Tem uísque? perguntei.

Chega para nós.

Tenho dinheiro para despesas retorqui.

Que declaração maravilhosa.

Conhece alguém que nos possa vender bebidas a esta hora da noite?

Diria que sim.

Ótimo disse. Telefone-lhe então e peça-lhe que traga Meia caixa de uísque.

Não está a divertir-se à minha custa?

Sacudi a cabeça negativamente. Abri a carteira, retirei uma nota de cinquenta dólares e pousei-a, com ar indiferente, em cima da mesa.

Conheço alguém que se me pudesse ver me chamaria gastador.

Enquanto esperamos podemos beber algum do meu.

ofereceu, depois de ter feito a encomenda e desligado o telefone.

Preparou as bebidas e foi buscar gelo ao frigorífico.

Não me deixe embriagar, John pediu.

Porque não?

Começarei a chorar. Há muito tempo que ninguém me tratava com lealdade. Só tenho pena de que não tenha agido assim comigo por ser eu, mas por fazer parte da sua maneira de ser. Nasceu e há-de morrer assim. Existe qualquer coisa em si que... Beije-me!

Beije-a.

Estava a falar de um beijo a sério protestou.

Um quarto de hora mais tarde um miúdo trouxe as bebidas.

Ceguei a casa de Ashbury por volta das duas da manhã.

Não conseguia afastar o pensamento dos cabelos da rapariga.

Pensava na corda que prendera o corpo do enforcado, todas as vezes que me lembrava da luz a incidir nas tranças louras.

CAPÍTULO VII

Ao pequeno-almoço perguntei ao Sr. Ashbury o que me poderia dizer sobre a Sociedade de Fundição de Minas e Minerais.

Contei que tinha um amigo um homem chamado Fischler que tinha um escritório no Edifício dos Comuns e que herdara uma batelada de dinheiro. Queria investi-lo em qualquer coisa e era o tipo de pessoa que gostava de jogar.

Eu sugeria umas boas acções em minas.

Porque não manter esse dinheiro na família? dissera Bob.

É uma ideia respondi-lhe, com um olhar admirado.

Qual é a morada?

Edifício dos Comuns, 622.

vou mandar um vendedor falar com ele.

É então melhor concordei.

Ashbury perguntou a Bob se obtivera mais algumas informações da Polícia relativamente ao assassínio de Ringold. Bob respondeu que a Polícia tinha investigado a vida de Ringold e chegara à conclusão de que a sua morte se devia a questões de jogo e que estavam a tentar localizar os sócios de Ringold, esperando encontrar alguém que correspondesse à descrição do homem que tinha sido visto a sair do quarto de Ringold, depois do assassínio.

Após o pequeno-almoço, Bob chamou-me de lado e perguntou-me mais coisas sobre Fischler; queria saber quanto dinheiro herdara e quanto é que eu

pensava que ele tencionava investir. Disse-lhe que ia receber duas heranças. Recebera já uma pequena quantia, mas receberia ainda mais de cem mil antes do fim do mês. Perguntei a Bob como iam os seus negócios na companhia.

Ótimos. Parecem prosperar de dia para dia.

Afastou-se e Ashbury olhou-me por cima dos óculos como se fosse a dizer alguma coisa; depois conteve-se, aclarou a garganta, mas acabou por falar.

Se precisar de mais algum dinheiro para despesas não hesite em pedir, Donald.

Pode estar certo respondi.

Alta apareceu vestida com uma bata e fez sinal de que me queria ver. Fingi não perceber e disse a Ashbury que o iria acompanhar até à garagem.

Uma vez na garagem disse que não queria falar-lhe, o que muito pareceu aliviá-lo, mas que apenas desejava boleia até à cidade.

Mantinha os olhos presos na estrada e não falava. Apercebi-me que gostaria de perguntar imensas coisas mas não havia uma só, relativamente à qual não tivesse medo de ouvir a resposta. Pensou duas vezes em qualquer coisa que gostaria de dizer, respirou profundamente, hesitou logo na primeira palavra, expeliu o ar e continuou a guiar em silêncio.

Só quando estávamos nas ruas mais movimentadas é que arriscou uma pergunta que lhe pareceu segura.

Onde quer que o deixe, Donald? perguntou.

Oh, onde lhe der jeito; aqui perto.

la a acrescentar alguma coisa, mudou de opinião, voltou para a direita, continuou ao longo de mais uns blocos que lhe ficavam fora do caminho e parou em frente do Edifício dos Comuns.

Aqui está bem? perguntou.

Está ótimo respondi. E saí.

Ashbury afastou-se logo de seguida e eu subi ao 6.º andar e comecei a procurar o 622. Pareceu-me bem. Abri a porta e entrei. Elsie Brand martelava as teclas da máquina de escrever.

Por amor de Deus, isto tudo é fachada. Não há necessidade de fingir que existe um movimento assim tão grande.

Deixou de escrever à máquina e olhou-me.

As pessoas de quem estou à espera disse pensam que sou um indivíduo que herdou dinheiro. Não julgam que o ganhei nos negócios, portanto, não tem de levar o assunto tão a sério.

Bertha Cool deu-me uma série de cartas para escrever e disse-me que podia fazer o trabalho aqui respondeu.

E em que papel? interrompi inclinando-me sobre o ombro dela para deitar uma vista de olhos à carta que estava na máquina de escrever.

No dela. Disse-me que podia...

Faça-a desaparecer. Meta-a na gaveta. Não quero qualquer papel de carta à vista ordenei, arrancando a carta da máquina de escrever e estendendo-lha. Quando sair para almoçar leve tudo isso daqui para fora. Diga a Bertha Cool que fui eu que mandei.

Lembro-me da primeira vez que se apresentou para trabalhar disse, olhando-me com um sorriso esboçado.

O que tem?

Julguei que não estaria ali mais de 48 horas Pensei que Bertha Cool o faria desesperar. Foi o feitio dela que fez com que os outros detectives se fossem embora. E agora, afinal, as ordens são dadas por si.

Tenciono fazer com que esta ordem se cumpra respondi.

Eu sei, e é isso que torna a situação interessante. Não discute com a Bertha, nem se sujeita às suas ordens. Emprega os seus processos convincentes

e logo a seguir, Bertha, apesar de toda a resmunguice, segue exactamente as suas opiniões.

Bertha é uma pessoa formidável quando a compreendemos.

Quer dizer, quando o compreende a si. Tentar entabular uma amizade com ela é como brincar com o fogo... mal nos distraímos, queima.

Aconteceu-lhe isso?

Sim respondeu olhando-me.

Não se nota.

Adopto um sistema com Bertha retorquiu. Faço todo o trabalho que me dá. Quando acabo, vou-me embora. Não tento demonstrar amizade nem pretendo que seja minha amiga.

Faço tanto parte desta máquina como o teclado. Sou uma máquina e tento ser boa.

Para quem é toda essa correspondência que está a escrever?

Cartas que ela manda a advogados de vez em quando, oferecendo os seus serviços referentes aos seus investimentos.

Muitos investimentos?

Imensos. Há dois extremos em si. Na maioria das vezes pretende alguma coisa que seja tão seguro como um contrato com o Estado, mas pagando o dobro do juro. Também vive, no entanto, em si o espírito da jogadora. É uma grande jogadora.

bom, da maneira como este escritório vai ser dirigido não vai estar sobrecarregada de trabalho disse-lhe. Vá lá baixo à tabacaria da entrada e compre algumas revistas de cinema e pastilha-elástica. Ponha a revista na gaveta de cima da secretária. Abra a gaveta e conserve-se sentada a ler a revista e a mascar pastilha-elástica. Quando vier alguém feche a gaveta, mas não sem antes terem visto o que fazia.

Sempre desejei um emprego assim respondeu. As outras raparigas que conheço têm conseguido. Eu nunca fui capaz.

Provavelmente este emprego não durará mais de dois dias, mas terá essas características.

Bertha arranjará qualquer rapariga contratada para estar aqui e mandar-me-á de volta.

Não deixarei que o faça. Dir-lhe-ei que necessito de alguém em quem confie. Para ela não será difícil arranjar montes de raparigas capazes de lhe fazerem a correspondência.

Pode até ser uma boa ideia para a fazer compreender até que ponto o seu trabalho é difícil.

Donald, muitas vezes perguntei a mim mesma que existe em si que tanto atrai as pessoas disse, olhando-me. Acho que talvez seja a consideração que demonstra pelas pessoas.

Você... interrompeu-se bruscamente e atravessou o escritório a correr, saindo como se tivesse de ir acudir a um fogo.

Entre no gabinete, fechei a porta, recostei-me numa cadeira giratória e pus os pés no tampo de uma secretária que parecia bastante usada.

Depois de ter ouvido Elsie Brand regressar, carreguei no botão do intercomunicador que me permitia a comunicação com ela.

Sim? perguntou.

Tome nota destes nomes, Elsie: Parker Stold, Bernard Carter e Robert Tindle. Assentou?

Sim. O que quer que faça?

Se alguma destas pessoas aparecer diga-lhe que estou ocupado e que o estarei durante toda a manhã. Não posso vê-las nem vale a pena esperarem. Entendido?

Sim.

Se aparecer outra pessoa qualquer, descubra o que pretende.

Mande-a sentar e esperar. Consiga que lhe entregue um cartão, se possível. Traga-me o cartão.

É tudo?

Sim.

Está bem respondeu e ouvi-a desligar o botão.

Tinha muito que pensar e fiquei sentado na cadeira a fumar e a pensar, tentando enquadrar os factos num sistema que fizesse sentido. Não estava a tentar resolver o *puzzle* completo porque sabia não possuir factos suficientes, mas estava a consegui-los. Sentia que se fosse capaz de continuar a usar a cabeça e não dar passos em falso, tudo se iria resolvendo.

Cerca das 11 horas, ouvi a porta do escritório abrir-se e fechar-se, de mistura com o som de vozes. Elsie apareceu trazendo um cartão. Este tinha apenas o nome de um indivíduo e nada mais.

Gilbert Rich, hem? murmurei, examinando o cartão.

O que quer ele?

É um vendedor, mas não me disse de quê respondeu.

Insistiu em vê-lo. Perguntei o motivo e respondeu-me que se trata de uma proposta de venda. Tem 40 anos e veste-se como se tivesse 27. Não se pode dizer que esteja bem vestido, mas ele deve estar convencido de que sim.

É forte?

Não. Bastante magro, falhas de cabelo nos lados e penteado para trás. Olhos e cabelos pretos e sem óculos. Activo, nervoso e bom argumentador. Tem as unhas bem tratadas e envernizadas. Engraxou os sapatos esta manhã e tem um cheiro intenso a água-de-colónia. Quer vê-lo?

Sim.

Elsie mandou entrar Gilbert Rich, que atravessou o escritório em passo miúdo, dirigindo-se ao meu encontro para me apertar a mão. Parecia nervoso. Começou a falar como se estivesse habituado a tentar pronunciar o maior número de palavras possível, antes de o porem fora.

É natural, Sr. Fischler, que pergunte a si mesmo que género de proposta tenho para lhe fazer. Quando falei à sua secretária de uma proposta de venda, talvez pensasse que é algum produto que pretendo impingir-lhe. Trata-se precisamente, do contrário. Quero que ganhe muito dinheiro, Sr. Fischler.

Para lhe mostrar como, peço-lhe 3 minutos do seu tempo.

Retirou o relógio do bolso e colocou-o em cima do tampo da secretária à minha frente.

Controle o tempo, por favor, Sr. Fischler. Não afaste os olhos do relógio. Assim que terminem os 3 minutos, diga-me.

Desejo apenas 3 minutos do seu tempo e em troca garanto-lhe que serão os seus 3 minutos mais rendosos destes últimos dez anos.

Comece a falar disse. Concedo-lhe 3 minutos.

Alguma vez pensou, Sr. Fischler, nas maravilhas da ciência moderna? Não se incomode a responder, porque já percebi que a resposta é afirmativa. Como tal, não será novidade que as coisas que hoje encaramos como fazendo parte do quotidiano constituam impossibilidades científicas há alguns anos.

Para lhe demonstrar, Sr. Fischler, a possibilidade que lhe ofereço de ganhar dinheiro através dos desenvolvimentos científicos, terei de voltar uma página atrás na história de um grande e glorioso Estado. Não voltamos aos anos de 40, mas aos dias que se lhe seguiram, mas aos dias em que o Estado foi invadido por uma onda de pesquisadores de ouro. Os homens cavavam de pá e picareta e peneiravam o ouro extraído da terra que foi muito, Sr. Fischler. Escoou-se para os centros financeiros de Leste numa grande torrente dourada, mas ficou ainda muito ouro.

«Na região em redor de Valleydale havia um rico jazigo de ouro. O rio precipitando-se da montanha, depositava-o numa vasta planície de aluvião e no imenso vala agrícola que recebia as águas de um rio tornado subitamente calmo.

«Homens de tronco nu suportavam as chuvas de Inverno e o sol escaldante do Verão, extraindo o ouro da terra sempre cada vez mais. Quando os depósitos aluviais do rio se esgotaram, mudaram-se mais para baixo seguindo o curso do rio através das eras geológicas, verificando que o ouro se tinha acamado nas camadas mais fundas. Depois, precisamente na altura em que estavam prestes a conseguir a mais rica colheita de sempre, encontraram-se frente ao problema das águas superficiais.

Cavavam até uma profundidade de cerca de 6 metros antes de encontrarem água e não conseguiam chegar aos ricos depósitos das Camadas mais fundas. A profundidade a cavar para chegar aos jazigos teria de atingir cerca de 10 metros.

Não me deterei, porém, a descrever pormenores, Sr. Fischler.

Está, com certeza, familiarizado com tudo isto através dos vários filmes históricos que são verdadeiras obras-primas da arte cinematográfica. Passaremos ao campo das invenções modernas. Um homem inteligente estabeleceu o plano de utilização da água, não como inimiga mas como auxiliar. Construiu um barco enorme em que meteu todas as máquinas necessárias para dragar. Uma quantidade enorme de baldes de aço descem muito abaixo da superfície das águas para chegar aos lugares do ouro. Agricultualmente, o solo ficou arruinado, mas em seu lugar os homens obtiveram uma recompensa pelo ouro que conseguiram extrair. Toda a topografia da região mudou. Face ao processo utilizado para se dragar, o lodo e a terra ficavam no fundo e as rochas e seixos ficavam ao de cima. Como consequência, o vale agrícola transformou-se num amontoado de pedras descoradas pelo sol.

«Os anos passaram. Os pesquisadores de ouro continuaram a utilizar-se de todo o terreno valioso e quando destruíram o último acre encontraram-se apanhados por uma terra rochosa que eles haviam formado e que se tornara

inútil. Eram já muitos para mudarem para outro local e mesmo que o quisessem fazer também não lhes restava outro. Tornaram-se ruínas tão sombrias como eram as ruínas da boa terra que tinham destruído com as suas próprias mãos. As máquinas de dragar, votadas ao abandono, começaram a enferrujar. O que se podia aproveitar para ferro-velho foi vendido. O resto tornou-se um monumento comido pela ferrugem e simbolizando a cobiça do homem.

«Nem mesmo os que dragaram o terreno conseguiram chegar ao jazigo. Havia locais em que se viram forçados a abandonar as escavações num solo agriculturalmente rico.

«É a altura do grande sonho, Sr. Fischler, esse sonho dourado que se está a tornar realidade. A engenharia moderna descobriu um processo por meio do qual o terreno pode ser transformado de forma que a terra venha novamente para a superfície e as rochas sejam colocadas no fundo, o que de novo lhe dará fertilidade. Há muito que se sabia isso. A Câmara do Comércio de Valleydale tinha mesmo chegado a pensar em voltar a dragar a terra com equipamentos modernos mas de forma a restituir-lhe a produtividade. O processo tornava-se, no entanto, demasiado dispendioso. A Câmara do Comércio não se apercebia de que existia ainda uma vasta fortuna em ouro existente nas camadas mais fundas e esperando a vinda da pessoa exacta que...» Os seus 3 minutos já passaram avisei.

Ah, sim? exclamou olhando para mim e depois para o relógio. Então acabei, Sr. Fischler. A um homem vulgar teria de lhe mostrar a semelhança entre a situação que se apresenta ao investidor de hoje e a que se apresentava aos antigos pesquisadores que dragaram o ouro. O ouro existe lá há anos. A engenharia desenvolveu-se e também o seu poder investidor, que trouxeram ao vale ondas sucessivas de milionários e de poder. A história de S. Francisco é...

Há 30 segundos que os seus 3 minutos acabaram.

Tem toda a razão concordou. Eu ia a dizer que com um homem vulgar eu teria de chamar a atenção para todos estes pontos, mas o Sr. Fischler, que está familiarizado com técnicas de venda e é, portanto, capaz de discernir as

vantagens de um negócio, pode verificar imediatamente as possibilidades da situação. A única pergunta, Sr. Fischler, é se esta onda de novos milionários que lhes vai trazer riqueza e poder terá indicado o poder de Charles E. Fischler.

Virava e revirava o lápis entre os dedos e tentava evitar-lhe o olhar. Ele pretendia agir precisamente no sentido de me levar a fazê-lo e fazia gestos forçados batendo com o indicador na secretária.

Não discutirei consigo, Sr. Fischler. O senhor é um indivíduo de fácil raciocínio e juízos rápidos e exactos, pois de outro modo não teria vencido no negócio. Pode pois apreciar as enormes possibilidades que lhe são oferecidas. Não só temos lucro dragando o terreno, mas quando estas actividades acabarem, mais uma vez teremos recuperado o solo agrícola banhado pela luz do Sol, coberto de vinhas e pomares, pronto a ser dividido em propriedades, ao mesmo tempo que as pessoas desejosas de obterem o terreno acorrerão avidamente aos escritórios para firmar contrato e pagar o preço de compra.

«E entretanto, Sr. Fischler, ainda não lhe chamei a atenção para o ponto mais importante de todos porque sei que não haverá necessidade de o fazer. Sei que enquanto estive a fazer toda esta exposição tem pensado para si mesmo: "Quando é que ele irá dizer que hoje o preço do ouro é quase o dobro do que era quando se fizeram essas fortunas? Quando mencionará ele o facto de que todo o que investe o seu dinheiro em ouro puro não tem de temer a inflação? Quando irá ele dizer que as propriedades em que existe o ouro são investimento que uma pessoa pode fazer e olhar o futuro como uma longa aquisição de proventos sempre crescentes? Quando..."» Acabaram os 3 minutos disse eu.

Compreendo, Sr. Fischler. Talvez tenha ultrapassado os seus 3 minutos e a sua boa vontade, mas é tão grande o meu desejo de ver que...

De quanto seria o investimento? arrisquei.

É inteiramente consigo, Sr. Fischler. Se quiser ganhar 100 mil dólares o seu investimento pode ser relativamente pequeno.

Se se contratar com 500 mil, pode fazer um investimento regular e se se quiser tornar um multimilionário terá de gastar mais dinheiro.

Quanto é preciso para se ser multimilionário?

5 mil dólares respondeu sem pestanejar.

Avaliados como?

Bem, para começar existem estas vastas regiões.

Não interessa voltar novamente a entrar nesses pormenores retorqui; falemos de factos concretos.

Que quer saber?

Quanto valem as acções?

157 vezes mais do que pedimos por elas respondeu.

Qual é o dividendo das acções?

Quando a Sociedade de Hipoteca de Propriedades foi fundada, Sr. Fischler, era uma empresa agrícola que tinha como principal objectivo pôr em funcionamento as propriedades que haviam sido confiscadas em hipoteca. A Sociedade tinha, portanto, um valor de acções baixo. Agora que esta vasta e nova empresa se desenvolveu, seria lógico aumentar o capital de acções em 1000%. Por outras palavras, uma acção que anti-

gamente tivesse o valor de um dólar podia ser dividida em mil acções, cada uma valendo um dólar. Seria indirectamente possível efectuar esta operação, mas para a realizar haveria dificuldades de ordem legal e uma série de demoras accidentais, o que atrasaria o lucro para os nossos accionistas.

«A política seguida pelos nossos directores homens novos, enérgicos, de ideias largas e agressivos é a de remover todos estes obstáculos e começar a produção de modo que os nossos accionistas possam usufruir dos lucros quase imediatamente.»

Quanto receberia por 500 dólares?

Uma acção. O valor actual seria hoje, com toda a probabilidade, 5000 dólares. Dentro de 60 dias, pode, sem sombra de dúvida, vendê-la por 10500 dólares. Dentro de um ano a acção valerá 100000 dólares.

Enruguei a testa em meditação e, como bom vendedor que era, apercebeu-se de que chegara o momento decisivo e resolveu tornar a sua presença o mais ignorada possível para me permitir pensar bem nos pormenores.

Não tenho muito dinheiro neste momento disse, mas dentro de 30 dias espero ter muito mais.

Dentro de 30 dias? É claro que, embora sem todas as vantagens de agora, o investimento continuará a ser maravilhoso.

Ouçã perguntei, haverá possibilidade de adquirir o valor correspondente a 500 dólares de acções e conseguir opção sobre uma quantidade maior pagando mais 500 dólares?

Terei de apresentar o assunto à administração respondeu.

Não é um caso vulgar. Julgo que está a compreender a situação. Se reservasse um conjunto de acções unicamente por 500 dólares, poderia vender no prazo de uma semana com lucro considerável. Dentro de 30 dias poderá, provavelmente, conseguir 20 mil dólares pela sua opção de 500 dólares.

É o processo que me agrada disse.

Mas considerou já a possibilidade de ir a um banco, Sr. Fischler, e...

Apresentei a minha proposta.

Compreendo, Sr. Fischler, mas a situação é a seguinte:

A nossa administração tem de ser escrupulosamente justa. Tem outros casos de pessoas que querem investir. Muitas pessoas compraram...

Ouviu a minha proposta? disse. Já gastou o seu tempo. Estou absolutamente a par do que tem para me oferecer.

Não quero perder tempo com discussões.

Sobre quantas acções pretenderia ter opção com esses 500 dólares?

Dentro de 30 dias respondi terei 100 mil dólares para investir. Não vou pôr todos os ovos num cesto. Cinquenta mil dólares é o limite que investirei na vossa companhia. Entregarei 500 dólares agora para mostrar a minha boa-fé e quero reservar um conjunto que, com os preços de venda actuais, represente o que eu puder comprar por 50 mil dólares.

Verei o que posso fazer, mas se quiser reconsiderar...

Não interrompi-o, levantando-me. Sou um homem muito ocupado, Sr. Rich.

Compreendo, mas por favor lembre-se de que lhe vim fazer uma proposta honesta. Os minutos que tão generosamente me concedeu trar-lhe-ão dividendos excepcionais...

Apresentei-lhe a minha proposta. Quanto mais depressa a comunicar aos seus directores, mais depressa me pode dar uma resposta.

Atravessei a sala e abri a porta.

Sr. Fischler disse-me, olhando-me por uns momentos e estendendo a mão, permita-me que lhe dê os parabéns por ter tomado uma das decisões mais importantes de toda a sua carreira de negócios e também por me ter contra proposto o negócio mais astuto e perspicaz de que ouvi falar. Telefonei-lhe esta tarde.

Fiquei na porta a vê-lo atravessar o escritório e saí a porta.

Meu Deus, que nível! exclamou Elsie Brand erguendo os olhos.

Conseguiu ouvir?

As palavras não, mas a voz ouvia-se em todo o escritório.

Faça-me uma chamada para Henry C. Ashbury pedi.

Vem na lista. Não telefone para casa, mas para o escritório.

Voltei ao gabinete e sentei-me à secretária. Ashbury não demorou meio minuto a atender o telefone.

Como está, Ashbury? Sabe quem fala? perguntei.

Não.

A sua voz era brusca e decidida como se não gostasse **de** adivinhar ao telefone e estivesse pronto a desligar.

O seu instrutor de ginástica.

Ah, sim murmurou num tom de voz diferente.

Veria algum inconveniente em que o seu enteado fosse para a prisão por promoção ilegal de vendas?

Se... meu Deus, Donald, que está a dizer?

Se via algum inconveniente em que o seu enteado fosse para a cadeia por promoção ilegal de vendas?

Seria horrível, seria...

É possível perguntei que o tenha visto chegar à posição de presidente sem compreender que está unicamente a ser empurrado?

Meu Deus!

Desliguei o telefone.

Só parei no escritório o suficiente para dizer duas palavras a Elsie.

vou ao escritório de Bertha Cool dizer que terá de arranjar outra secretária.

Bertha vai ficar pelos cabelos comentou com um sorriso.

Ótimo. Daqui a uma hora o Sr. Rich vai telefonar a dizer que está disposto a aceitar a minha proposta, mas que terei de arranjar o dinheiro até às duas ou três da tarde e tê-lo aqui no escritório, onde me trará os contratos a assinar.

Marque uma entrevista para a hora que ele disser e telefone a informar-me para o escritório de Bertha Cool.

Mais alguma coisa? perguntou.

Se o Sr. Ashbury aparecer ou telefonar diga-lhe que o Sr. Fischler saiu e que não sabe quando voltará.

CAPÍTULO VIII

Estava tão habituado a ouvir o rápido martelar das teclas por Elsie Brand que, quando abri a porta da agência, o ranger que acompanhou a minha entrada *click-clock-clack, clack-click-clock-ciock* me pareceu completamente estranho enquanto caminhava ao longo do corredor e tive de parar para me convencer de que estava no sítio certo.

Empurrei a porta.

Uma rapariga, com ar bastante bom, estava sentada à secretária de Elsie Brand, com os braços esticados sobre o teclado e apagando um papel circular com um lápis de borracha.

Presenteou-me com um olhar perfeitamente inexpressivo.

Está alguém lá dentro? perguntei, apontando o dedo na direcção de Bertha.

Sim respondeu ao mesmo tempo que ia pegar no telefone.

Não se incomode. Eu espero disse-lhe.

Não me quer dizer o seu nome?

Não é necessário.

Dirigi-me a um canto, sentei-me e peguei no jornal. Procurei a secção desportiva e acendi um cigarro ao mesmo tempo que iniciava a leitura.

A rapariga acabou de apagar o papel e voltou a dar atenção ao teclado. De vez em quando olhava na minha direcção.

Não levantei os olhos, mas não era preciso. Tinha o hábito de parar de escrever todas as vezes que olhava na minha direcção.

Ouvia vozes no gabinete de Bertha Cool, pedaços soltos da conversa de que apenas distinguia algumas palavras.

Decorrido algum tempo abriu-se a porta e saiu um homem.

Mantive o jornal aberto à minha frente e só lhe vi as pernas dos joelhos para baixo.

Existe uma velha teoria, já muito explorada, de que os detectives usam sapatos grandes de biqueira quadrada. Talvez realmente isso tenha acontecido, mas os bons detectives deixaram de o fazer ainda antes de o público ter conhecimento de que assim era.

Este homem usava sapatos leves e castanhos e calças bem vincadas, mas foi a maneira de andar que me fez ficar com o jornal levantado. Começou a encaminhar-se para a porta, depois voltou-se de repente e disse qualquer coisa a Bertha Cool. As pontas dos sapatos estavam voltadas mesmo na minha direcção. Mantive o jornal erguido e ele continuou parado.

Baixei o jornal e pus uma expressão de indiferença ao fazer a pergunta.

É a Sr.^a Cool?

Bertha teve um ligeiro sobressalto.

O homem devia ter cerca de 45 anos, era alto e de ombros bastante largos. Parecia bastante calmo e reservado, mas tinha um brilho nos olhos de que não gostei, embora o não olhasse directamente.

O que deseja? perguntou Bertha. Não me diga que é vendedor. Já assino todas as revistas que me interessam.

Agradecia que me concedesse algum tempo retorqui, calmamente, voltando à leitura do jornal.

bom dia, Sr.^a Cool despediu-se o homem, saindo do escritório.

Bertha Cool deixou-se ficar na mesma posição até ouvir o ruído da porta e depois fez-me um gesto significativo, "dando-me passagem para o seu gabinete.

Segui-a e fechei a porta. Ela acendeu um cigarro. A mão tremia-lhe.

Meu Deus, Donald! exclamou. Como sabia?

O quê?

Que era um detective e que vinha à sua procura.

Um tanto pela maneira como os sapatos estavam voltados na minha direcção disse. Agi como um perdigueiro.

bom, sabe Deus se não teria sido um pressentimento disse, mas não lhe vai valer de nada.

Porque é que andam à minha procura?

Devia saber.

Que disse ele?

Que andava a fazer uma investigação de rotina para interrogar algumas pessoas que poderiam estar ligadas ao assassínio. Queria saber se eu tinha alguém a trabalhar para mim que se chamasse Lam e perguntou-me se estaria ao serviço do Sr. Ashbury.

Que lhe disse?

Que não podia fazer declarações sobre o que os meus empregados faziam e que o assunto era com o Sr. Ashbury.

São espertos comentei. Andam atrás de Alta por causa de outro assunto e descobriram a minha presença lá.

Descobriram que corresponde à descrição do homem que andam à procura e que relacionam com o assassínio de Ringold.

Provavelmente.

E agora que vai fazer?

vou escapar-me por uns tempos respondi.

Está a fazer progressos no caso?

Alguns.

Desde que trabalho consigo, vejo-me continuamente metida em sarilhos, Donald. Em todos os casos que tivemos, andei sempre a caminhar sobre brasas.

Também ganha dez vezes mais do que dantes exclamei.

E daí? Você é demasiado impulsivo e arrisca-se muito.

O dinheiro não serve de nada na prisão.

Tenho culpa de que um homem escolha precisamente a altura em que me ocupo de um caso para eliminar alguém?

Não encontrou resposta e manteve-se em silêncio.

Telefonei a Elsie a perguntar como estava a correr o trabalho e ela disse que a mandara parar acusou seguidamente.

É verdade.

Sou eu que dirijo esta agência protestou com o rosto corado.

E eu que dirijo o escritório de Fischler. Qual a vantagem de se elaborar um plano cuidadosamente se um homem entra num escritório e vê uma secretária a escrever cartas timbradas por Bertha Cool Investigações Confidenciais?

Não posso permitir que ela esteja sem fazer nada. Estou a pagar-lhe ordenado. Tenho trabalho que pode ser feito.

Arranje outra secretária sugeri e mencione-a na lista de despesas.

Não vai ser nada assim. Quero fazer outra combinação consigo. Leva outra rapariga para lá e a Elsie regressa ao seu lugar.

Está bem, se prefere assim.

Quero assim.

Não sou eu quem manda.

Esperava que eu discutisse e não tomou a iniciativa.

Que mal tem isso? perguntou.

Nenhum, se quer realmente que se faça assim. É claro que na posição em que as coisas se encontram, poderiam surgir algumas complicações se esta rapariga falasse à mãe ou ao namorado na troca.

Despeço-a e arranjo outra. Esta, de qualquer forma, não presta.

Está bem, mas veja se arranja uma que não tenha família nem namorado.

Porquê?

Porque as raparigas falam quando voltam do trabalho.

«Aquele escritório na Câmara dos Comuns não oferece futuro nenhum. É tudo fingido.» Uma rapariga medianamente inteligente aperceber-se-á de que não passa de uma *mise-en-scène*.

Mas as coisas não podem continuar assim retorquiou Bertha, chupando o cigarro com força.

É verdade.

Eles vão apanhá-lo, Donald, e depois levam-no àquele hotel. As pessoas identificá-lo-ão, será metido na prisão e não pense que nessa altura vou continuar a pagar-lhe.

Esta tarde vou gastar mil dólares do dinheiro de despesas declarei.

Mil dólares?!

Precisamente.

Bertha Cool experimentou a gaveta para se certificar se estava fechada. Estava.

Tem outra das suas preparadas acusou.

já o gastei disse.

O quê?

Já o gastei.

Pestanejou uma vez e fitou-me surpreendida.

Onde o conseguiu.

Pedi a Ashbury.

Foi então ter com ele directamente, depois de me levar todo aquele dinheiro.

Não. Foi ele que veio ter comigo.

Quanto arranjou?

Não há limites expliquei com um gesto largo. Disse-me para falar com ele sempre que precisasse de mais dinheiro.

Sou eu que trato da parte financeira da agência.

Faça como quiser, mas sem me estragar os planos.

Donald disse, aproximando-se tanto de mim quanto o seu corpo o permitia, está a avançar de mais no meu escritório.

Sou *eu* que dirijo a agência.

Ninguém duvida de que assim é.

--bom, quando eu...

Soaram passadas apressadas a atravessar o escritório. Ou riram-se as propostas da nova secretária a tentar deter a avalanche humana que atravessava o escritório e lutava violentamente para abrir o puxador da porta. A porta escancarou-se para dar passagem a Henry Ashbury.

Até que enfim o encontro! exclamou. Qual era a sua intenção? Provocar-me um ataque cardíaco?

Disse-lhe simplesmente a verdade respondi.

bom. chegou a altura de esclarecermos certos assuntos.

Vamos falar para outro sítio.

De futuro, Sr. Ashbury, receberá os relatórios replicou Bertha Cool com ar condigno. Donald vai entregar-me relatórios dactilografados regularmente. Passar-lhe-ei as informações sobre o prosseguimento do caso. Tem havido demasiadas irregularidades nesta agência.

De que está a falar? perguntou Ashbury, voltando-se para ela.

As negociações que fizer, têm de ser comigo. De futuro fará o favor de tratar de *tudo* comigo. Eu informá-lo-ei devidamente.

Concordo que tenha sido apanhada um tanto de imprevisto respondeu, olhando-a por cima dos óculos e num tom de voz suave, bem moldado e excessivamente delicado.

A culpa tem sido de Donald.

No que se refere talvez a dinheiro pára despesas?

Isso é um dos aspectos da questão.

Venha comigo, Donald pediu Ashbury. Quero falar consigo.

Não se incomodem por minha causa comentou Bertha Cool. Sou uma mera empregada.

A minha principal preocupação neste momento sou eu exclamou Ashbury calmamente, olhando para ela e por acaso sou eu que pago *todas* as contas.

Tem toda a *razão*, Sr. Ashbury respondeu Bertha Cool recaindo em si. Representamos os seus interesses. E o nosso maior desejo é agir de acordo com eles.

Está bem respondeu Ashbury, dando-me o braço.

Venha comigo.

Aonde vamos?

Tenho o carro lá em baixo.

Pode ser boa ideia viajar disse-me Bertha Cool.

Pensei nisso. Onde está o carro da agência?

Na garagem.

Até à vista despedi-me.

Quando é que a Elsie volta?

Não sei.

Enquanto Bertha Cool lutava entre dominar-se ou não, Ashbury atravessou o escritório dando-me o braço e encaminhou-se na direcção do parque de estacionamento onde deixara o automóvel.

Vamos falar então agora disse.

Tomou lugar ao volante e sentei-me a seu lado.

O que vem a ser essa história com Bob?

Use a cabeça disse-lhe.

Estou a usar. Há muito que o devia ter feito, mas essa possibilidade nunca me ocorreu.

Que outra razão poderia ter havido?

Pensei que se tratasse de toda uma engrenagem para me fazerem entrar no negócio. Barnard Carter era o verdadeiro cérebro por detrás de tudo e quem ganhava dinheiro a sério.

Pensei que a Sr.^a Ashbury lhe quisesse dar alguns lucros fáceis e decidiram que a melhor forma de o fazer seria através de Bob.

Tudo isso não passa de uma vigarice. Servem-se de Bob.

E não me parece que Bernard Carter tenha muito que ver com o assunto.

Está metido no problema.

Há por detrás de tudo um espírito mais arguto do que o de Cárter e se ele está envolvido é por estar a ser vítima de chantagem. Segundo creio, Cárter não

queria de maneira nenhuma ver o filho da Sr.^a Ashbury metido em problemas por sua causa.

Qual é a vigarice? perguntou Ashbury, com um leve assobio.

Compraram alguns terrenos sem valor em Valleydale e estão a espalhar o boato de que são ricos em ouro.

E são?

Acho que não. A companhia que se encarregou de dragar o terreno não foi muito longe quando viu que não podia chegar ao jazigo.

É essa a ideia que preside ao jogo?

Sim.

Que fazem então?

Vendem as acções de uma sociedade confiscada com o valor nominal de um dólar, ao modesto preço de 500 dólares.

Meu Deus, como é isso possível?

Uma venda bem conduzida e pressionada para convencer pessoas que mordem facilmente o anzol dourado. Limitam deliberadamente o tempo da entrevista. Colocam o relógio em frente do «patinho» que, normalmente, está tão influenciado pela ideia de ser um homem ocupado que, quando chega a sua altura de fazer perguntas, bate com os dedos no vidro do relógio e lembra severamente ao vendedor que terminou o tempo concedido para a entrevista.

É assim que exercem uma pressão já esquematizada?

Sim. Normalmente é assim que preparam o engodo.

É uma ideia genial, uma psicologia óptima, se a analisarmos em profundidade.

Parece estar a dar resultado.

O cliente em perspectiva não faz, portanto, perguntas?

Não. E todas as vezes que o tenta, o vendedor começa a falar como se estivesse prestes a terminar a argumentação *de* venda que o cliente interrompeu, por ter terminado o tempo da entrevista. O cliente irrita-se e manda-o calar.

com mil raios! praguejou Ashbury. Se foi Bob o autor da ideia, é bastante mais esperto do que eu pensava.

Não foi.

Quem foi, então?

Não sei. Provavelmente um advogado de nome Crumweather, que também organizou uma forma de fugir à «Lei do Céu Azul».

Legalmente?

Provavelmente, não da forma como o assunto está a ser conduzido. É essa a razão de Bob ser presidente.

Não existem falhas nesse método de vendas?

Não. É diabolicamente bem engendrado;

E pensar que fui tão tremendamente estúpido replicou Ashbury, enxugando a testa com um lenço, tão ansioso por não entrar nas confidências de negócios desse estúpido, que não me apercebi do que estava a acontecer.

Mantive-me em silêncio.

O que tem em mente, Lam? perguntou, passado um momento.

Até que ponto é importante para si conseguir que Bob não fique preso?

Aconteça o que acontecer disse, tudo seria preferível a isso., Pensei em ir a Valleydale passar um ou dois dias.

Para quê?

É onde eles operam.

E o que espera encontrar lá?

Talvez os registos da velha companhia que se encarregou de dragar os terrenos e uma descrição do mesmo terreno.

De que serve isso?

Se conseguir obtê-los disse e se os registos estiverem como realmente penso, faço um acordo com o advogado. No entanto, não me parece que os consiga descobrir.

Porque não?

O cérebro que imaginou tudo isto, possivelmente, também se encarregou desse pormenor.

O que tenciona fazer mais?

Inspeccionar o terreno e tentar pôr a descoberto a desonestidade do esquema.

E enquanto estiver fora o que é que se passa com o outro assunto?

O outro assunto elucidei-o está a tornar-se demasiado quente para o poder tratar neste momento sem queimar os dedos. Pensei ficar fora um dia ou dois e deixar que arrefecesse um pouco.

Não estou muito certo de que seja essa a melhor decisão.

Alta telefonou pouco depois de ter saído daqui. Disse-me que pensava que voltasse e tivesse ido apenas à garagem comigo.

Quer falar consigo. Está preocupada. Está... Diabos o levem, Donald! Coloca-nos a todos sob a sua dependência.

É para isso que fui contratado.

Eu sei, mas a situação tornou-se diferente. Alta sentir-se-ia perdida se se fosse embora.

Alta também tem de partir.

O quê?!

Ouviu o que lhe disse.

Quer dizer, partir comigo?

Não. Ir para qualquer lugar. Visitar alguém. Passar alguns dias com uma amiga que more fora da cidade, e é importante que ninguém saiba para onde foi.

Porquê Porque não quero que ninguém lhe faça mais perguntas sem eu saber mais algumas respostas.

Então porque se vai embora?

Tenho os detectives na minha pista. Estão a investigar.

Quer que lhe diga o que procuram?

Não. Então está assente; vou falar-lhe agora do que tenciono fazer e como pode agir.

Pensou um minuto, tirou um charuto do bolso, arrancou a ponta e riscou um fósforo.

Quando tencionas partir? perguntou.

-Já.

Onde posso entrar em contacto consigo?

É melhor não o fazer. Se acontecer alguma coisa, contacte com Bertha Cool.

Mas vai para Valleydale?

Sim.

Não sabe o tempo que demorará?

Não.

Vai a casa pôr algumas coisas na mala e ..

Não vou a sítio nenhum para pôr seja o que for na mala.

Vou à garagem buscar o carro da agência e sigo imediatamente.

Comprarei a roupa de que precisar.

Parte imediatamente?

Há só uma coisa de que ainda tenho de tratar.

O que é?

A transacção comercial com o Sr. Fischler.

Posso deixá-lo no Edifício dos Comuns.

É melhor telefonar primeiro respondi. Espere aqui.

Demoro só um minuto.

Havia um telefone público no posto de gasolina, no parque de estacionamento. Marquei o número que Elsie Brand me dera. Ela respondeu.

Está a ouvir-me? perguntei.

Deve ter julgado, com certeza, que não queriam o seu dinheiro respondeu-me.

Porquê?

Disse-me que lhe dariam um prazo até às duas da tarde.

Que disseram eles?

O vendedor esteve cá duas vezes. Volta dentro de dez minutos. Deixou o recado de que aceitava a proposta, mas o prazo expirava à uma hora.

Deixe-se ficar aí disse. Tenho de arranjar um contrato de opção.

Ele tem um com ele.

Não sei se me agradará.

Quer que lhe diga?

Não. Deixe-se estar aí. vou imediatamente.

Voltei ao carro.

Está bem disse a Ashbury. Pode deixar-me no Edifício dos Comuns, se quiser, ou então tomo um táxi.

Não, também quero colaborar.

Ashbury esperou no carro, enquanto subi ao escritório. Rich esperava-me quando entrei.

Parabéns, Sr. Fischler foi a forma como se dirigiu, apertando-me a mão. É o indivíduo com mais espírito para o negócio que encontrei em quinze anos de vendas. Ganhou!

Pegou-me no braço e conduziu-me ao gabinete, como se fosse ele o dono da casa.

Aqui tem! exclamou, retirando do bolso um certificado de acções. Uma acção. Aqui a tem, juntamente com um contrato de opção, devidamente assinado pelo presidente e secretário da companhia.

Não perde tempo comentei.

A isso fui obrigado pelo género de negócio. Quase explodiram ao ouvir a proposta, mas expliquei-lhes que neste momento não dispunha de dinheiro, que era um comprador garantido e que daria um bom accionista, que...

Continuou a falar, mas deixei de o ouvir. Estava a ler o contrato de opção. com grande surpresa minha, seguira à risca as instruções que lhe dera. Assinei o meu acordo no duplicado do contrato de opção, dei-lhe mil dólares e meti no bolso a acção, juntamente com o contrato de opção. A opção estava assinada por Robert Tindle, como presidente, e E . E Melts, como secretário. Troquei um aperto de mão com Rich; disse -lhe que tinha uma entrevista e acompanhei-o à saída do escritório.

354 Lembre-se de que tem de manter o escritório aberto até eu voltar disse a Elsie.

Aonde vai?

Para fora da cidade, em viagem de negócios.

Falou com Bertha, relativamente ao trabalho?

Sim.

Que disse ela?

Que estava bem.

Então posso continuar aqui sentada a ler revistas?

Sim, e se quiser pode dedicar, também, um pouco do seu tempo à costura. Fume durante as horas de expediente e masque pastilha-elástica. O género de negócio que justificou a existência do escritório assim o exige.

Vou-me sentir como uma amante paga.

É esse precisamente o papel que pretendo que desempenhe respondi. Percebeu?

Boa sorte, Donald replicou, ao mesmo tempo que os olhos me sorriam.

Mantenha os dedos cruzados para me dar sorte disse e saí para dizer a Ashbury que estava pronto para partir.

Insistiu em levar-me à garagem onde Bertha Cool guardava o calhambeque da agência. Tinha um brilho de ansiedade no olhar, quando o deixei.

CAPÍTULO IX

Valleydale fora, antigamente, um local que constituía um imenso tema de assuntos a ser tratado por uma Câmara de Comércio. As montanhas, cobertas de densas florestas de pinheiros, chaparros e monzonito e, mais abaixo, grandes carvalhos, tornavam-se vertentes onde o sossego era rei e depois um vale que, antigamente, fora terreno fértil para a agricultura.

Agora, estava reduzido a enormes quantidades de rocha em montes espalhados pelos locais onde as máquinas que dragavam o terreno as tinham abandonado. Eram rochas de forma arredondada, gastas pelas geadas e pelo rio. Eram os restos do que outrora tinham sido pedras gigantescas; agora brilhavam

sob o sol, como ossos calcinados no deserto. Aqui e além, notava-se uma tentativa para nivelar o terreno e plantar pomares. Nas vertentes onde as máquinas não tinham chegado, os carvalhos maciços ofereciam sombras convidativas. Viam-se, também, espalhados bocados de vinha e a verdura de árvores de fruto. Tinha-se uma vaga ideia do que aquelas terras haviam sido em tempos.

O rio, vindo das montanhas, alargava-se perto do vale de Valleydale e as águas, tornadas calmas, corriam através dos feios montes de pedras. Parei num motel e entreguei o livrete do carro da agência, tendo-me registado com o nome de Donald Lam. Mais tarde, quando se tornasse necessário justificar cada minuto do meu tempo à Polícia, não queria de forma alguma levá-los a pensar que usara um nome falso ou pretendia fugir.

Deitei-me imediatamente ao trabalho.

As pessoas que ficaram na cidade tinham um ódio de morte a tudo que se relacionasse com a procura do ouro. Os primeiros donos das terras tinham escavado o ouro, recebido o dinheiro e partido para as grandes cidades. Os que trouxeram as máquinas de dragar tinham espalhado a prosperidade na cidade mediante salários, lojas e escritórios e depois tinham pesquisado o terreno. As máquinas acabaram por ficar paradas e os escritórios fecharam. Uma ambiência de desespero envolvia a cidade. Os que ficaram dedicaram-se, como única solução, aos seus negócios com a lentidão própria das pessoas que perderam oportunidade de grandes lucros e continuam presas à mesma rotina por não conseguirem encontrar um meio de a abandonar.

Ninguém sabia o que acontecera aos registos da companhia que se encarregara das escavações. A sede dos escritórios nunca fora ali. Os livros e as máquinas tinham desaparecido, bem como os empregados.

Fiz investigações para descobrir se ainda existiam alguns antigos empregados na região. O dono de uma loja de fazendas disse-me que julgava ser ainda vivo um velho solteiro ermitão chamado Pete-Qualquer-Coisa, que trabalhara nas escavações iniciais e nos terrenos outrora prósperos. Não sabia o

apelido de Pete, nem mesmo o sítio exacto onde vivia, mas parecia-lhe que tinha uma cabana a uma milha, mais ou menos, descendo o rio. Existia aí uma pequena faixa de terreno que escapara às máquinas da draga e era aí que Pete vivia. Ia, de vez em quando, à cidade buscar mantimentos. Pagava a pronto e não era sociável. Ninguém sabia verdadeiramente de que vivia.

Disseram-me que uma nova sociedade estava prestes a utilizar uma espécie de invento para fazer com que as rochas dessem lugar ao terreno fértil. Os que pertenciam a outra época afirmavam que, ainda que tal fosse possível, demoraria anos. Outros eram da opinião de que a fertilização científica conseguiria fazer surgir colheitas num abrir e fechar de olhos.

Nenhuma das partes conseguiu coligir os factos e chegar a uma opinião inteligente e imparcial a partir dos mesmos. Primeiro expressaram uma opinião, procuravam ilustrá-la com imagens e procuravam conseguir que a mesma fosse aprovada.

Tudo o que constituísse uma oposição era ignorado. Pareceu-me não haver muita oportunidade de lhes conseguir arrancar alguma coisa.

Escurecia quando descobri a cabana de Pete. Nos seus tempos servira para local de operação das máquinas de dragar e tinha janelas em todos os lados. Metade das janelas estavam pregadas com folha, que Pete arrancara das latas de querosene de cinco galões.

Pete devia andar pelos sessenta e tal. Tinha ossos largos, mas não era gordo. A idade não o vergara. Chamava-se afinal Pete Digger.

O que deseja? perguntou, indicando um banco feito em casa e que fora salvo de um monte de ferro-velho. Em cima do fogão aceso estava a cozer uma panela de feijão.

Estou a tentar reconstituir alguma coisa sobre a história do local disse.

Para quê?

Sou escritor.

O que escreve Uma história sobre pesquisa de ouro.

Pete tirou o cachimbo da boca e apontou-o na direcção de Valleydale.

Eles é que o podem informar exclamou.

Parecem-me bastante preconceituados respondi.

São realmente uma corja danada! explodiu, num riso seco, a que se misturava uma ironia filosofada.

Gosto destes sítios comentei, olhando à minha volta.

Por mim agradam-me.

Porque é que nunca escavaram neste local?

Foram obrigados, para que o rio não invadisse o terreno onde trabalhavam. Tencionavam fazer uma elevação em pedras para o poderem atacar mais tarde. Simplesmente, o processo falhou.

Qual é o comprimento desta faixa?

Talvez 1,5 km de comprimento e umas centenas de metros de largura.

É uma região com bonita paisagem. Como era, antes de se iniciarem as escavações?

Era uma terra arada à mão. Ainda existem as pedras do tempo dos chineses. Não deixaram montes de pedras muito altos; os maiores eram de um metro e pouco de altura. Antes das escavações começarem, também havia bons terrenos por aqui.

Gosto deste bocado.

Hum, hum.

Avistei alguns coelhos quando vinha a caminho.

Há alguns. Servem-me de refeição de tempos a tempos disse. Não parece muito boa vista assim, mas por dentro está polida como um espelho acrescentou, indicando com a cabeça uma espingarda de calibre 22 pendurada na parede.

Quem é o dono da terra?

Eu respondeu, com os olhos a brilhar.

Ainda é melhor viver aqui do que na cidade retorqui.

Isso é verdade. A cidade morreu. Este lugar é o que resta. Como conseguiu descobri-lo?

Uma pessoa da cidade disse-me que morava aqui e que talvez me pudesse dar algumas informações sobre a procura do ouro.

O que quer saber?

Factos gerais.

Essa gente mete-me nojo comentou, voltando a apontar o cachimbo na direcção de Valleydale. Assisti a todo esse maldito negócio desde o início. A terra aqui era bastante boa.

Nos velhos tempos dos cavalos e das carroças era uma cidade acolhedora; depois, começaram a pesquisar o ouro. A maioria dos habitantes pensou sempre que não daria resultado. Poucos se entusiasmaram com a ideia, mas quando viram que podia concretizar-se, ficaram loucos. O preço dos terrenos começou a subir cada vez mais. Ninguém vendia na expectativa de um preço mais elevado. A Câmara do Comércio começou a interessar-se pelo assunto. Começaram a dominar toda a cidade.

Todos os que quisessem trabalhar na cidade tinham emprego e, depois, a companhia começou a dar emprego a outras pessoas vindas de outras regiões. A cidade crescia cada vez mais.

Os preços subiam na mesma proporção. De vez em quando, alguém fazia surgir a pergunta relativamente ao que ficaria, quando as companhias de draga acabassem o seu trabalho e a primeira reacção das pessoas era pô-lo a andar a toda a pressa da cidade.

Passado algum tempo a situação começou a mudar; os que tinham a talhada maior do bolo acharam que chegara a altura de partir. Os compradores

não pensavam da mesma forma. Os salários começaram a descer. Havia casas à venda. Até mesmo a Câmara do Comércio não enfrentou os factos. Tentaram manter a coragem de sempre. Pensaram que iria ser construída uma linha férrea e que a cidade se tornaria importante por esse facto; mas tudo começou a passar-se de forma diferente, até que chegámos a este estado. Toda a gente culpa a companhia da pesquisa do ouro.

Estava ao seu serviço?

Sim, Quando começou?

Logo no início das escavações. Fiz a prospecção.

359 A água da panela dos feijões começou a ferver e o vapor fez levantar a tampa. Pete levantou-se e puxou a panela para o lado.

Interesso-me muito por este assunto retorqui.

É escritor, não foi o que disse?

Sim. Se quiser ganhar alguns dólares podíamos passar uma tarde juntos, falando da região, e pode crer que não desperdiçaria o seu tempo.

Quanto?

Cinco dólares.

Aceito.

Dei-lhe uma nota de cinco dólares.

Quer cear comigo?

,Dava-me muito prazer.

Só tenho feijão, bolos quentes e xarope.

Parece-me bem.

Não é um guarda-florestal?

Não.

Tenho um par de codornizes. Vamos comê-las e falamos depois.

Posso ajudar?

Não. Deixe-se estar sentado. Ali naquele canto não me atrapalhará.

Observei-o enquanto provava a comida e concluí que o invejava. O lugar tinha o seu quê de insípido, mas estava limpo. Tudo bem arrumado, e cada coisa no seu lugar próprio. Não havia uma única coisa fora do lugar. Fizera armários de caixotes que anteriormente contiveram latas de querosene de cinco galões. Colocara os caixotes uns sobre os outros e unira-os com pregos. Pete foi buscar dois pratos, facas e garfos. Explicou que o xarope era feito em casa com partes iguais de açúcar branco e escuro. Os bolos eram panquecas enormes, cozinhadas numa frigideira, e voltadas pelo processo de as atirar ao ar. Os feijões tinham um acentuado gosto a alho. Como Pete explicou, as codornizes tinham sido cozinhadas sobre as brasas. Contou que matara a caça fora da época, a apanhara e limpara, queimando depois a pele, as entranhas, as pernas e as cabeças; fizera uma fogueira e preparara a caça. Escondera-as num lugar onde nenhum malvado de um guarda-florestal seria capaz de as encontrar.

Os da cidade levantaram-lhe muitos problemas? perguntei.

Há um indivíduo na cidade que se intitula deputado disse Pete. Vem cá de vez em quando passar uma busca, mas não encontra nada acrescentou com a risada seca habitual.

Foi um jantar agradável. Ofereci-me para lavar os pratos, mas ele lavou-os e secou-os enquanto eu estava ainda a discutir o assunto. Tudo regressou aos lugares respectivos nas caixas. Pete colocou o candeeiro de petróleo no centro da mesa, feita por ele mesmo.

Quer um cigarro? perguntei.

Não. Prefiro o cachimbo. Fica mais barato e dá-me mais prazer.

Acendi um cigarro e Pete acendeu o cachimbo. Estava muito usado e depressa o ar se encheu de um odor forte e agradável.

O que quer saber? perguntou.

Fez a prospecção dos terrenos?

Sim.

E como. Não me parece muito possível, uma vez que o jazigo se encontrava nas camadas mais fundas.

Nesse tempo tínhamos uma escavadora *Keystone*. Era simples. Escavava-se o terreno até ao jazigo. Fazia-se subir a terra com uma bomba. Tudo o que vinha com a areia passava para um tubo; depois peneirava-se e obtinha-se as amostras do ouro.

Amostras? perguntei.

Sim; o ouro foi empurrado para o fundo pela acção da geada até ficar um bocadinho do tamanho da cabeça de um alfinete e da grossura de uma folha de papel. Algumas vezes são precisas centenas para conseguir um bocadinho de ouro.

Então deve conseguir-se muito de cada buraco que se escava?

Não. não se consegue. As máquinas de draga faziam as escavações para conseguir um lucro de unicamente dez cêntimos para cada metro cúbico. É mais do que o homem conseguiria, empregando os métodos antigos.

Mas como poderiam fazer uma ideia exacta do valor em ouro existente, utilizando esse processo da prospecção?

Os engenheiros, até à profundidade de um metro cúbico, conheciam a composição do terreno e escavavam sempre, tentando atingir as camadas mais profundas e retiravam todo o ouro do buraco. Pesavam-no cuidadosamente e faziam novos buracos com a mesma profundidade.

E não conseguiam obter muito ouro em cada buraco que faziam?

Não; só ligeiras amostras.

Pareceria fácil provar os resultados de tal prospecção comentei passado um bocado, como se estivesse a pensar em voz alta.

Tirou o cachimbo da boca e ficou a olhar um minuto, com os lábios cerrados formando uma linha recta e sem pronunciar palavra.

Foi o único lugar em que fez prospecção? perguntei.

Não. Depois comecei a conhecer o jogo disse, percorri a região toda e até mesmo trabalhei em Klondike, onde o terreno era tão sólido que havia necessidade de o furar com tubos, antes de se conseguir um buraco. Também estive na América do Sul. Viajei por todo o país. Depois regresssei e comecei a trabalhar com as máquinas de draga.

Conseguiu ganhar dinheiro? perguntei.

Nem um mísero cêntimo.

Agora não está a trabalhar, pois não?

Não; cá me arranjo. Não me custa nada a viver acrescentou Pete após uns minutos de silêncio. Consigo a maior parte da comida andando por aí. De vez em quando arranjo um saco de feijões e além disso tenho uma pequena horta.

Compro o tabaco do cachimbo, o açúcar e a farinha na cidade.

Compro um bocado de bacon e cozinho com a gordura. Ficaria surpreendido com o pouco que é preciso para um homem viver.

Nunca pensei passar uma tarde tão agradável. Só falta um pequeno pormenor.

O que é? perguntou.

Um pouco de *whisky*. E se déssemos um salto à cidade a comprar uma garrafa? perguntei.

Tem alguma preferência em particular? perguntou depois de ter ficado uns momentos silencioso, limitando-se a olhar-me.

Qualquer coisa, desde que seja bom.

Quanto é que costuma pagar?

Quatro dólares.

Espere aqui um minuto; volto já.

Levantou-se e saiu da cabana. Ouvia-lhe os passos e percebi que se devia ter afastado uns seis metros da porta. Depois o silêncio reinou. Voltei a ouvir os passos. Lá fora fazia luar.

Através das janelas que não estavam tapadas com lata, avistava a Lua projectando sombras negras por baixo dos pinheiros e carvalhos. Ao fundo, recortavam-se os montes de pedra reflectindo a luz e lembrando-me o deserto.

Decorridos alguns momentos, Pete regressou e sentou-se.

Olhei-o uns momentos, depois puxei a carteira e tirei quatro notas de um dólar.

Só trouxe para uma caneca explicou, devolvendo-me os dois dólares.

Retirou uma garrafa do bolso de trás e colocou-a na mesa.

Depois foi buscar copos. Encheu-os e voltou a pôr a garrafa no bolso.

A bebida tinha uma cor de âmbar. Provei-a. Não era nada má.

É mesmo bom aprovei.

Obrigado agradeceu Pete modestamente.

Ficámos sentados a beber e a fumar. Pete contou-me histórias de velhos jazigos de minas perdidas no deserto, de reclamações, de fendas e intercalou a conversa com observações sobre os velhos tempos de pesquisa do ouro.

Diz-se que uma nova companhia vai iniciar escavações comentou, depois do segundo copo e quando já não tinha as ideias tão claras.

Pete saltou uma risada.

Não havia por aqui um jazigo por explorar? perguntei.

A companhia para a qual eu trabalhava era dirigida pelo velho Danniell respondeu Pete. Se houvesse alguma coisa por explorar não lhe escaparia.

Mas houve alguns sítios onde as máquinas não conseguiam chegar, não é verdade?

Sim.

Bastantes?

Sim.

Então porque não voltam a explorar a região?

Podem fazê-lo.

com lucros?

Talvez respondeu Pete cerrando os lábios.

E transformá-la em terra fértil?

É o que pretendem.

Não seria bom?

Talvez.

Suponho que a primeira medida seria consultarem os registos da prospecção feita por si, saberem a profundidade a que as dragas poderiam escavar e saber onde procurar o material que desejam.

São o bando mais nojento que vi em toda a minha vida.

Que quer dizer com isso?

Estou a referir-me às escavações que fazem.

Já estão a fazer escavações? perguntei.

- Claro. A cerca de um quilómetro e meio. Meu Deus, mas são gente sem escrúpulos.

O que quer dizer com isso?

Fazem subir o "ouro através da bomba para depois o voltarem a deitar para o mesmo sítio. De vez em quando trazem uma série de anjinhos que contemplam a peneira de olhos esbugalhados. Não reparam que a manobra é feita de forma que seja sempre o mesmo ouro que sobe e desce. Basta observar os movimentos do homem que está encarregado de puxar a corda e verificar que

tira a mão do outro bolso para manter o equilíbrio. Se se observar de mais perto, chega-se à conclusão de que deixa mesmo cair pedacinhos de ouro para a peneira todas as vezes que puxa a corda. É bastante habilidoso com esse truque. Tudo está pensado e o ouro só vem verdadeiramente ao cimo quando escavam o sítio onde trabalhava a draga. Segundo os cálculos que fazem, teriam de percorrer todo o estado de Kentucky para encontrar sítio onde colocar o ouro. Mas não passam de loucos, porque mais tarde ou mais cedo serão apanhados.

Quantos buracos já fizeram?

Três. Estão agora a escavar o quarto. Foi só o começo.

Sabe quem está por detrás de tudo?

Não. Gente do sul da região. Estão a vender a maior parte das acções aqui.

Qual é o ambiente da cidade em relação a eles?

As opiniões dividem-se. Há os que resmungam e os estúpidos.

A partir do momento em que surge a hipótese de começarem a montar uma draga, imediatamente a Câmara do Comércio começa a preparar-se para se meter no assunto. Só que as máquinas de dragar nunca aparecerão.

Porque não?

Porque chamaria muito as atenções para a prospecção que fazem. Revelaria o jogo. E, segundo creio, acho que não tencionam gastar dinheiro em montar o equipamento. Falam muito, põem ouro no terreno que voltam a recolher para o colocarem no buraco seguinte. E que me diz a mais uma bebida?

Não, obrigado agradeço. É muito forte.

Dá vida a um morto. É o fim a que se destina.

Beba por mim respondi. Tenho de levar o carro de volta.

Não costumo beber muito, a não ser quando estou acompanhado com um amigo. Você parece bom tipo. Escritor, não é?

Hum, hum.

O que escreve?

Artigos sobre coisas diferentes.

Não percebe muito de minas, pois não?

Nada.

A que propósito está a escrever este artigo?

Pensei que ficaria bem. Não propriamente num jornal de minas, mas num jornal agrícola.

Olhou-me por momentos sem dizer palavra, depois meteu tabaco no cachimbo e entregou-se ao prazer de fumar.

Passados momentos disse-lhe que era hora de me ir embora e que talvez voltasse mais tarde para obter mais algumas informações. Acrescentei que pagaria cinco dólares por noite.

Achou bem e apertámos as mãos.

Sempre que quiser vir fazer-me uma visita disse-me não precisa de pagar cinco dólares. Raramente consinto em receber visitas e conversar com alguém. E há uma pessoa em cada cem que tem oportunidade de provar isto concluiu, voltando a cabeça na direcção da mesa.

Compreendo retorqui. bom, então até à vista.

Até à vista.

Voltei ao motel. Em frente do apartamento que eu alugara estava parado um grande e reluzente automóvel de desporto.

Tirei a chave do bolso e abri a porta. Ouvi alguém mexer-se no apartamento ao lado e fechei a porta rapidamente. Em seguida ouvi passos leves a atravessarem o relvado e alguém a bater à porta.

bom, dera o meu melhor!

Abri a porta. Alta Ashbury estava à minha frente.

Olá disse.

Não é este o local mais apropriado para você estar respondi, dando-lhe passagem.

- Porque não?

Por muitas razões e a mais importante é que os detectives andam à minha procura.

O pai disse-me.

Além do mais, se nos encontrarem aqui juntos será uma bela história para os jornais.

História de alcova, é o que quer dizer?

366 Exacto.

Que emocionante! Não tem importância, se é que estava preocupado acrescentou, passado um momento.

Estou preocupado.

com o quê? com o seu bom nome? ili Não; com o seu.

O pai está a chegar avisou. Deve estar aqui por volta do meio-dia.

Como é que vem?

De avião.

Como sabia que eu estava neste motel?

Passaria por todos até o descobrir. Só há quatro. Acertei à segunda.

Porque é que o seu pai também vem?

O assunto está a aquecer.

Que progressos há?

O Sr. Crumweather chamou-me ao telefone e pediu-me que estivesse no escritório dele amanhã às duas da tarde.

Não vá.

Porque não?

Penso que é ele quem tem as cartas que faltam. Dá-me ideia de que se prepara para iniciar a extorsão.

Quer dizer que as tinha todas?

Sim.

Não acredita na história de os detectives atraíçoaem o advogado distrital?

Descontraia-se aconselhei. Uma vez que está aqui.

aproveito para me distrair.

Estava a beber, Donald!

E de que maneira...

E o que estava a celebrar?

Estava a beber com um contrabandista.

Julguei que tinham acabado.

Sempre existiram e sempre os haverá.

E era um contrabandista simpático?

Hum, hum.

E o contrabando?

367 Bastante bom.

Trouxe algum consigo?

Só o que tenho dentro de mim.

Pelo cheiro parece muito exclamou aproximando-se.

E comeu alho também.

Incomodo-a?

Não. Tenho pena de que não me levasse consigo. Deve ser divertido visitar contrabandistas e comer alho. Estava dentro da bebida o alho?

Dos feijões.

Tem um cigarro, Donald? pediu, sentando-se numa das cadeiras. Quando o ouvi chegar fiquei tão excitada que vim mesmo sem trazer a bolsa.

Onde está?

No apartamento do lado.

Tem algum dinheiro? perguntei-lhe, estendendo um cigarro.

Algum.

Quanto?

Seiscentos ou setecentos dólares, não sei bem.

É melhor ir buscá-los disse.

Oh, não faz mal. Diga-me, Donald, o que veio aqui fazer?

Estou a tentar arranjar provas contra Crumweather.

Porquê?

Para quando ele começar a exercer chantagem, eu também ter alguma coisa contra ele.

Acha que pode fazê-lo?

Não sei. É um indivíduo muito esperto.

É aqui que a sociedade de Bob tem o terreno, não é?

Sabe alguma coisa sobre o assunto?

Só o pouco que Bob contou.

vou fazer-lhe uma pergunta a que pode não responder declarei, olhando-

a.

Não faça isso, Donald. Temo-nos entendido muitíssimo bem até aqui. Detesto que me interroguem.

Porquê?

Não sei. Gosto de ser independente e viver a minha própria vida. Quando as pessoas me começam a fazer muitas perguntas e me levam a responder, parece-me que deixo de ter vida privada. Respondo, se gosto da pessoa que as faz, mas depois fico ferida. Sempre fui assim.

vou fazer-lhe a pergunta, apesar de tudo isso.

O que é?

Deu algum dinheiro ao seu meio-irmão?

Franziu o sobrolho.

Suponho que é o meu pai que quer saber.

Sou *eu* que quero.

Dei respondeu.

Muito?

Não.

Dinheiro para empregar na sociedade?

-Nem um cêntimo. Só para o ajudar a viver e lhe dar uma oportunidade de começar quando o pai lhe cortou as saídas.

Quanto? Tenho de responder a isso?

Sim.

Não quero.

Mas quero eu. , Se me obrigar respondo, mas depois pode sofrer as consequências.

Quanto?

Cerca de 15 mil dólares.

Há quanto tempo?

Dois meses.

Quando deixou de lhe dar?

Quando ele deixou de trabalhar.

Não lhe voltou a dar mais desde então?

Não Ele queria mais, não é verdade?

Sim. Isso punha-me furiosa. Compreende, Donald, ele não é uma pessoa a quem eu esteja muito ligada. Ele entrou à força na família e tenho de o ajudar ou, então, sair e viver independentemente.

Porque não faz isso?

Por causa de toda a situação complicada que o meu pai criou.

-com o seu segundo casamento?

Sim.

Como é que ele se envolveu nisso?

Diabos me levem se eu sei, Donald. É um assunto de que não gosto falar.

Continue, agora que começou.

Bem, a culpa foi minha.

Como?

Fui até aos mares do Sul e depois até ao México e em seguida fiz uma viagem de iate.

E então?

O pai ficou sozinho. É uma combinação estranha. Exteriormente é muito duro, mas é um sentimental.

«Ele tinha sido muito feliz com a minha mãe e todos sempre nos demos muito bem. A sua vida familiar foi sempre ótima e tinha grande importância para

ele. Depois da morte de minha mãe como sabe ela tinha fortuna própria o dinheiro foi dividido entre mim e o meu pai por testamento.

Eu... bem, acho que tenho de lhe dizer. Eu estava na altura com um problema amoroso que me afectava profundamente.

Agora passou-me, mas, por momentos, não pensei que conseguisse sobreviver e o pai disse-me que partisse. Fiz as malas e parti. Quando voltei estava casado.”

Como é que isso sucedeu? perguntei.

Como é que estas coisas sempre acontecem? exclamou amargamente. Basta olhá-lo! Não quero falar sobre ela nem é preciso. Já a conhece. Como é que uma pessoa daquelas pode prender alguém? Só há uma maneira.

Está a pensar num género de chantagem, não? perguntei, fitando-a. Quer dizer que...

Claro que não! exclamou. A mulher é uma actriz consumada. Nunca perguntou a si mesmo porque é que tantas mulheres com personalidade e bom carácter nunca se casam, ao passo que o tipo de mulher chorona e sem personalidade normalmente consegue um bom marido?

Vai soltar os cabelos e falar-me de sexo? perguntei.

Sim, já é altura de saber disse com um meio sorriso.

É tempo de conhecer verdadeiramente a vida, Donald.

Então, diga-me.

As pessoas com personalidade são sempre as mesmas continuou. Não cedem a todos esses pequenos truques próprios das hipócritas. As mulheres com esse tipo de personalidade mostram-se como são. Um homem pode gostar o suficiente para casar com elas ou não.

«Existe um outro tipo. Não tem personalidade própria, a não ser personalidades falsas e sabem o suficiente para manter esses defeitos escondidos. Bem, a actual mulher de meu pai descobriu que ele estava sozinho,

que desejava um lar, que a filha andava a viajar p'elo mundo e que provavelmente casaria.

Convidou-o para ir jantar a casa dela. Bob comportou-se maravilhosamente, dando a impressão de um espírito camarada e então não era nada do que está. O pai nunca ouviu falar de tensão elevada até depois do casamento. Ela era uma mulher muito suave, amiga da casa, a quem as saídas não interessavam e que queria construir um lar. Uma mulher que faria uma festa ao pai quando ele estivesse cansado e jogaria xadrez.

Oh, ela adorava xadrez continuou Alta com os olhos brilhantes.

Desde que casaram nem uma só partida de xadrez jogaram.

"Oh, eu gostava tanto, Henry!" começou a dizer, imitando a madrasta. "Sinto tanto a falta desses jogos, mas a minha pobre cabeça dói-me tanto! E a minha tensão... O médico diz que tenho de ter muito sossego."» Conseguiu que lhe começasse a contar os meus problemas acusou-me, detendo-se repentinamente. S'egundo creio, estava sempre à espera desta oportunidade em que me conseguisse apanhar, quando a minha raiva fosse tão grande que tivesse de lhe contar.

Pelo contrário protestei. - Não me interessa muito o assunto. Queria apenas saber dos negócios que fez com o seu irmão.

Mas que gratidão! acusou-me|, dando uma risada.

Ponho a minha alma a descoberto e diz-me que não quer ouvir.

Comeu alguma coisa? perguntei, sorrindo.

Não, e sinto-me esfomeada. Estive sempre à espera que chegasse.

Parece-me que nesta cidade fecha tudo às oito e meia, mas podemos encontrar um sítio que esteja aberto toda a noite em qualquer lugar da auto-estrada.

Sabe uma coisa, Donald?

O quê.' Esse seu hálito a alho...

Ofende-a? perguntei.

Você é formidável, Donald! Aqui tem as chaves do meu carro; partamos em busca da aventura.

Quando é que chega o seu pai?

Não antes da meia-noite. Conseguiu conquistar-lhe as boas graças.

Abriu a porta do carro e entrou.

Meti a chave no motor e liguei-o. O carro arrancou com um ruído tão fraco como o de uma máquina de costura, mas com a potência de um foguetão. Meti a primeira e pisei o acelerador. O carro deu um salto tão grande que quase nos pareceu que as cabeças nos saltaram.

É o hábito do calhambeque, não é, Donald? com este tem de arrancar em segunda, a não ser que esteja atolado em lama~ou coisa no género.

Já dei por isso respondi.

Descobrimos um pequeno restaurante espanhol e ela escolheu a ementa.

Vamos dar um passeio ao luar sugeriu quando saímos.

Pensei que devia haver uma estrada que fosse dar às terras junto do rio. Descobri-a finalmente e deixámos a estrada alcatroada para meter por uma estrada lamacenta que levava a um local onde a região se estendia a nossos pés. Vistos desta altura os montes de pedra não pareciam tão duros e brilhantes.

O luar inundava-nos suavemente e todo o panorama do vale fazia parte da noite, das estrelas e desses ruídos misteriosos que emanavam da vida selvagem.

Desliguei o motor e apaguei as luzes. Ela procurou o meu corpo. Uma nuvem branca encobriu, por momentos, o luar.

Uma coruja desceu sobre um rato. As sombras formavam manchas escuras sobre os *canyons*. As vertentes encontravam-se cobertas de luar verdadeiro e o vale, lá em baixo, banhado por um brilho tranquilo. Sentia o corpo dela contra o meu e ouvia o som regular da sua respiração. Olhei-a uma vez,

pensando que adormecera, mas tinha os olhos bem abertos e encontrava-se embevecida pelo cenário.

Senti a sua mão na minha. com as unhas pontiagudas traçava pequenos desenhos nas pontas dos meus dedos. Uma das vezes suspirou; foi um leve suspiro de satisfação.

Agrada-lhe tudo isto, Donald? perguntou, repentinamente, olhando-me.

Como resposta inclinei-me, roçando os lábios, ao de leve, pela face dela.

Por um momento pensei que me iria beijar, mas em vez disso encostou-se mais e permaneceu silenciosa.

É melhor irmos embora para podermos estar no motel quando o seu pai chegar. .

Acho que sim.

Estávamos praticamente a entrar em Valleydale quando voltou a falar.

Donald, acho que seria capaz de o amar para sempre só por isto.

Porquê?

Por tudo isto.

Não fui o inventor da paisagem .

Não, e existem muitas outras coisas que também não foram feitas por si disse. Donald você é realmente formidável.

O quê? perguntei. O que pretende afinal?

Nada. Só queria que soubesse que com outra pessoa nada disto teria sido <o mesmo. Outros homens que eu conheço, teriam falado ou acariciado de mais ou fariam com que eu lutasse. Consigo senti-me descontraída, quase como se fizesse parte da paisagem e eu também.

Por outras palavras, sou um indivíduo pouco conquistador, não é assim?

Não diga asneiras, Donald.

Na minha opinião, um homem deve pôr em dúvida o cumprimento quando a rapariga diz que se sente em segurança com ele.

Se soubesse como me senti insegura consigo riu nervosamente, ficaria surpreendido. O que eu queria dizer é que foi tudo como devia ser. Oh, mas porque é que tentei arranjar uma explicação? Não me devia meter em terreno alheio. Não sabe guiar só com a mão esquerda, Donald?

Sim.

Retirou-me a mão do volante, pô-la por cima dos ombros dela e enroscou-se.

Conduzi silenciosamente através das ruas desertas da cidadezinha, uma cidade de fantasmas, de recordações, casas a necessitar de pintura, árvores frondosas de folhas verdes e brilhantes batidas pelo luar e projectando sombras semelhantes a manchas que alguém tivesse pintado no chão com um gigantesco pincel.

Henry Ashbury estava à nossa espera no motel. Viera de avião e alugara um carro para fazer o resto do caminho.

Chegou mais cedo do que contava, não, pai? perguntou Alta.

Fez um aceno afirmativo e olhou-nos pensativamente. Apertou-me a mão, beijou Alta e voltou a olhar-me. Mantive-me silencioso.

Não faça esse ar tão sério disse Alta. Espero que tenha trazido algum *whisky* na mala, porque na cidade está tudo fechado a esta hora. Aqui têm algum, mas muito afastado, e antes de ir para a cama podia preparar um. *Today*.

Fomos os três para o apartamento de casal que Alta reservara para si e para o pai. Sentámo-nos, e Alta preparou algumas bebidas quentes com *whisky*, distribuiu-as pelas chávenas e veio trazê-las.

O que é que conseguiu descobrir? perguntou Ashbury.

Não muito respondi mas o suficiente.

O que é que se passa?

Estão a fazer prospecções. Parece que utilizam uma escavadora.

Uma draga pode funcionar maravilhosamente num terreno em que não seja preciso escavar muito e não é preciso muito ouro para despertar as atenções além de que podem utilizar, muitas vezes, o mesmo ouro.

E por quanto?

Apenas lhes custa alguns dólares.

O que acontecerá depois?

Depois de esgotadas as possibilidades, fugirão. Nunca se atreverão a utilizar as dragas como deve ser. Se o fizessem, imediatamente descobririam que havia vigarice no caso.

Mordeu a ponta do cigarro e fumou por momentos em silêncio.

Apanhei-o duas vezes a olhar para Alta por cima dos óculos.

E agora? perguntei.

O que quer dizer?

O próximo movimento é consigo disse.

Em que é que está a pensar?

Tudo depende do que quiser fazer.

Vou deixar tudo inteiramente nas suas mãos. Sinto-me contente por poder tomar conta de nós.

Esquece-se de que amanhã, possivelmente a esta hora, estarei numa cela, com uma acusação de assassínio?

Alta Ashbury soltou um pequeno suspiro involuntário.

O pai desviou os olhos, por momentos, na sua direcção e voltou a fitar-me.

Qual é a sua sugestão? perguntou.

Até que ponto é importante para si evitar que Bob se veja metido em sarilhos?

Tremendamente importante. Eu próprio estou metido num trabalho de promoção, com mais três sócios. Se alguma coisa surgisse neste momento que fizesse oscilar o barco, sentir-me-ia numa posição embaraçosa, não financeiramente, mas... Que diabo, chamaria a atenção das pessoas para mim!

Todos voltariam a cabeça, cada vez que eu entrasse no clube.

As conversas parariam bruscamente, quando eu entrasse. Toda a engrenagem diabólica para a destruição da minha boa fama entraria em acção, sob as minhas vistas, sem que eu pudesse fazer alguma coisa para o evitar.

Só existe uma maneira de tratar deste assunto disse eu.

Como?

Podíamos matar dois coelhos de uma cajadada comentei pensativamente.

Qual é o outro?

Um incidente pouco importante.

Pai, olhe para mim disse Alta, empurrando a chávena e o 'açucareiro para o lado e inclinando-se sobre a mesa.

Ele olhou-a.

Está preocupado porque pensa que me apaixonei pelo Donald, não é verdade?

Sim concordou, fitando-a bem de frente.

Não pense que seja esse o caso. Estou a tentar que não seja. Ele tem-me ajudado e é um cavalheiro.

Percebi que o elevaste à categoria de confidente e não a mim queixou-se Ashbury, num tom brusco.

Sei que não, pai, e devia tê-lo feito; mas chegou a altura.

Agora não interrompeu-a. Mais tarde. Diga-me, Donald, o que pensa?

Não estou a tentar caçar os milhões, milhares ou centenas ou lá o que for dos Ashbury. Tentei sempre fazer jogo honesto e...

Agarrou-me no braço e apertou-mo com força.

Não é a si que estou a censurar, Donald, mas a Alta disse. Normalmente os homens andam de volta dela e ela dá-lhes esperanças. Censuro a maneira como os trata, não bem a eles mas ao meu sexo, por suportar tudo aquilo. E agora talvez te alivie saber continuou, voltando-se bruscamente para Alta que antes de partir disse à Sr.^a Ashbury que se podia avistar com o advogado, ir para o Reno e *pedir* calmamente o divórcio e levar o filho com ela. Repito a pergunta, Donald.

O cérebro que se encontra por detrás deste negócio é um advogado chamado Crumweather. Pensei que podia tratar o assunto de forma a conseguir factos que o comprometessem.

Por um lado posso e por outro não. Neste momento estão vendidas muitas acções Não sei. Bastantes. E vai haver uma subida enorme.

E o delegado da Sociedade por Acções?

Crumweather encontrou maneira de se subtrair à sua autoridade, Não podemos apanhá-lo por esse motivo?

Não. É demasiado esperto. Encontra-se perfeitamente protegido e com um lucro de dez por cento. Os atingidos, serão os donos da companhia.

Então, que *podemos* fazer?

A única coisa a fazer disse é descobrir quem são os accionistas e levá-los a vender as acções.

É a *Primeira* vez' desde que o conheço, Donald exclamou, que o vejo fazer uma sugestão estúpida.

A mim, parece-me -perfeitamente racional, pai acudiu Alta em minha defesa. Não compreende que é a única saída?

Disparate! rematou, recostando-se na cadeira e chupando o charuto. As pessoas que compraram acções naquela companhia, não compraram como investimento. Estão com os olhos postos num lucro de cem por cento, quinhentos por cento ou mesmo cinco mil por cento. Tente comprar as acções ao preço que pagaram por elas e rir-se-ão. Ofereça-lhes dez vezes o que pagaram e pensariam que tinha informadores por elas e rir-se-iam.

Segundo penso, não está a compreender aonde quero chegar, Que pretende, então? perguntou.

Só havia uma pessoa capaz de as comprar outra vez, que seria Crumweather.

Mas como?

Podia, de repente, dar-se conta de que todas as vendas tinham sido transacções ilegais, mandar os vendedores convencer os clientes dos aspectos negativos da proposta e dizer-lhes que o delegado da Câmara dos Comuns os tinha intimado a devolver o dinheiro que tinha recebido pela venda das acções.

Quanto lhes custaria isso? perguntou secamente. Eu diria um meio milhão de dólares.

Acho que o poderíamos fazer por 500 dólares.

Quanto? perguntou admirado.

500 dólares.

Ou está louco ou sou eu quem o está disse.

Para si vale 500?

Valeria 50000.

O carro de Alta está lá fora. Vamos dar um passeio disse.

Posso ir? perguntou Alta.

Acho que não. Vamos visitar um solteirão já reformado.

Gosto de solteirões.

Então venha disse.

Sentámo-nos os três no banco da frente e conduzi o carro pela estrada de mau piso, até os faróis mostrarem a velha cabana de Pete Digger.

Deixem-se ficar pedi. vou ver se ele está disposto a receber visitas.

Saí do carro e encaminhei-me em direcção à casa.

Mãos ao ar, amigo, e bem no ar ordenou uma voz vinda da escuridão.

Voltei-me, repentinamente, e levantei as mãos. Os faróis do carro iluminaram-me o rosto e a voz de Pete Digger mais parecia um rugido.

Devia” ter sabido que você não passava de um espião.

Avance e tente encontrar o que quer, hipócrita de duas faces.

com que então escritor e com um carro desses? Se não tem autorização, desapareça imediatamente. Se tem, mostre-ma.

Percebeu-me mal, Pete disse eu. Pretendo apenas mais informações, mas desta vez estou disposto a pagar mais.

De repente, a porta do carro escancarou-se; Alta saiu e dirigiu-se para o lugar oculto pelas sombras.

Juro-lhe que é verdade. Donald trouxe-me a mim e ao meu pai para falarmos de negócios.

Quem é a senhora?

Chamo-me Alta.

Coloque-se à luz dos faróis para a poder ver.

Ela pôs-se a meu lado.

Julgo que sou eu quem se segue exclamou Henry Ashbury, alegremente, saindo do carro e pondo-se igualmente a meu lado.

com mil diabos, quem é agora? perguntou Pete Digger.

É o Pai Natal, estúpido e baixei os braços.

CAPÍTULO X

Pete Digger enfiara umas calças e calçara botas, ao ouvir o carro aproximar-se. Sentira-se um tanto embaraçado por estar assim à frente das pessoas, mas eu sosseguei-o e chegou mesmo a parecer envergonhado pela cena da espingarda. Foi Alta quem salvou a situação. Mostrou-se interessada e agia de forma natural.

Pete queria arranjar a cama antes de entrarmos, mas foi Alta a primeira a recusar que o fizesse. Entrámos todos. As janelas estavam abertas e o fogão apagado, mas descobrimos uma ou duas achas e acendi o lume enquanto Pete vestia uma camisa e um casaco, desculpando-se simultaneamente.

A cabana aqueceu rapidamente. O fogão manteve-se aceso.

Pete aproximou-se e sentou-se, olhando com um ar desejoso para o perfumado *Perfecto* que Ashbury lhe estendia.

Não.- Isso são coisas da gente rica. Eu *sou* pobre. O cachimbo é que é o meu amigo e eu não atraíço os amigos, compreende?

Alta e eu fumávamos cigarros. No ambiente formava-se uma nuvem azul que passou pesadamente sobre a mesa e o lume aceso que tornava o lugar ainda mais quente e confortável do que o termómetro indicaria.

Então o que pretendem?

Pete comecei, vou dar-lhe uma oportunidade de ganhar 500 dólares.

Ganhar quanto?

500 dólares.

Como? perguntou.

Tem de ajudar a descobrir uma vigarice.

Para quê?

Posso confiar em si?

Não costumo atrair os amigos, mas não poupo os inimigos. Pague o dinheiro e tenha a sua oportunidade.

Enganei-o quando lhe disse que era escritor à procura de um colorido local confessei, inclinando-me sobre a mesa.

É a maior anedota que ouvi de há quarenta anos para cá disse, inclinando a cabeça para trás e rindo.

O quê? perguntou Ashbury?

Este jovem pensava que eu não sabia que me estava a mentir quando me disse que era escritor. Ele veio cá para tentar descobrir alguma coisa. Penso que deve ser um advogado a tentar descobrir qualquer coisa sobre aquela companhia de escavações. com que então um escritor! Ah, ah, ah!

bom, passemos adiante disse sorrindo. Agora, Pete, o importante é aquele assunto das acções.

Você é...

Sim, comprei algumas disse-lhe.

Que gente danada! exclamou Pete sombriamente. Devíamos ir dinamitar as escavações e metê-las no rio para as fazer arrefecer.

Não, não respondi. Conheço um processo melhor.

Qual é?

Acha que eles sabem a quantidade que metem nesses buracos?

Claro que sim. E para que uma proposta dessas funcione, o terreno tem de ser uniforme, pois o rio só deposita o ouro dessa maneira. O ouro há milhões de anos que corre assim.

Compreende?

Calculava que assim fosse. Sabem, portanto, o ouro que retiram, não é verdade?

Claro.

Pete disse eu , há bocado contou-me que era capaz de viciar um terreno com perfeição de artista. O que queria dizer com isso?

Há bocado disse-me que eu podia ganhar 500 dólares.

O que queria dizer com isso?

Ashbury, que era bom psicólogo e tinha estado a estudar Pete por cima dos óculos, retirou a carteira do bolso sem uma palavra e contou cinco notas de 100 dólares.

Era isto o que ele queria dizer afirmou, empurrando as notas na direcção de Pete.

Pete pegou nas notas, olhou-as, mirou-as entre os dedos e deixou-as ficar a meio da mesa.

Não quer? perguntou Ashbury.

Não, até dizer o que quer.

Estou a dizê-lo respondi.

Espere até me ouvir falar.

Então fale pedi-lhe.

Bem, conheço realmente uma forma de viciar um terreno que nem o próprio Diabo é capaz de descobrir.

Qual é?

Para fazerem uma ideia como deve ser, vou-lhes contar umas histórias. Tudo começou em Klondike, quando uma companhia pensava em se estabelecer aqui. Havia um indivíduo que queria vender uns terrenos e a sociedade não estava de acordo; o pássaro contou-lhes, porém, um conto e todos caíram.

Quando começaram a cavar, pensaram ter encontrado a fortuna. Tudo estava nos seus devidos lugares. Começaram a cavar pelo topo, tentando chegar ao jazigo. Obtinham sempre os mesmos resultados. O terreno era absolutamente uniforme.

Compraram o local, mas precisamente antes de começarem a cavar alguém teve uma ideia brilhante e resolveu fazer mais alguns testes em mais buracos as partículas eram tão finas que nem se conseguiam ver com lentes de aumentar.

O que aconteceu? perguntei. Havia vigarice?

Claro que sim.

Mas era isso que eles iam à procura?

Evidentemente. Os patinhos foram enganados mesmo debaixo do nariz. Vou-lhes dizer como. Já alguma vez viu o ouro peneirado?

Sacudi a cabeça negativamente.

Pete foi buscar uma peneira. Pôs-se de cócoras com a peneira entre os joelhos.

É esta a posição como se peneira o ouro, estão a ver?

perguntou, imprimindo um movimento rítmico à peneira de um lado para o outro. Põe-se a peneira debaixo de água, para fazer com que o ouro que vem misturado com a água assente no fundo da peneira.

Fiz um aceno afirmativo de cabeça.

bom continuou Pete. É assim que se peneira. Todo o homem tem direito a fumar. Tire, portanto, a bolsa do tabaco do bolso, enrole o cigarro ou tire do maço já preparado. Eu uso o meu tabaco porque a partir do momento em que eu começar a fumar cigarros preparados todos suspeitariam.

Continue pedi.

bom disse Pete, não há mais nada a acrescentar.

Não o compreendo comentou Ashbury.

Não vê? O tabaco tem cerca de um quarto de pó de ouro. Ponha o tabaco que quiser na cigarreira e determine o valor de ouro existente em cada peneira pelo tempo que me leva a peneirar. Enquanto estou a fumar, a cinza vai caindo na peneira e ninguém repara nisso.

Ashbury soltou um assobio.

E há outra forma continuou Pete. Sobe-se a uma das armações do buraco, afastam-se as cordas que as sustém e coloca-se pó dourado a todo o comprimento das mesmas. De manhã, quando os trabalhadores começam, soltam-se pequenas partículas que caem no buraco.

” Pois, Pete esclareci-o, o que pretendemos é que apareça muito *mais* ouro do que aquele que eles põem para os levar à conclusão de que o ouro existe realmente. Terá, porém, de ser feito de forma que ele apareça por debaixo do antigo nível a que as escavações chegaram.

Eles não sabem onde chegava o nível disse Pete.

Estes não percebem nada de nada. Observei-os. São tão estúpidos que quase me apeteceu dizer ao indivíduo encarregado das escavações: «Ouça lá, amigo, não gosto de ensinar o padre-nosso ao vigário, mas se não sabe viciar isso melhor, dê o lugar a outro que perceba do ofício.» Ashbury soltou uma risada e Alta riu com gosto.

É sua disse, empurrando cinco notas de 100 dólares na direcção de Pete.

Pete pegou nas notas, dobrou-as e meteu-as na algibeira.

Quando pode começar? perguntou Ashbury.

É urgente?

Sim.

Tenho aqui um pouco de pó indicou Pete com um movimento de cabeça na direcção do armário. Algum que apanhei aqui e ali nos bolsos e também dos pagamentos que faziam. É suficiente para o que pretendemos.

Como é que se consegue aproximar da propriedade?

perguntei-lhe.

É fácil. Desde o início têm estado a tentar convencer-me a trabalhar com eles. Não percebem muito do assunto.

Não convém que comece a aparecer muito mais ouro logo a seguir a ir trabalhar. Seria demasiada coincidência - avisei.

Deixe isso comigo, amigo. Amanhã, quando estiver luar, irei pôr uma boa porção de ouro na corda da escavação. Amanhã começará a dar resultado. Penso que só irei precisar da corda.

Continue a fazê-lo até eu dizer que pare.

Como me dirá?

Quando receber um postal assinado D. L., com as palavras:

«Estou a divertir-me imenso. Gostaria que pudesse estar aqui.» É a indicação para parar.

Está bem. Dentro de meia hora começo.

Apertámos as mãos.

bom trabalho, Donald elogiou Ashbury ao subirmos para o carro.

CAPITULO XI

Ninguém falou muito no caminho de regresso. Quando cheguei em frente do motel desliguei o motor e apaguei as luzes.

Saí a abrir a porta do outro lado quando me apercebi da presença de um carro que não vira antes. Na matrícula tinha uma cercadura com um E no meio.

Não disse uma palavra aos outros, mas encaminhei-me directamente para o meu apartamento. Dois homens saíram da sombra.

O seu nome é Lam?

Sim respondi.

Donald Lam?

Sim.

Acompanhe-nos. Queremos falar-lhe. Recebemos instruções telegráficas para o determos.

Esperei que Ashbury e Alta tivessem senso suficiente para não se envolverem. Saíram do carro e fecharam a porta. O luar incidia no rosto pálido de Alta.

Quem são estas pessoas? perguntou o polícia indicando Ashbury e Alta com um movimento de cabeça.

Viram-me na estrada e perguntaram-me se queria uma boleia.

Um deles estava vestido com um uniforme de polícia das estradas e o outro devia ser, segundo presumi, uma entidade do corpo local.

O que deseja?

Não partiu muito à pressa?

Estou a trabalhar.

Em quê.' Prefiro não fazer declarações.

Conhecia um homem chamado Ringold?

Li a notícia do assassinio no jornal.

Sabe alguma coisa sobre o assunto?

Claro que não. Porquê?

Não estava no hotel na noite em que ele foi morto? Não falou com a empregada do balcão dos cigarros e com o recepcionista tentando arrancar-lhes informações sobre Ringold?

Claro que não exclamei recuando um passo ou dois e olhando-os como se pensasse que estavam doidos.

Quem são vocês afinal? Pertencem à Polícia?

Claro que sim.

Têm licença?

Não te armes em esperto, moço, e deixa esse ar. Só estamos a fazer perguntas, é tudo.

O que queriam saber?

O advogado distrital diz que poderia ter interesse na morte de Ringold.

Como concluiu isso?

Desta forma: Jed Ringold trabalhava para a Sociedade de Hipoteca de Propriedades e essa companhia possui alguns terrenos aqui perto de Valleydale. O presidente dessa sociedade é um tipo chamado Tindle, em casa de quem tem vivido e de quem recebe ordens.

Que disparate! exclamei. Sou visita da casa de Ashbury e o Tindle é o seu enteado.

Não trabalha para ele?

Não. Ando a arrancar umas massas a Ashbury. Estou a dar-lhe lições de jiu-jitsu.

Isso é o que você diz. Tindle tem interesses aqui. Ringold trabalhava para Tindle. Alguém vai ao hotel e estoura os miolos a Ringold. A descrição deste indivíduo assenta em si que nem uma luva...

É isso que os preocupa?

Claro.

Então, assentemos numa coisa: eu quando voltar vou direito à Polícia dizer-lhe que não funcionam bem. Houve uma ou duas pessoas apenas que

viram o tipo do hotel, não é assim? Parece-me que me lembro de ler isso no jornal.

Exactamente, moço.

Então, voltarei dentro de dois dias e tiramos isso a limpo.

bom, e suponhamos que você não era o tipo do hotel?

Não sou.

Gostava de ver tudo esclarecido, não é assim?

Não estou particularmente interessado. É tão absurdo que nem sequer me preocupo com isso.

Mas suponhamos que você é realmente o indivíduo? Pode acontecer qualquer coisa e esquecer-se de voltar.

bom, acho que não me vão deter só por eu conhecer o presidente da sociedade, ou estou enganado?

Não; mas o advogado distrital conseguiu uma fotografia sua, mostrou-a ao empregado da recepção do hotel e este disse: «É esse o indivíduo que procuram.» E o que me diz a isto?

Ashbury e a filha tinham percebido a deixa. Em lugar de voltar ao apartamento, meteram-se no carro e afastaram-se.

Posso fazer alguma coisa por si, amigo? perguntou Ashbury, baixando o vidro do lado do condutor e pondo a cabeça de fora. Está metido nalgum sarilho?

Não. É um assunto pessoal respondi. Boa noite e obrigado pela boleia.

Tive muito prazer despediu-se Ashbury, fechando a porta e afastando-se do motel.

E então? perguntou o polícia que estava a dirigir o interrogatório.

Só há uma resposta a essa pergunta retorqui. Vamos ao hotel e farei com que o empregado do balcão engula todas as palavras que disse. O indivíduo não é muito bom da cabeça.

Essa é uma maneira inteligente de encarar o caso. Sabe que o podíamos *levar*, mas haveria toda uma possibilidade que não nos conviria. Se realmente tiver havido erro, quanto menos se falar do assunto melhor. É difícil identificar as pessoas por uma fotografia. Sabe como estas coisas são. Se o levarmos ao hotel teremos toda uma publicidade no jornal a dizer que o empregado da recepção o identificou indubitavelmente como o sujeito que estava lá. O empregado olha melhor o rosto e diz que não está já bem certo. O verdadeiro pássaro aparece nessa altura. Parece-se um tanto consigo mas não muito e o empregado afirma: «é este o tipo.» Sabe, porém, o que faria um advogado desonesto? Arranjaria um bom sarilho ao empregado por ter identificado outra pessoa primeiro como o indivíduo que vira.

O estúpido do empregado, ao fazer uma identificação falsa, arranjará uma série de sarilhos comentei, mas o advogado de acusação é que fica mal sob esse ponto de vista.

Ouçã, amigo, está a tentar fazer de mim parvo? exclamou o polícia olhando-me um momento.

Como vamos? perguntei.

Por estrada, de automóvel, é um percurso de uns 70 km até ao aeroporto mais próximo, onde está um polícia que telefonou a ordenar que o viéssemos buscar. Espera-nos com um avião. Se for tudo um engano, ele volta a trazê-lo e pode tomar uma camioneta de volta para aqui.

E não terei perdido nada além do preço do bilhete da camioneta e um dia comentei sarcásticamente.

Mantiveram-se em silêncio.

De noite não viajo de avião com ninguém por preço algum disse passados uns momentos. vou no carro com vocês e passo a noite num hotel escolhido por

um polícia. Só vou amanhã de manhã. Estou a tratar de vários negócios que não posso abandonar.

Você é muito independente, não é? “

Tem toda a razão respondi fitando-o nos olhos e se quer que eu vá voluntariamente terá de ser assim. Se quiser publicidade nos jornais de que o recepcionista fez uma identificação falsa pode levar-me.

O. K. disse o homem. Venha connosco!

O investigador especial do advogado distrital que nos esperava no aeroporto não tinha o espírito completamente tranquilo.

A minha atitude acalmou-o um tanto, mas ficou irritado ante a ideia de eu querer passar a noite no hotel e não querer viajar à noite de avião. Tentou discutir comigo e disse-lhe muito simplesmente que tinha medo de viajar de avião à noite.

Ouçã, Lam dizia o polícia que não se convencia. Se quer fazer as coisas a bem só lhe resta uma solução. Tenho aqui este avião e está alugado. Posso pô-lo sob prisão e obrigá-lo a regressar se quiser...

Pode, se me puder acusar de alguma coisa.

Não quero acusá-lo de nada.

Está bem; então, partimos de manhã.

Vigiem-no ordenou passados momentos aos polícias que me tinham trazido. vou fazer uma chamada.

Dirigiu-se a uma cabina e pediu uma chamada de longa distância. Demorou cerca de vinte minutos. Esperei no átrio do hotel, acompanhado dos polícias das estradas. Tentaram convencer-me a ceder à ideia de voltar e acabar com todas as complicações.

O. K., amigo disse o investigador especial quando voltou da cabina. Foi você que pediu. Vamos voltar.

Vai acusar-me?

vou prendê-lo sob suspeita.

Tem licença para o fazer?

Não.

vou chamar um advogado.

Não lhe valia de nada.

Isso é o que julga. vou chamar um advogado.

Não temos tempo para esperar que telefone. O avião está pronto para descolar.

Tenho o direito de chamar um advogado teimei, encaminhando-me na direcção da cabina.

Detiveram-me tão rapidamente que a cabeça pareceu querer saltar-me dos ombros. Cada um agarrou-me de seu lado. O empregado do átrio olhou-me com curiosidade. Algumas pessoas levantaram-se e afastaram-se.

O. K., rapazes. Vamos disse o investigador.

Conduziram-me à força para o automóvel, desligaram a sirene e partiram a toda a velocidade para o aeroporto. Esperava-nos um avião com os motores a aquecer e empurraram-me para dentro.

Uma vez que prefere que o assunto seja tratado à força dirigiu-se-me o investigador, vou precaver-me para que não tenha ideias enquanto estiver no avião e decida tomar qualquer atitude.

Pôs-me uma das algemas em redor do punho e prendeu a outra ao braço da cadeira.

Apertem os cintos avisou o piloto, Teria sido muito melhor se facilitasse as coisas disse-me L.

o investigador, apertando-me o cinto.

Mantive-me em silêncio.

Quando lá chegarmos não tenciona continuar a dificultar as coisas na altura de ir ao hotel onde esse empregado o possa ver, pois não?

Você é que está a dificultar tudo, amigo, e não eu | disse. Garanti-lhe que amanhã de manhã iria a um hotel ou a qualquer lugar que quisesse e não oferecia entrave a que o empregado me visse. Não me permitiu que o fizesse, portanto não vou a nenhum hotel. Se me levar à força e me meter na cadeia, conto a minha história aos jornais. Se quiser que alguém me identifique, ponha-me numa fila com mais pessoas.

Ah, é assim que pensa, não?

Exactamente assim.

Agora tenho a certeza absoluta de que é você o indivíduo que estava no hotel.

Está a brincar com coisas sérias avisei. Os jornais irão dizer que me acusou de assassinio, que o empregado do

hotel fez uma identificação através de fotografia .

Uma tentativa de identificação corrigiu o polícia.

Chame-lhe como quiser disse eu. A sua tentativa de identificação vai custar-lhe bem caro e a si também lhe caberá uma talhada.

Ficou irritado e pensei que me iria bater, mas mudou de ideias e sentou-se. O piloto olhou para trás, certificando-se de que tínhamos os cintos postos, fez o avião dar a volta à pista e descolar.

O voo começou calmamente. Recostei-me nas almofadas.

De vez em quando as luzes de bordo fitavam-me com olhos vermelhos que piscavam como que a pressagiar qualquer coisa.

De tempos a tempos, luzes dispersas localizavam cidadezinhas.

Olhava para baixo e imaginava as pessoas enroscadas em camas quentes, ouvindo o ruído do motor que ecoava sobre os telhados e dizendo no meio do

som «Lá vai o correio!», sem compreender que aquele avião transportava um homem que jogava uma partida de morte com cartas que lhe eram adversas, O piloto voltou-se e fez-nos sinal quando começámos a sobrevoar as montanhas. Concluí que significava a aproximação de um trajecto difícil. Não me enganei. Tentámos fugir-lhe mas não conseguimos. Quando aterrámos no aeroporto senti-me mesmo mal.

O piloto aterrou no extremo mais afastado do campo. O investigador aproximou-se e abriu uma das algemas.

Ouçã Lam disse-me como que presentindo qualquer coisa. Agora vai entrar no carro com destino ao hotel. Não irá haver barulho nem publicidade.

Não pode fazer isso retorqui. Se me quer deter ponha-me na prisão.

Não está sob prisão.

Então não tinha o direito de me trazer para aqui.

Mas está aqui, não? comentou com um sorriso.

O avião deu a volta para o hangar. Ouvi o som de uma sirene e um carro a aproximar-se. Uma luz vermelha incidiu sobre a porta do avião.

Não se arme em esperto disse o investigador empurrando-me para a frente. Uma discussão seria vergonhoso. Até aqui tem-se portado muito bem. Continue assim.

Voltaram os faróis na minha direcção para me cegarem.

O investigador empurrou-me para fora. Senti mãos que me agarravam e me impeliam e em seguida a voz de Bertha Cool.

O que estão a fazer a este homem?

Afaste-se minha senhora. Este homem está sob prisão.

De que é acusado?

Não tem nada a ver com isso.

Pode actuar disse Bertha Cool para um homem que se encontrava na sombra e deu um passo para a frente tornando-se visível.

Tomo o assunto sob minha responsabilidade. Sou advogado e represento este homem.

Desapareça antes que seja tarde ameaçou um dos polícias.

Muito bem. Vou-me embora, mas primeiro quero entregar-lhes esta declaração. É uma intimação do *habeas corpus* passada por um juiz superior e ordenando que apresentem este homem em tribunal. Este outro papel é uma ordem escrita para o levar imediatamente ante o magistrado mais próximo daqui para ser posto em liberdade sob fiança. No caso de se encontrarem interessados o magistrado mais próximo é o juiz de paz desta cidade. Está sentado agora no seu escritório de luzes acesas e o escritório aberto pronto a fixar a fiança.

Não somos obrigados a levá-lo a qualquer magistrado disse o homem.

Para onde é que o vão levar?

Para a prisão.

Não os aconselho a dar o passo sem falar com o magistrado em questão avisou o advogado.

Ouçam falou então Bertha Cool. Este homem trabalha para mim. Dirijo uma respeitável agência de detectives. Arrancaram-no ao trabalho e trouxeram-no à força. Não pensem por um minuto se quer que tudo vai ficar em bem.

Um minuto só, rapazes. Deixem-se ficar aí ordenou o delegado do advogado distrital. Vamos falar um momento disse, fazendo sinal ao advogado.

Bertha Cool intrometeu-se na conferência. Os diamantes reflectiam a luz dos faróis produzindo cintilações de um vermelho cor de sangue acompanhando o movimento das mãos Eu também estou metida nisto declarou.

Ouçã começou a falar o investigador, preocupado e numa posição de defesa. Não tencionamos levantar acusações contra este indivíduo. Tanto quanto

nos parece é incapaz de fazer mal a uma mosca mas estamos a tentar descobrir se é o homem que estava no quarto de Jed Ringold quando o assassinaram.

Se não é, damos o caso por encerrado. Se é, a acusação será de assassinio.

E então? perguntou Bertha Cool, truculentamente.

O delegado fitou-a e tentou aguentar o olhar. Bertha Cool inclinou o rosto na sua direcção e com os olhos brilhando provocadoramente voltou a repetir a pergunta num tom de voz mais elevado.

E então? Ouviu muito bem o que lhe disse, verme. Responda.

Não há necessidade de um *habeas corpus* declarou o delegado voltando-se para o advogado, nem tão-pouco de o levar ante um magistrado, porque não pretendemos acusá-lo.

Como é que então o trouxeram, se não o prenderam?

perguntou Bertha.

O caso é que o empregado do hotel viu uma fotografia deste indivíduo e diz que *pensa* que é ele o pássaro exclamou para o advogado, tentando ignorar a pergunta. Tudo o que queremos é levá-lo ao hotel para o empregado o ver. Parece razoável, não?

Por uma fracção de segundo, o advogado hesitou. Bertha Cool estendeu um braço e empurrou-o para o lado tão facilmente como se fosse apenas um saco vazio e ficou sozinha com o rosto estendido na direcção do advogado.

Não é nada razoável, com mil raios!

Formara-se um pequeno grupo. Os passageiros de um dos aviões tinham-se aproximado bem como alguns membros da tripulação e os pilotos. A luz vermelha não me incidia agora nos olhos; poderia olhar em volta e distinguir os rostos sorrindo.

Estavam a apreciar o espectáculo oferecido por Bertha Cool.

Conhecemos os nossos direitos declarou Bertha. Não se pode identificar um homem assim. Se o vai acusar de assassínio, meta-o na prisão. Ponha-o numa fila e pode ter a certeza de que dois ou três homens da mesma fila têm a mesma constituição e características físicas do homem que procuram. *Em seguida*, traga o empregado e coloque-o frente à fila. Se ele escolher Donald, pode dizer que o identificou. Se escolher outra pessoa, o caso é diferente.

O delegado tinha a preocupação estampada no rosto.

Para sua informação, guarda, é mesmo assim que tudo se processa.

Não queremos arranjar complicações a este indivíduo.

Pode ser falso alarme. Mas se ele não é culpado para quê tantos problemas?

Porque não me agradam os vossos processos respondi. .

Garanti que vinha provavelmente amanhã de manhã e iria falar ao hotel com quem quisessem; declarei que não podia partir esta noite e que se me quisessem trazer no avião hoje teriam de me prender.

O tipo é doido comentou um dos polícias.

E o que fizeram? perguntei erguendo a voz. O senhor e dois polícias da estrada agarraram-me e meteram-me à força num automóvel. Arrastaram-me até aqui sem qualquer acusação contra mim. É um rapto autêntico. Arranjarei forma de conseguir o apoio das autoridades federais. Não estou disposto a ser empurrado. Esperem até amanhã e podem ficar certos de que me apresento nesse maldito hotel.

Fez-se um momento de silêncio.

Sabe de onde vem este avião e conhece um advogado que se dá bem com o xerife; telefone-lhe, diga-lhe que arran;

que o xerife da cama e consiga uma acusação de rapto passada contra este polícia.

Ouçã, miserável insultou um dos polícias. Quando se prende um homem por assassinio não se trata de rapto.

O que lhe fazem então quando o prendem por assassinio?.

Levamo-lo para a cadeia e temos os nossos meios se não se porta com juízo óptimo respondi. Levem-me a um magistrado, e se ele quiser metam-me na cadeia mas não me façam perder tempo com hotéis. Caso contrário, será rapto. Entendeu-me, Bertha?

Claro ajudou o advogado, compreendendo aonde eu queria chegar. A partir do momento em que tentem levá-lo para qualquer lugar quando de acordo com os estatutos estudados para tais casos, trata-se de rapto.

Ouviram, portanto, o que diz o advogado, não é verdade?

comentou Bertha, voltando-se para enfrentar os polícias.

Pare com isso disse um dos polícias.

Via pequenas gotas de suor a formarem-se na testa do investigador.

E não pense que vai conseguir safar-se só porque está no seu país. O rapto verificou-se noutra país e se soubesse como alguns dos outros distritos vos odeiam, saberiam o que vos ia acontecer.

Este foi o rebentar da bomba. O advogado parecia ter perdido todo o *controle*.

Ouçã, não há necessidade de se descontrolarem e de gritarem uns com os outros. disse. Sejam lógicos. Se este homem está inocente ninguém pode estar mais ansioso do que ele para o provar.

Assim é melhor retorqui. O que pretendem afinal?

Queremos averiguar se você é o indivíduo que ocupava o quarto do lado do do homem que foi assassinado no hotel.

Averiguemos, então.

Mas isso é o que nós temos estado a tentar fazer.

Usemos meios legais comentei.

O que é que chama meios legais? perguntou um dos polícias.

Irei para a cadeia garanti:Arranjem outras cinco ou seis pessoas que tenham aproximadamente a minha compleição e vistam-nas de forma idêntica à minha. Se o vamos fazer, que seja como deve ser. Quantas pessoas viram esse homem que foi para o hotel?

Três.

Quem eram?

O empregado da recepção, uma rapariga que está a atender no balcão dos cigarros e uma mulher que o viu à frente da porta do quarto.

Reúna- então essas pessoas, ponha-as lado a lado em três cadeiras e diga-lhes que não façam comentários até toda a fila ter passado. Pergunte-lhes depois, separadamente, se algum dos da fila era o homem que viram na noite do assassinio.

Ouçam disse o delegado baixando a voz deixem-me mostrar o lado negativo do problema. A velha que estava no corredor viu este homem na entrada. Tinha os óculos tirados.

Conseguia distingui-lo... mas bem sabe como são estas coisas.

Usa óculos durante o dia e não os tinha postos. Um advogado astuto podia derrubá-la pela base. No momento exacto em que 'o metermos na cadeia, os jornalistas virão meter logo o nariz.

Tirarão fotografias e encherão as primeiras linhas dos jornais com títulos como «A polícia prende detective particular sob suspeita de assassinio». Então, no caso de a identificação falhar, é o nosso fim. Se estiver realmente culpado, confie nos nossos direitos constitucionais. De qualquer maneira não escapará à câmara de gás. Se não estiver, tenha coragem e coopere.

Não sou culpado, mas sabe muito bem o que vai acontecer respondi. O cabeça de atum do empregado identificou uma fotografia de Donald Lam como o

homem que se apresentou no hotel e alugou um quarto. Vão ter com ele e dizem-lhe que vão buscar Donald Lam. Trazem-no aqui. Entram no quarto arrastando-me e o empregado dirá imediatamente: «É esse o tipo» ainda antes de me poder examinar devidamente.

O delegado hesitou.

É claro que vai reagir assim respondeu Bertha Cool, indignadamente. Eu vi a fotografia dele nos jornais. Uma cara daquelas revela logo o que vai lá dentro.

Alguém no grupo soltou uma gargalhada.

Desapareçam. Vá. Desapareçam daqui ordenou um dos polícias.

Ninguém lhe prestou atenção.

Espere um minuto disse eu. Há uma outra hipótese.

Qual é? perguntou o delegado.

Existe alguém que tenha visto esse homem que foi ao hotel, que não saiba que me prenderam nem tenha visto o meu retrato?

A rapariga do balcão dos cigarros respondeu o delegado.

Está bem. Vão ao apartamento dela e perguntem-lhe se me viu antes. Se ela disser que sou o tal indivíduo, vou para a cadeia e prendem-me. Se ela disser que não sou eu, soltam-me.

Os jornais não falarão da história e esquecemos tudo sobre a acusação de rapto, Ou podem ir buscar a mulher que estava à entrada do quarto... continuei rapidamente ao ver que ele hesitava.

Essa não serve respondeu rapidamente o delegado.

Não tinha os óculos postos.

Escolha a que quiser retorqui.

Algum de vocês tem aí o nome e a morada da tal rapariga?

perguntou o delegado aos polícias, decidindo-se.

Tenho eu respondeu um dos homens. Chama-se Clarde. Estive a falar com ela logo a seguir aos tiros. Deu-me a descrição do homem. É este tipo tal e qual.

Bocejei.

Ouçã Lam, está a submeter-se a um teste em condições que o prejudicam começou o meu advogado apressadamente.

Os polícias arrastam-na até aqui. Ela vai vê-lo em separado.

Sabe que é suspeito e...

Não me importo interrompi-o em voz cansada. Nunca estive nessa espelunca. Ao menos que fiquem descansados.

E vai cooperar sem usar qualquer truque? perguntou o delegado.

Só há uma coisa que eu quero; ir para a cama e dormir.

Portanto, terminemos com isto depressa.

Ouçã, Donald disse Bertha Cool. Acho a outra hipótese melhor. Vai para a cadeia e...

Meu Deus! gritei Tanto um como outro estão a agir como se pensassem que eu sou culpado.

A minha frase acalmou-os. Bertha olhou-me um tanto confusa.

O advogado tinha jogado a cartada. Depois de apresentar os papéis não tinha mais argumentos para atacar.

E para que na'ó haja qualquer engano disse eu, a Sr.^a Cool e o meu advogado vão no mesmo carro connosco.

O. K. respondeu o delegado. Vamos então.

Enquanto o automóvel atravessava as ruas da cidade fazendo soar a sirene, o delegado pensou um pouco mais no assunto.

Ouçã Lam disse finalmente. Conhece a nossa posição.

Uma fácil identificação não nos interessa. E a você?

No que me diz respeito respondi num tom cansado é-me completamente indiferente. Se me identificar, posso arranjar um alibi para toda a noite. É uma questão de princípio, mais nada. Se me tivessem tratado de outra maneira, teria ido ao hotel de manhã. Só não gostei de ter sido forçado.

Você é mesmo duro quando se irrita. Como é que conseguiu que aquela mulher e o advogado estivessem à sua espera no aeroporto?

Bocejei.

O que lhe parece? perguntou o investigador a um dos polícias. Cheira-me a história respondeu sacudindo a cabeça.

Ouçã, o melhor será contar-nos o seu alibi disse o delegado olhando-me. Podíamos verificá-lo e escusávamos de ir acordar a rapariga a esta hora. Porque não me falou dela há mais tempo? Poderia ter-me servido do telefone e toda a viagem até aqui seria inútil.

Para lhe dizer a verdade, não pensei no assunto. Vocês apareceram, começaram a tratar-me daquela maneira e... não preciso de dizer mais. Tentem pensar no que fizeram em todos os minutos da noite passada e...

bom; onde esteve? Qual é o alibi?

O facto é que agora estamos aqui respondi sacudindo a cabeça negativamente será mais fácil fazer levantar a rapariga da cama do que todas as minhas outras testemunhas.

Quantas são?

Três.

Inclinou-se e murmurou alguma coisa a um dos polícias.

Este abanou a cabeça com ar duvidoso.

Bertha Cool olhou para mim com a testa enrugada de preocupação.

O advogado tinha um ar de quem fizera uma defesa perfeita.

Chegámos à cidade e observámos as ruas ao som da sirene.

Os cruzamentos desfilavam rapidamente. As distâncias pareciam não existir absorvidas pelas rodas do veloz automóvel. A sirene por sua vez facilitava o tráfico. Num abrir e fechar de olhos chegamos ao apartamento onde vivia Esther Clarde.

Venha comigo. Quero uma testemunha disse a Bertha Cool.

Um dos polícias ficou dentro do carro e o outro acompanhou-nos. O advogado juntou-se ao grupo. Os nossos passos a subir a escada assemelhavam-se a um exército em marcha.

O delegado deu-me a dianteira e empurrava-me. Acho que julgara que Bertha Cool não me conseguiria acompanhar, mas enganou-se. Os cento e tal quilos não a impediram de subir a escada.

Chegámos ao terceiro andar. Um dos polícias bateu à porta de Esther Clarde.

Quem é? ouvia perguntar.

A lei respondeu o delegado. Abra a porta.

Durante quatro ou cinco segundos reinou o silêncio, apenas cortado pela respiração de Bertha.

O que desejam? perguntou finalmente Esther Clarde.

Queremos entrar.

Porquê?

Queremos que veja um homem.

Porquê?

Para ver se o conhece.

O que tem a lei a ver com isso?

Deixe-se de perguntas e abra a porta. Queremos entrar.

Está bem. Só um minuto. Abro já.

Esperámos. Acendi um cigarro. Bertha Cool olhou-me com uma expressão admirada. O advogado tinha um ar tão emproado como um galo numa capoeira. Cheios de inquietação os polícias trocavam olhares.

Esther Clarde abriu a porta. Trazia, vestida, a mesma bata de fecho ao lado com que a vira muito antes. Tinha os olhos um tanto inchados de sono.

bom, está bem...começou a dizer fechando a porta com força ao ver-me. O que pretendem? perguntou bocejando.

Conhece este homem? perguntou o investigador do advogado distrital erguendo o polegar na minha direcção.

Alguns destes homens corrigiu o advogado. Tem de ser um teste justo.

Esther Clarde fitou-me com um olhar inexpressivo e em seguida para o advogado.

Está a referir-se a este? É ele?

Não, *este*. respondeu o investigador-delegado, obrigando-me a avançar. É o que estava no hotel na noite do assassinio?

Olhei para Esther Clarde sem que movesse um músculo do rosto.

Esperem, realmente é bastante parecido respondeu, hesitando um minuto.

Há de facto uma grande semelhança continuou franzindo a testa e olhando-me. Podia enganar qualquer.

Tem a certeza que não é o mesmo?

Ouçam respondeu. Nunca vi este homem na minha vida antes, mas é parecido com o que *esteve* no hotel. Se querem realmente uma boa descrição de como ele era, podem servir-se deste indivíduo. Tem exactamente a mesma altura e *quase* a mesma pêra. Tinha os ombros um pouco mais largos do que este. Os olhos não eram bem a mesma cor e a boca era diferente bem como o formato das

orelhas. Reparo sempre nas orelhas das pessoas. É uma mania. Recordo-me que o homem que esteve no hotel não tinha as orelhas pontiagudas.

Isso é um pormenor importante exclamou o polícia.

Porque não nos disse antes.

Não pensei no assunto replicou até olhar para este homem. Como se chama? perguntou-me.

Lam respondi. Donald Lam.

É realmente bastante parecido com o homem que esteve no hotel comentou. À distância poder-se-ia confundir.

Mas tem a certeza? perguntou o polícia.

Claro que sim. Estive a falar com o tal que estava no hotel. Fez-me uma série de perguntas inclinado sobre o balcão.

As orelhas e a boca deste homem são diferentes. E não é tão forte. Talvez seja da mesma altura. Onde trabalha, Lam?

Sou detetive privado e esta Sr.^a é Bertha Cool. Trabalho para ela na agência «Bertha Cool Investigações Confidenciais».

bom continuou, acho que não deve ir falar com aquela velha que viu o homem da entrada do quarto. Disse-me que sem os óculos só distinguia uma névoa, mas que tinha a certeza de que ele era novo e...

Isso não interessa interrompeu o polícia.

O Walter, quer dizer, Walter Markham, o rececionista comentou Bertha calmamente, também não o viu muito de perto. Ainda esta manhã me fez algumas perguntas, tentando certificar-se quanto à cor dos olhos e do cabelo do homem.

Julgo que só eu o vi realmente bem.

O.K. É tudo disse o investigador-delegado, dando a conversa por terminada.

Como é que volto para o sítio onde me foram buscar?

perguntei.

-- Tome uma camioneta limitou-se a responder encolhendo os ombros.

Quem paga o bilhete?

Você.

Não é justo comentei.

Bem, acho que já me fizeram perder bastante tempo.

Retirou as chaves do bolso, abriu a porta e entrou. Ouvimo-la colocar a corrente.

Toda a procissão voltou a descer as escadas. Bertha Cool ia em último lugar.

Ouçam, foram-me buscar a um sítio longe daqui disse quando estávamos no passeio. Vai custar-me dinheiro a regressar e...

Os polícias abriram a porta do carro. O investigador-delegado entrou. A porta bateu com força. O carro começou a afastar-se deixando-me no passeio.

Macacos me mordam se compreendo exclamou Bertha Cool em voz muito baixa e com os olhos redondos de espanto.

CAPÍTULO XII

Fomos ao escritório de Bertha Cool, que se desembaraçou do advogado. Sentámo-nos no gabinete particular. Bertha tirou uma garrafa de uísque da gaveta de baixo da secretária.

Meu Deus, Donald! exclamou. Estava por pouco.

Acenei afirmativamente.

Aquele maldito advogado não valia um cêntimo. Apresentou uns papéis e não sabia o que fazer depois tal como o jogador que põe todos os trunfos na mesa para depois não saber o que fazer.

Onde é que o desencantou? perguntei.

Não fui eu. Por amor de Deus, Donald, ainda tenho algum censo. Nunca arranjará um estúpido daqueles.

Ashbury? perguntei.

Preparou dois uísques, colocou a rolha na garrafa, mas destapou-a.

Tenho o dobro do seu tamanho. Preciso de dose reforçada disse acrescentando mais dois dedos no seu copo. Agora está bem concluiu.

Fiz um sinal de concordância e bebemos.

Esse Ashbury é bom tipo comentou. Telefonou-me assim que os polícias o meteram no carro. Calculou que deviam ter um avião à espera. Mandou-me ir buscar este advogado, explicar-lhe o que acontecera e ir para o aeroporto munida dos papéis necessários para podermos actuar.

Como sabiam qual era o aeroporto? perguntei.

Meu Deus, querido, acha-me assim tão estúpida? Informe-me dos aviões que tinham sido alugados, qual o sítio de onde levantaram voo e pedi por telefone que me avisassem logo que o avião da noite largasse; em seguida, fui buscar o advogado e... com que então também tinha as boas graças da lourinha? Meu Deus, Donald, a forma como se apaixonam por si e...

Raciocine como deve ser. Bertha interrompi-a. Ela não se apaixonou por mim.

Estou habituada a ouvi-lo dizer isso. Sou mulher e sei muito bem reconhecer esse género de olhar.

O que pensa que estou aqui a fazer? perguntei apontando para o telefone.

A beber uísque e a descontraír-se respondeu.

Estou à espera de que esse telefone toque expliquei.

A loura não o faria até ter a certeza de que não está a ser vigiada.

Quer então dizer que está combinado?

Claro.

Quanto é que ela quererá?

Provavelmente, não dinheiro mas outra coisa.

Não me interessa o que vai pedir insistiu Bertha Cool.

olhando pensativa o copo de uísque vazio, mas está apaixonada por si, pinga-amor.

Acendi um cigarro e recostei-me na cadeira.

O telefone começou a tocar precisamente no momento em que Bertha Cool se preparava para dizer qualquer coisa. Bertha agarrou no telefone, tirou o auscultador do descanso, pô-lo no ouvido e foi ela a falar.

Está? Quem fala?... Sim, sim, está aqui à espera do seu telefonema.

Passou-me o telefone.

Está? perguntei.

Sabe quem fala? respondeu a voz de Esther Clarde.

Hum, hum.

Preciso de lhe falar.

Já calculava.

Pode ser agora?

Sim.

Posso ir ao seu apartamento?

É melhor não o fazer.

No meu também não é muito conveniente. Talvez nos possamos encontrar em qualquer lado. Diga onde.

Dentro de um quarto de hora estarei no cruzamento da 10.^a rua- com a central. Está bem? Se me seguirem quando sair daqui tentarei despistá-lo, se não. conseguir faço-o andar por aí atrás de mim e volto dentro de meia hora. Se não a encontrar no cruzamento da 10.^a com a central dentro de 15 minutos ligue-me para aqui exactamente dentro de meia hora. Entendido?

Sim respondeu, e desligou.

Despedi-me de Bertha Cool com um aceno de cabeça.

Tenha cuidado, querido. Livrou-se desta. Depois do que ela disse, não pode voltar atrás e não lhe servia agora de muito a identificação feita pelo recepcionista. A mulher da entrada do quarto não via bem sem óculos. Aposto que não seria capaz de o identificar a seis ou a sete metros.

Aonde pretende chegar?

Ponha essa loura a andar. Se ela foi suficientemente parva para lhe dar todas as cartas, aproveite a oportunidade.

Não é assim que costumo jogar, Bertha.

Sei que não e. Você é demasiado sentimental. Não estou a insinuar que a afaste por completo. Consiga que Ashbury lhe dê algum dinheiro mas não continue a arriscar-se.

vou levar o seu *coupé* retorqui erguendo-me e pondo o casaco e o chapéu.

Pode voltar a casa de táxi. Ver-nos-emos amanhã.

Só amanhã?

Só.

Donald, sinto-me extremamente preocupada com tudo isto. E se viesse depois ao meu apartamento?

Irei prometi se houver novidade.

Abri a gaveta da secretária. Pela inclinação do ombro e o ângulo em que o braço se encontrava, percebi que apertava firmemente o gargalo da garrafa, pronta para levantá-lo assim que eu saísse do gabinete.

Boa noite, querido disse.

Saí.

Dei umas voltas pelos quarteirões mais próximos, vi que não estava a ser seguido e comecei a dirigir-me para o local do encontro. Avistei Esther Clarde a caminhar pela avenida central a meio caminho da 8.^a e da 9.^a rua, mas não a chamei.

Dei duas voltas ao quarteirão para ter a certeza de que ela não estava a ser seguida. Quando chegou ao sítio combinado, parei para que ela entrasse.

Tudo bem? perguntou.

Sim.

Era o seu carro o que andou agora aqui às voltas?

Era.

Pareceu-me. Não quis parecer interessada. Não veio ninguém a seguir-me, pois não?

Não.

Que tal o meu trabalho esta noite?

Maravilhoso.

Grato?

Hum, hum.

Até que ponto?

O que pretende?

Pensei que talvez pudesse fazer alguma coisa por mim.

Talvez possa.

Quero sair daqui disse.

De onde?

Da cidade. Do país. Quero fugir.

De quê?

De tudo.

Porquê?

Estou metida numa embrulhada.

Como?

Sabe muito bem. A polícia não me vai largar. A sério, Donald, que não sei o que me levou agir assim esta noite.

Penso que talvez fosse por ter sido tão- leal para comigo. Não podia traiçoa-lo.

Está bem respondi. Vá para casa e esqueça tudo isso.

Não posso. Não me deixará em paz.

Porquê?

Por causa do Walter.

O recepcionista?

Sim.

O que tem o recepcionista?

Identificá-lo-á.

Não o fará -se você o pedir.

Que o leva a dizer isso?

Tinha andado a guiar sem destino. Nesse momento parei numa curva que me permitisse ver-lhe o rosto enquanto falava.

Ele gosta bastante de si.

É bastante ciumento.

Não precisa de lhe dizer a verdade. Diga-lhe unicamente que eu não sou o tal indivíduo.

Não resultará. Suspeitaria logo de que me interesse por si. Só serviria para piorar a situação.

Quanto quer? perguntei.

Não se trata de uma questão de dinheiro. Quero sair daqui. Tomar o avião para a América do Sul. Quando lá chegar arranjar-me-ei mas agora preciso de algum dinheiro para ir e de alguém inteligente que conheça todos os truques e me ensine a maneira de o fazer. Você é a pessoa indicada.

Tente outra vez, Esther disse-lhe.

Quer dizer que depois de tudo o que fiz por si não me ajuda? perguntou erguendo os olhos onde, se notava um brilho de ódio.

Não é isso. Tente dizer-me outra vez o motivo por que quer fugir.

Acabei de o dizer.

Não é o verdadeiro.

Não estou segura se continuar aqui acabou por confessar decorridos uns minutos de silêncio.

Porquê?

Eles... eu... acabará por me acontecer o mesmo do que ao Jed.

Está a pensar que a matarão?

Sim.

Quem?

Não menciono nomes.

Não posso 'entrar em nada às cegas. Trata-se de Cruweather?

perguntei.

Sobressaltou-se ligeiramente quando pronunciei o nome, depois desviou o olhar e manteve-se assim uns 5 ou 10 segundos.

Fitava os mostradores iluminados do tabulador do carro.

Ganhou disse pouco depois. Partamos do princípio de que é Crumweather.

O que se passa com ele?

Esse negócio com Alta Ashbury não passou de uma farsa respondeu. Tencionavam vender-lhe dois terços das cartas.

O outro terço, que tinha as frases mais perigosos, iria direitinho a Crumweather.

O que é- que *ele* lhe tencionava fazer?

Obrigar Alta Ashbury a fornecer tudo o que fosse necessário para que ele pudesse ilibar Laster.

Também está a par disso?

Claro.

O mesmo no que se refere a Alta Ashbury.

Fez um aceno afirmativo.

Continue.

Crumweather estava a reservar-se para a última chantagem.

Os primeiros dois pagamentos foram para outras pessoas.

E Jed Ringold deu-lhe o 3.º maço de cartas? perguntei.

E traiçooou todos?

Não. Entregou-lhe uns sobrescritos com papel em branco.

Sabia dessa sua decisão?

Não. Ninguém sabia. Foi um golpe imaginado pelo próprio Jed. Julgou que podia ficar com o dinheiro e pôs-se a andar, mas as coisas passaram-se de maneira diferente.

Onde está agora o maço das cartas?

Não sei. Ninguém sabe. Jed, a princípio colaborava mas depois começou a criar as suas próprias ideias. Avisei-o de que era perigoso.

Andava com Jed?

O que quer dizer com isso?

Sabe muito bem o que quero dizer.

Que ideia a sua de me falar nesses assuntos.

Então não é verdade?

Fitou-me mas depois desviou o olhar e manteve-se silenciosa.

. Era, não era?

Sim confessou hesitando um momento e numa voz que era quase um sussurro.

Está bem, vamos embora daqui. Quando os polícias bateram à porta do seu apartamento esta noite e a mandaram abrir, ficou cheia de medo, não?

Claro. Qualquer pessoa ficaria nas minhas circunstâncias.

Estava deitada?

Sim, acabava de adormecer respondeu voltando a hesitar.

Abriu a porta, saiu para o corredor e fechou a porta atrás de si?

Sim.

Tinha as chaves consigo?

Sim, no bolso da bata.

Se ficou tão assustada quando os policiais bateram, e não os deixou entrar no apartamento para conversarem lá dentro, foi porque estava alguém no apartamento. Quem era?

Não, não. Juro-lhe que não. Estou a dizer-lhe a verdade.

Não foi a Polícia propriamente que me assustou... foi outra coisa.

Quando quer partir?

-Já.

Acendi um cigarro e fiquei uns momentos sem dizer nada enquanto ela me fitava ansiosamente.

Então? perguntou.

Está bem concordei, mas tenho de ir buscar dinheiro.

Não o trago comigo.

Mas pode ir buscá-lo?

Claro.

A Ashbury?

Sim.

Quando acha que o tem?

Logo que Ashbury volte. Ele está no Norte, detido **por** um negócio de minas.

Estava consigo?

Sim.

Quando volta?

Muito em breve. Não sei se voltará de carro ou de avião.

Ouçã, Donald, logo que ele volte arranje-me algum dinheiro para me poder ir embora. Fará isso por mim?

Velarei por si.

Mas que hei-de fazer entretanto?

Vamos para um hotel onde se dará um nome falso retorqui.

E as minhas coisas?

Deixe-as onde estão. Desapareça.

Não trago um cêntimo comigo. Tenho algum dinheiro. O bastante para cobrir contas; de hotel, despesas ocasionais e arranjar algumas roupas novas. Fará isso por mim, Donald? -Sim. | Aonde vamos? Conheço um hotel pequeno e sossegado sugeri.

Leva-me lá? Fica comigo?

Sim.

Sabe como são estas coisas, Donald. Uma mulher só a esta hora e sem bagagens... dê o seu nome no hotel também.- Como se fôssemos marido e mulher?

É assim que quer?

Digo-lhes que é a minha secretária, que teve muito trabalho esta noite e que, como terá de se levantar muito cedo, precisa de ficar no hotel. Tudo correrá bem. Não o deixarão lá ficar comigo? Claro que não. Levo-a ao seu quarto e depois desço. Tem aqui 100 dólares. Para agora não precisa de mais. Pegou na nota de 100 e ficou uns momentos sem falar. Talvez seja realmente melhor concordou finalmente. Gosto de si. !

Pus o automóvel em marcha e dirigi-me para o hotel em que pensara um prédio pequeno numa rua lateral, onde depois da meia-noite só estavam de serviço o empregado da recepção e o rapaz do elevador. Se eu pudesse conseguir o resto das cartas, Donald, ficaria numa situação formidável. Como?

Crumweather deseja-as. Alta Ashbury também e o advogado distrital pagaria dinheiro para as conseguir e destruir a defesa de Laster. O advogado distrital nada pode pagar.

Podia negociar.

O quê? perguntei. Imunidade?

Sim, se assim lhe quiser chamar.

com quem?

-Não me respondeu. Onde *pensa* que podem estar as cartas? perguntei.

Juro-lhe, Donald, que não sei. Jed acompanhou-me ao hotel. Estava um tanto receoso de que pudesse suceder alguma coisa e que estivesse apanhado numa ratoeira de chantagem.

Recebeu a informação de que Ashbury tencionava contratar um detective para descobrir o que a filha andava a fazer ao dinheiro.

De onde veio essa informação?

Não sei. Jed é que sabia mas desconfio de Crumweather.

De qualquer modo. só no último momento é que ele quis ter as cartas consigo. No caminho para o hotel fui sempre eu que levei as cartas debaixo do casaco. Entreguei-lhas antes de , passar para o lado de dentro do balcão dos cigarros. Sabia que as tinha quando subiu no elevador. Nunca chegou a descer, é tudo. O assassino deve tê-las apanhado.

, Dei a volta ao carro para a ajudar a descer.

Jed Ringold era o verdadeiro nome dele? Não.

Há quanto tempo o usava?

Dois ou três meses.

E antes desse, qual era o nome que usava?

Jack Waterbury.

Não minta agora, porque é importante. Qual o nome que usava na carta de condução?

Jack Waterbury.

Outra coisa. Quando vim ter consigo e lhe fiz a pergunta sobre os jogadores, o que a levou a mencionar o nome de Ringold?

Juro-lhe, Donald, que me enganou. Acreditei plenamente no que me disse. Não tinha nada o ar de detective. Parecia mais... um patinho... sabe o que quer dizer. De vez em quando aparece alguém que entrou em contacto com Jed ou tom Highland. Fazem jogos de póquer.

Quem é tom Highland?

Um jogador.

Está ligado aos lucros do *atelier*?

Sim.

E está no mesmo hotel?

Sim. No quarto 720.

Porque não o procura? Se Ringold levou os papéis para o quarto e eles não voltaram a aparecer e Highland está no hotel, porque é que tudo isto não forma uma resposta?

Porque não é assim. Highland não as tem.

Como sabe?

Porque Highland não se atrevia a sair. Estava a correr um jogo de póquer no quarto de Highland e todos disseram que ele nunca saiu.

Num assassinio deste género, quem tem um alibi mais perfeito é quem normalmente é culpado.

Sei, mas as pessoas com quem ele estava não são do género de mentir. Uma delas era um homem de negócios.

Teria um ataque se pensasse que ia depor como testemunha.

Foi a seguir Alta até ao hotel, não foi?

Sim.

Ela pedira-lhe que o fizesse?

Não. O pai.

O que sabe ele?

Nada.

bom; não fiquemos aqui a conversar concluiu. Quer subir uns minutos.

Não. Acompanho-a ao quarto e vou buscar algum dinheiro.

Pousou a mão na minha para se firmar ao sair do carro.

Estava fria. Entrei com ela no hotel.

Esta senhora chama-se Evelyn Claxon e é minha secretária disse dirigindo-me ao recepcionista. Estivemos a trabalhar até tarde no escritório. Não tem bagagem, por isso é só preencher a ficha e pago adiantadamente.

O recepcionista olhou-me com um certo ar suspeito.

Suba e veja se descansa, Evelyn disse-lhe dada a situação Não precisará de ir ao escritório de manhã até lhe telefonar. Fá-lo-ei o mais tarde possível. Talvez não antes das nove ou das nove e meia.

O empregado de recepção estendeu-me uma caneta e uma Ficha.

Três dólares com banho informou *quarto de pés-* soa só.

Preenchi as fichas por ela e paguei três dólares. Chamei o *garçon* e estendi-lhe uma chave. Dei-lhe uma gorjeta, levei a mão ao chapéu e saí.

Fui até ao carro, permaneci uns minutos junto dele e voltei. Os lábios do recepcionista cerraram-se ao ver-me aproximar.

| Queria fazer-lhe algumas perguntas sobre o regime de pensão ao mês.

Sim?

Não me convém que a minha secretária more tão longe, pois é uma maçada andar de um lado para o outro. Ela tem uma irmã que trabalha na cidade

e as duas têm falado várias vezes em arranjar qualquer sítio onde possam ficar as duas., , Que me diz a um regime normal?

”, Só para as duas raparigas? perguntou.

Só para as duas raparigas.

Temos uns quartos muito bons e que podemos alugar em regime de permanência.

São de esquina?

Não. Ficam no meio.

E apanham luz do sol.

Claro. Não muita, e se trabalham, também não estariam aqui durante o dia a não ser aos domingos e feriados.

Isso é verdade.

O *garçon* voltou a descer no elevador.

Quando estiverem dispostas a mudar-se terei muito gosto em discutir o assunto com elas disse o empregado.

Não tem por acaso uma planta do hotel para me permitir ver a disposição dos quartos e calcular os preços? Podia ver-me obrigado a fazer um acerto no ordenado. As raparigas agora vivem em casa e é diferente.

Procurou debaixo do balcão, retirou uma planta e começou a indicar onde se encontravam os quartos. O telefone começou a chamar Dirigiu-se-lhe e eu peguei na planta e acompanhei-o continuando a falar enquanto ele atendia a chamada.

O que me diz a estes quartos aqui? Seriam...

Que número pediu por favor? disse franzindo as sobrancelhas.

Tinha um bloco de apontamentos e um lápis à sua frente.

Pus-me numa posição diferente como que a procurar uma luz melhor para examinar a planta mas mantendo-me de forma a poder ver o número que ele escrevia no papel. Não havia necessidade porque o repetiu em voz alta.

Orange nove-seis-quatro-três-dois¹. Um momento por favor.

Marcou o número na rede externa e quando atenderam meteu a cavilha no P. B. X. e aproximou-se do sítio em que me encontrava.

O que queria fazer?

Queria umas informações sobre esta *suite*.

É bastante caro.

bom, gostaria de saber os preços destes três disse-lhe indicando três quartos na planta.

Dirigiu-se à secretária, consultou uma tabela e escreveu os preços num bocado de papel com os números dos quartos à frente de cada um. Dobrei o papel e meti-o no bolso.

Esses preços incluem tudo explicou. Electricidade, serviço de limpeza e mudança de roupa completa, uma vez por semana, e toalhas lavadas todos os dias se se quiser.

Agradei-lhe, dei-lhe as boas-noites e saí. Dois quarteirões abaixo havia um restaurante com cabina telefónica. Entrei e consultei a lista onde na parte reservada aos nomes começados por C me detive em Crumweather C. Layton, advogado com Edifício dos Comuns. Por baixo via-se o telefone da residência.

Era Orange 9-6-4-3.

Era tudo o que desejava saber.

CAPÍTULO XIII

Bertha Cool, vestida com um vistoso pijama às riscas e um robe, estava sentada numa grande cadeira de repouso a ouvir rádio.

Por amor de Deus, Donald, porque não vai para a cama e tenta dormir um pouco?

Acho que descobri qualquer coisa respondi.

O quê?

Quero que se vista e me acompanhe.

O que se passa desta vez? perguntou, olhando-me interrogativamente.

vou fazer uma cena e é bem possível que tenha de discutir com uma mulher respondi. Sabe bem a influência que as mulheres têm em mim. Não conseguirei ser suficientemente duro. Quero que vá comigo para me apoiar.

Até que enfim começa a ter um pouco de senso comentou. É a única desculpa capaz de me fazer sair de casa, depois de me ter preparado para me deitar. O caso é com a loura?

Dir-lhe-ei quando formos a caminho.

Se vai continuar armado em patrão, acho melhor aumentar-me o ordenado disse erguendo o corpo pesado da cadeira de repouso.

Dê-me lucros e não tenha dúvida de que o farei.

Encaminhou-se para o quarto fazendo estalar as tábuas debaixo dos pés.

Acabará por sofrer muitas desilusões na vida disse, batendo com a porta do quarto.

Desliguei o rádio, deixei-me cair numa cadeira, erguendo os pés e procurei descontraí-me. Sabia que as próximas horas iriam ser difíceis.

A sala de estar de Betty era quase um bricabraque, com livros, cinzeiros, garrafas, copos sujos, revistas, e tudo espalhado numa tal confusão que não

sabia como era possível limpar o pó àquilo tudo. Só havia um lugar livre em toda a sala, onde Betty tinha aberta a cadeira de repouso, com uma pilha de revistas num dos lados e um cinzeiro de pé no outro.

O rádio estava ao alcance da mão, assim como um bar de portas abertas que mostravam uma série de garrafas. Quando Betty decidia passar algum tempo confortavelmente, gostava de o aproveitar bem e descontraía-se por completo. Para ela não havia meio-termo em tudo o que dizia respeito ao seu conforto e conveniência pessoal.

Bertha arranjou-se em dez minutos. Encheu a cigarreira, olhou-me desconfiada e fechou as portas do bar.

Vamos disse.

Metemo-nos no *coupé*.

Aonde vamos? perguntou.

A casa de Ashbury.

Quem é a mulher?

Alta Ashbury.

O que é que se vai passar?

Não sei. Mas vou ter de ser duro. Alta pode tentar tomar qualquer posição e a Sr.^a Ashbury está num estado de permanente histeria desde que o marido lhe declarou que estava tudo acabado entre eles. Disse-lhe que ela poderia ir para o Reno. Estará com a tensão elevadíssima, o médico à cabeceira e duas enfermeiras ao seu serviço. Pensa que o marido, mais tarde ou mais cedo, aparecerá para fazer as malas. Está a preparar o cenário para quando ele aparecer.

Que bela festa, essa aonde me leva!exclamou Bertha Cool.

É, não é?

Qual é o meu papel?

Se as mulheres se mantiverem calmas expliquei , será apenas de espectadora. Mas se assim não for, quero que as meta na ordem. Alta pode tentar despertar compaixão e a Sr.^a Ashbury irritar-se.

Não é muito diplomático discutir com a mulher de um cliente comentou Bertha, acendendo um cigarro.

Vão-se divorciar.

O que quer dizer é que ele o deseja fazer.

Sim.

Há muita diferença entre desejar e conseguir retorquiu Bertha. E, principalmente, com todo o dinheiro que ele tem acrescentou.

Pode utilizar esse dinheiro para vencer a situação.

Mas com o suor do próprio corpo replicou Bertha, recostando-se e aspirando o cigarro com prazer. Não pense que vai resolver tudo facilmente, Donald avisou Bertha, apagando o cigarro. Gostaria, no entanto, de lhe fazer algumas perguntas se não tivesse tanto medo das respostas.

Acendeu outro cigarro e voltou a recostar-se, mas em silêncio.

Parámos em frente da casa de Ashbury. Havia três carros parados na curva. A casa tinha as luzes todas acesas. Ashbury dera-me a chave, mas por causa de Bertha toquei à campainha e esperei que o mordomo viesse abrir. Olhou-me com ligeira desaprovação e fitou Bertha com curiosidade.

O Sr. Ashbury já voltou?

Ainda não, senhor. O Sr. Ashbury não está.

Nem Miss Alta?

Não, senhor.

E Robert?

Robert está, sim. A Sr.^a Ashbury sente-se muito doente.

Está a ser tratada por um médico e duas enfermeiras. Robert está à sua cabeceira. O estado em que se encontra é bastante grave. E, se me perdoa a observação, senhor, não recebe visitas acrescentou, olhando para Bertha.

com certeza respondi. Estamos à espera do Sr. Ashbury e entrámos.

A Sr.^a Cool esperará no meu quarto informei o mordomo.

Quando o Sr. Ashbury chegar diga-lhe que estou lá em cima e que a Sr.^a Cool está comigo.

A Sr.^a Cool?

Exactamente disse Bertha, lançando-lhe um olhar de cão de guarda. O nome é Bertha Cool. Para que lado, Donald?

Indiquei-lhe o caminho para o meu quarto.

Parece muito bem instalado disse Bertha, olhando em volta.

E estou.

É uma casa esplêndida. Devem ter gasto imenso dinheiro aqui.

Creio que sim.

A riqueza deve ser um inferno. Não que me importasse de experimentar. A propósito, tenho de escrever umas cartas por causa de umas acções. Quando é que me devolve a Elsie?

Dentro de dois ou três dias respondi.

Contratei duas raparigas e nenhuma delas sabe nada.

Porquê? Não sabem estenografia?

Claro que sim. E escrevem à máquina. Mas levam o dobro do tempo.

Então servem muito bem disse.

Não me diga, Donald, que também está a acrescentar Elsie à sua lista?! Você é realmente sensível às mulheres. Basta que alguma delas encoste a

cabeça ao seu ombro e chore um pouco, para que o convença. Calculo que ela se tenha queixado de ter de trabalhar muito.

Não me falou em nada; fui eu que puxei o assunto.

O que é que lhe disse?

Que não levasse muito a sério o trabalho no escritório e descansasse.

Bertha soltou um suspiro de indignação.

E pago eu a uma pessoa para estar sentada sem fazer nada, enquanto eu me farto de trabalhar! E tudo para atender às suas conveniências. Bem, talvez não seja tanto assim acrescentou, arrependida do que dissera. Afinal, Donald, para que viemos aqui?

Deixe-se estar sentada aconselhei. Estamo-nos a preparar para entrar em acção.

Que quer que eu faça?

Que espere aqui.

Vai sair?

Sim. vou descer e falar com a Sr.^a Ashbury Se a ouvir levantar a voz, desça também. Fique aqui até a festa aquecer.

Saí e dirigi-me ao quarto da Sr.^a Ashbury. Bati levemente na porta e abri-a. A Sr.^a Ashbury estava deitada, com uma toalha húmida na testa.

Respirava pesadamente e tinha os olhos fechados, mas abriu-os imediatamente quando ouviu a porta. Estava à espera de Henry Ashbury e pronta a representar uma cena. Quando viu quem era, voltou a fechar os olhos e começou a gemer em voz alta. O Dr. Parkerdale estava sentado à cabeceira da cama com um ar muito profissional, a mão segurando o pulso da doente e uma expressão grave no rosto. Aos pés da cama estava uma enfermeira vestida de branco. A mesa-de-cabeceira estava cheia de copos, frascos e objectos medicinais. A luz do quarto era fraca. Robert estava sentado perto da janela. Ergueu os olhos quando eu entrei, franziu o sobrolho e levou um dedo aos lábios.

No quarto reinava um silêncio próprio de funeral ou leito de moribundo.

O que aconteceu? perguntei, aproximando-me de Bob em bicos de pés.

O doutor deitou-me um olhar severo e voltou de novo a sua atenção para a doente.

Todo o seu sistema nervoso se ressentiu disse Bob.

Como se o sussurrar tivesse chegado até à doente, esta começou a contorcer-se com movimentos espasmódicos de pernas e braços.

- Então acalmou-a o médico em tom de voz suave e fazendo um sinal com a cabeça à enfermeira.

A enfermeira deu a volta à cama, destapou um copo, mergulhou uma colher no líquido e segurou uma toalha por debaixo do queixo da Sr.^a Ashbury enquanto a fazia tomar o remédio.

A Sr.^a Ashbury a princípio não cedeu, mas depois acabou por engolir, tossiu, engasgou-se, respirou fundo e acalmou-se.

Onde está o Henry? Viu-o? disse-me Bob. -Está sempre a chamar por ele. Bernard Carter telefonou a dizer que o procurara em todos os clubes sem o encontrar.

Venha ao meu quarto, um momento, para podermos falar pedi.

Não sei se me atreva a deixá-la respondeu, olhando solícito para a cama, mas erguendo-se, ao mesmo tempo que pronunciava a frase.

Saímos do quarto sem fazer barulho. Olhei por cima do ombro e vi a Sr.^a Ashbury abrir os olhos ao ouvir a porta.

Encaminhei Bob na direcção do meu quarto. Pareceu surpreendido ao ver Bertha Cool. Apresentei-o.

Sr.^a Cool repetiu, como a tentar lembrar-se de qualquer coisa. Não a conheço já de qualquer lado?... interrompeu-se, olhando-me.

B. Cool, Informações Confidenciais ajudei-o a lembrar-se.

Esta senhora é Bertha Cool em pessoa e eu Donald Lam, um detective.

Um detective! exclamou. Pensei que fosse um perito em jiu-jitsu.

E é concordou Bertha.

Mas o que está a fazer aqui?

A matar dois coelhos de uma cajadada exclamei.

A treinar o Sr. Ashbury e a investigar.

Que género de investigação?

Sente-se, Bob convidei.

Hesitou um momento e, em seguida, deixou-se cair numa cadeira.

Esta noite não o encontrei por escassos momentos observei casualmente.

Não compreendo respondeu com um erguer de sobrancelhas, surpreendido.

Há quanto tempo é que a sua mãe está doente?

Desde que Ashbury lhe falou daquela maneira. Juro que gostava de lhe pôr as mãos em cima. É um canalha...

Só soube tudo isso quando chegou a casa?

Só!

Não foi há muito, pois não?

Há cerca de uma hora. Porque é que pergunta isso?

Porque, como lhe disse, foi só por minutos que não me encontrei consigo esta noite.

Desculpe, mas não o compreendo respondeu, franzindo as sobrancelhas.

No apartamento de Esther Clarde. Deve ter ficado bastante assustado quando ouviu alguém bater à porta, dizendo ser a polícia.

Por momentos manteve-se impassível. O seu rosto não traduzia a mínima expressão, nem os olhos se mexiam.

Não faço a mínima ideia do que está a falar respondeu, finalmente, fitando-me.

Deixei-me cair numa cadeira e apoiei os pés noutra.

Estava no apartamento de Esther Clarde, a rapariga que trabalha na tabacaria do hotel esclareci, a amante de Jed Ringold.

É mentira! acusou, cerrando os lábios e olhando-me bem de frente.

Por amor de Deus! bocejou Bertha Cool. Não nos afastemos do assunto.

Ergui-me lentamente da cadeira e, apontando o dedo na sua direcção, acusei-o directamente. Não compreendeu a minha intenção.

Li-lhe nos olhos um lampejo súbito de recuo ao lembrar-se da minha reputação como perito de jiu-jitsu.

Um momento só, Lam disse, falando rapidamente.

Não o irritarei com o assunto. Descontrolei-me um pouco por causa da sua afirmação directa. Não lhe chamarei mentiroso.

Direi, apenas, que a afirmação é falsa. Alguém lhe esteve a mentir.

Tirando partido da posição vantajosa em que me encontrava, cerrei um pouco os olhos.

Suponho que sabe que o podia erguer dessa cadeira, fazê-lo num novelo, deitá-lo ao lixo e não permitir que se desenrolasse até o meterem no incinerador, Calma, Lam, calma. Não leve as coisas tão a peito.

Bertha Cool engasgou-se com o riso, o que quase se assemelhou à reacção da Sr.^a Ashbury ao remédio.

Estava no apartamento de Esther Clarde esta noite acusei, mantendo o dedo apontado na sua direcção. Estava lá quando chegou a Polícia.

O olhar acusou a reacção.

Esse negócio dos *três* detectives a roubarem cartas do 419 quarto de Alta não passa de uma farsa. A brigada de homicídios podia ter tido três detectives a quem pudesse incumbir desse trabalho, mas o advogado distrital nunca poderia usar três investigadores para isso e, além disso, a polícia interferiria no caso. Cabia, além disso, ao advogado distrital a decisão de apresentar as suas provas.

Bob olhou para mim e engoliu duas vezes antes de pronunciar palavra.

Ouçá lá, não me está a julgar bem. Estive lá. Subi para ir buscar essas cartas. Sabia a importância que tinham para a miúda. No fundo ninguém me dá muito valor, a não ser a minha mãe, mas mesmo assim sou um indivíduo decente.

Como soube da existência das cartas? perguntei.

Ajeitou-se na cadeira, mas não pronunciou palavra. Apercebi-me de movimentos no vestíbulo, de vozes de protesto e frases soltas.

Não pode fazer isso! exclamou a Sr.^a Ashbury, vestida apenas com uma camisa de noite e escancarando a porta.

A enfermeira agarrou-a, mas a Sr.^a Ashbury empurrou-a.

O médico, a seu lado, protestava em vão.

Então, Sr.^a Ashbury! Vá lá, tenha calma murmurava continuamente. A enfermeira voltou a aproximar-se com intenção de a agarrar.

Não a force, enfermeira, não pode lutar nem excitar-se.

O que significa tudo isto? perguntou a Sr.^a Ashbury, olhando-me.

Sente-se. querida, descontrai-se e cale esse bico, respondeu Bertha Cool.

Sabe por acaso quem é a dona da casa? exclamou a Sr.^a Ashbury, voltando-se para Bertha Cool.

Desconheço o nome da pessoa retorquiou Bertha Cool.

Mas conheço muito bem quem provocou esta cena.

Crumweathetr contratou-o para fazer desaparecer as cartas disse eu. Em vez de lhas dar, no entanto, combinou com Esther Clarde servirem-se de algumas delas para fazer subir o preço. Você...

Ouviram-se passos apressados no corredor. Henry Ashbury transpôs a porta e contemplou a cena por cima dos óculos.

Oh, Henry! exclamou a Sr.^a Ashbury, olhando para mim, para Bob e, em seguida, para o marido. Onde estiveste?

O pobre Bernard passou a noite inteira à tua procura. Henry, tudo isto é horrível; sinto que vou desmaiar.

Fechou os olhos e desequilibrou-se. A enfermeira e o médico correram a ampará-la.

Então, Sr.^a Ashbury, lembre-se de que não pode excitar-se murmurou o médico, tentando acalmá-la.

Tem de ir deitar-se acrescentou a enfermeira.

A Sr.^a Ashbury cerrou as pálpebras quase completamente.

Inclinou a cabeça para trás com um gemido trágico, a fim de poder observar o que se passava através dos olhos semicerrados.

Henry, meu querido!

Ashbury não lhe prestou atenção e; fitou-me.

Tenho estado a falar com Bob disse-lhe. Acho que ele é o responsável pelo que queria que eu investigasse.

Não sou nada protestou Bob. Juro que tudo isso é mentira. Eu ..

.. roubei algumas cartas de Alta acabei a frase por ele.

Ouçã, Lam exclamou, erguendo-se. Não me interessa se é capaz de derrubar Joe Louis com uma das mãos atadas, mas não vai...

A Sr.^a Ashbury viu o marido desviar o olhar para Bob.

A sua face adquirira uma expressão preocupante. Decidiu que desmaiar não lhe serviria de nada.

É isso então! gritou, pondo os pés bem assentes no chão e empurrando para o lado o médico e a enfermeira.

Contrataste um detective para vir para aqui e acusar o meu filho de ser um criminoso. Quero que todos os presentes sejam testemunhas de todas as frases que se pronunciarem neste quarto. Henry vai pagar por isto e bem caro. Robert, meu filho, vem comigo. Não devemos perder tempo a falar com esta gente. Amanhã consultaremos o meu advogado. Havia muitas coisas que eu não tinha compreendido ainda mas que, 421 agora, se apresentam com toda a clareza. Henry está a tentar culpar-te de qualquer coisa, para fazer com que eu te **deixe**.

Bertha Cool levantou-se lenta e majestosamente. O seu ar assemelhava-se ao de um chefe de operários, procurando resolver um problema de uma maneira prática.

Não faça nada disse Ashbury, franzindo as sobrancelhas, olhando por cima dos óculos e fazendo um gesto com as mãos. Fez-se um ou dois segundos de silêncio. Bertha Cool olhou-me, procurando descobrir qualquer sinal de instrução.

Deixe lá, Lam disse Ashbury, voltando a cabeça na minha direcção.

O médico servirá de testemunha em como não me encontro em condições de responder a perguntas.

Não tenho a menor dúvida retorquiu o Dr. Parkerdale.

Esta forma de actuar é ultrajante.

Venha, mãe. vou levá-la para a cama disse Bob, contente pela oportunidade de poder sair.

Está bem pronunciou numa voz que mais pareceu um sussurro ; estou a ver tudo a andar à roda.

Bertha Cool passou a cadeira para um lado, dirigiu-se à porta e fechou-a com força.

Não faça nada pediu Ashbury, fitando-a.

Bertha soltou um suspiro. Estava pronta a interferir e a tornar-se senhora da situação. Mas cem dólares por dia eram cem dólares e ordens eram ordens.

A enfermeira encaminhou-se para a porta. O médico, acompanhado por Bob, conduziu a Sr.^a Ashbury ao quarto. A porta bateu e ouvi rodar a chave na fechadura.

Que estupidez! exclamou Bertha Cool.

Não podemos correr riscos, Donald disse Ashbury.

Tendo uma oportunidade, tudo estava bem, mas o médico tem a faca e o queijo na mão e, num tribunal de divórcio, tudo isto pode ser utilizado contra mim.

O patrão não sou eu respondi. Mas, pessoalmente, parece-me que deitou tudo a perder.

Abriu-se uma porta no corredor, que se voltou a fechar, ao mesmo tempo que se ouvia a chave rodar na fechadura.

Quase a mataram acusou o Dr. Parkerdale, entrando com ar indignado no quarto.

Ninguém o convidou a vir cá respondi. Faça favor de chamar Bob. Queremos interrogá-lo.

Não deve abandonar a cabeceira da mãe. Não serei responsável pelas consequências se...

Ninguém pretende torná-lo responsável disse Bertha Cool. Nem com um machado se poderia matar aquela mulher, e o senhor sabe-o perfeitamente. Tudo o que ela fez não passou de uma farsa.

Como todos os advogados, minha senhora, é propensa a julgar pelas aparências exteriores. Afirmo-lhe que a tensão atingiu um ponto perigoso.

Deixe que entre em ebulição disse Bertha. Não lhe faria mal nenhum.

Acha que está em perigo? perguntou Ashbury ao médico.

Num estado muito grave respondeu o médico.

Claro resmungou Bertha Cool. Está num estado tão grave que o médico abandona a doente para tentar arranjar provas para uma questão de divórcio.

O significado desta observação repercutiu-se na mente do Dr. Parkerdale. Voltou-se sem uma palavra e afastou-se ao longo do corredor, na direcção do quarto da Sr.^a Ashbury-. Bateu.

A chave rodou na fechadura, a porta abriu-se e voltou a fechar-se.

Bertha Cool atirou com a porta do meu quarto.

Desculpe, Donald, mas estão aliados contra nós replicou Ashbury. A enfermeira apoiará o médico.

O funeral é seu comentei, pegando no chapéu. Eu estava numa posição favorável até me retirar os trunfos.

Desculpe.

Não necessita pedir desculpa. Se quer começar bem o dia, preocupe-se com a sua mulher.

Isso será entregar-me nas suas mãos.

Mostre-se tão preocupado, continueique insista numa consulta. Mande chamar um médico bastante conhecido, traga-o aqui e peça-lhe para *medir a tensão* a sua mulher.

Olhou-me por um minuto e notou-se-lhe um brilho novo no olhar. Dirigiu-se ao telefone.

Venha, Bertha pedi.

CAPÍTULO XIV

Tokamura Hashita estava sentado na beira da cama com os olhos piscos pela luz e escutava a minha proposta.

Estes indivíduos a que me refiro e que são peritos dizem que este processo de luta só dá resultado com facas de borracha e armas descarregadas. Afirmam que são capazes de o fazer num novelo. Apostam 50 dólares. Tentei mostrar-lhes -o que me ensinara e atiraram-me para uma lata de lixo, afirmando que podiam fazer o mesmo consigo.

Desculpe e o seu olhar reflectia a luz como se estivesse coberto de uma camada de verniz. Se plantar uma semente, em breve se tornará num grande carvalho, mas não se pode conseguir madeira de uma árvore jovem. Tem de se lhe dar tempo a que cresça.

Se pensa que dará resultado, estou pronto a lutar, mas nestas circunstâncias não me parece valer muito a pena. Tenho 50 dólares para cobrir as apostas deles.

Ergueu-se, calçou sandálias de tiras e dirigiu-se a um armário, de onde tirou roupa após ter despido o pijama. Quando se voltou para mim, os olhos brilhavam estranhamente, parecendo quase avermelhados. Não disse uma palavra.

Depois pôs o casaco e o chapéu, descemos as escadas e entrámos no táxi que nos esperava com o taxímetro a contar alegremente. Continuou sem falar durante todo o percurso até ao clube de jogo. Quando estava assim vestido tinha uma figura boa, só que com o peito demasiado musculoso, mas no entanto sem um grama de gordura a mais.

Dirigi-me à mesa da roleta e comecei a jogar. Ele mantinha-se uns passos atrás de mim, olhando-me desdenhosamente.

A morena que ficara com o par de Esther Clarde ergueu os olhos, viu-me e desviou rapidamente o olhar. Minutos depois saiu da sala procurando não dar nas vistas e desapareceu pela porta de um gabinete com a indicação de «Privado».

Jogue com estas disse ao japonês, metendo-lhe algumas fichas na mão.

Parei de jogar. A morena voltou, disse qualquer coisa ao homem da roleta e olhou-me como se nunca me tivesse visto na vida.

O japonês colocou uma ficha no número trinta e seis e a bola, depois de ter saltado e rolado pelos vários compartimentos, parou no trinta e seis.

O *croupier* recolheu as fichas.

O meu amigo tinha uma ficha no trinta e seis observei.

Lamento, mas está enganado respondeu o *croupier*, olhando-me e sacudindo a cabeça negativamente.

Não estou nada, com mil raios! retorqui. Onde pôs aquela ficha, Hashita? perguntei, voltando-me para o japonês.

Ele indicou o trinta e seis com um dedo forte e musculoso.

Tem de resolver este assunto com o gerente informou o *croupier* Por aqui indicou um homem que aparecera a meu lado como que por magia. Tudo se processou simplesmente e não segundo os princípios já tão conhecidos dos filmes, em que se é empurrado de cada lado por dois homens de lábios firmemente cerrados.

O cliente é posto numa posição em que se vê obrigado a levantar um problema e discuti-lo com o gerente que está para lá de uma porta com a indicação de «Privado».

Venha, Hashita disse eu.

O homem que nos acompanhou à porta do gabinete não se incomodou a entrar. Fechou a porta e ouviu-se o rodar de uma fechadura que provavelmente era eléctrica e só se abria quando o gerente, premia algum botão colocado na secretária.

O gerente era um indivíduo de lábios finos, maçãs do rosto salientes, olhos cinzentos e mãos agitadas. Os dedos longos e delgados pareciam muito frágeis. As mãos eram as de um poeta, de um músico, ou as de um jogador.

Sente-se, Lam ofereceu, olhando interrogativamente para o japonês.

Este meu amigo pôs uma ficha no trinta e seis. A roleta parou nesse número e o *croupier* recolheu as fichas todas.

Fichas de dólar? perguntou o gerente.

Assenti com um sinal de cabeça.

Está bem. Isto é para si retorquiu, empurrando um montão de dólares de prata na direcção do japonês.

Já que está aqui, Lam, pode sentar-se a essa secretária e escrever uma declaração de que estava no quarto 421 quando Jed Ringold foi assassinado, que lhe rebuscou os bolsos e ficou na posse de um cheque de dez mil dólares disse em seguida, erguendo os olhos na minha direcção.

Vá para o Inferno! foi a minha resposta.

Abriu a caixa de cigarros que tinha em cima da secretária.

Ouviu-se um ruído peculiar quando a tampa se levantou, mas dentro havia unicamente cigarros. Retirou um e voltou a fechar a tampa. A caixa não se moveu um milímetro. Parecia estar pregada à secretária. Era evidente que transmitia sinais através de fios instalados na secretária e por debaixo da carpete.

Abriu-se uma porta e dois homens entraram.

Revista-os ordenou o homem que estava por detrás da secretária.

Deixe-os revistar disse para Hashita.

Os homens aproximaram-se, percorreram-nos as mãos pelo corpo e afastaram-se.

Não trazem armas, Sig disse um dos homens.

Escreva. Lam ordenou o homem indicando a secretária.

O que quer que eu faça? Que enfie a cabeça no laço?

Diga a verdade retorquiu. Ninguém lhe vai fazer mal.

Sei perfeitamente que ninguém me vai fazer mal.

A não ser que tenha qualquer atitude precipitada concluiu.

Parece-me que não está muito a par do que se passa. Os polícias apanharam-me e tentaram culpar-me do que se passou no quarto do hotel. A ideia deve ter partido de vocês, mas não resultou. As testemunhas não me identificarão.

Fez um ar bastante aborrecido.

Já recebeu o seu dinheiro falou em seguida na direcção do japonês.

O japonês olhou-me.

Ele sabe tratar dele respondi.

O. K. Levem-no lá para fora.

Os dois homens avançaram na direcção do japonês, que se manteve calmamente na mesma posição, com os músculos aparentemente descontraídos por completo, mas sem que se perdesse um grama da força que se desprendia do seu corpo.

O.K., Hashita. Vamos ganhar a tal aposta disse quando os homens se aproximaram.

Um dos homens agarrou-o pelos ombros. Não me apercebi exactamente do que acontecera. O ar ficou repentinamente cheio de pernas e braços. O japonês nem parecia atirá-los ao ar, mas jogar com eles como se estivesse a fazer uma exibição de malabarismo num palco.

O gerente abriu uma gaveta da secretária e rebuscou o interior.

Um dos homens voou pelos ares, com a cabeça para baixo e os pés para cima. Foi bater de encontro a um quadro pendurado na parede. O vidro partiu-se e o homem, o quadro e a moldura caíram- ao mesmo tempo no chão.

Agarrei o braço do gerente. O outro homem retirou uma arma do bolso. Pelo canto do olho via o que se passava.

Hashita agarrou-lhe o pulso, torceu-lhe o braço, girou sobre si mesmo, colocou o ombro debaixo da axila do outro homem, fez força no braço dele e atirou-o de encontro ao gerente.

O indivíduo atingiu a secretária, o gerente e a arma do gerente ao mesmo tempo. A cadeira giratória partiu-se com todo aquele peso. A gaveta despedaçou-se e os homens caíram no chão.

Hashita não olhou para eles mas para mim. Ainda tinha o mesmo brilho estranho no olhar que lhe notara anteriormente.

Muito bem, Hashita. Ganhou disse.

Não sorri. Continuou a olhar-me com uma intensidade desagradável.

Um dos homens apareceu por detrás da secretária. Inclinou-se para a frente e vi brilhar-lhe um punhal na mão.

O japonês aplicou-lhe um golpe no braço com a mão aberta.

O homem gritou de dor. O braço e a arma bateram na secretária ao mesmo tempo. A arma saltou e o braço ficou sem movimento na secretária. O homem não conseguia movê-lo.

Hashita deu a volta à secretária com passos rápidos, de profissional.

Deitei-me ao trabalho. Revistei a secretária tão pormenorizadamente quanto as circunstâncias e o tempo mo permitiam.

O gerente, prostrado por terra, olhava-me com a expressão confundida de um lutador vencido por K. O.

Diga-me onde estão as cartas de Alta Ashbury ordenei-lhe.

Não me respondeu. Pode nem me ter ouvido ou, se ouviu, as palavras não chegaram a fazer sentido.

Rebusquei a secretária. Encontrei um contrato comprovativo de que C. Layton Crumweather possuía interesses no Clube de Diversões Atlee. Descobri uma declaração de lucros, uma recapitulação das despesas, mas não encontrei

quaisquer cartas dirigidas a Alta Ashbury. Sentia-me tremendamente desapontado.

Uma porta de lado abriu-se. Um homem meteu a cabeça na sala, olhou em volta com ar incrédulo e recuou.

O.K., Hashita. Basta disse ao japonês.

Havia uma outra porta lateral. Dava para uma casa de banho. Uma outra porta abria para um escritório que causaria profunda inveja a qualquer administrador de um banco. Parecia não ser utilizada há bastante tempo. Havia pó na secretária e nas cadeiras. Calculei ser aquele o escritório de Crumweather.

Havia uma outra porta para um corredor e umas escadas para as traseiras. Foi por aí que desci com o japonês.

Apertei-lhe a mão e entreguei-lhe cinquenta dólares do dinheiro das despesas. Não queria aceitar e continuava a notar-lhe o estranho brilho no olhar.

O aluno pede perdão ao venerável Mestre declarei.

O aluno enganou-se.

O mestre é que é muito estúpido respondeu com uma vénia delicada mas fria. Boa noite e, por favor, não volte a aparecer.

Entrou no táxi e foi para casa.

Voltei-me à procura de outro táxi . Avistei um a fazer a curva. Fiz sinal ao condutor de que queria o táxi quando o passageiro descesse. Ele deu a entender que me compreendera.

Parou o carro, -saiu e veio abrir a porta.

O homem que saiu do táxi era C. Layton Crumweather.

Que coincidência! Se não é o Sr. Lam, o homem da proposta para o terreno de petróleo!... exclamou, olhando-me com um sorriso de cordialidade. Como vai o assunto, Sr. Lam?

Muito bem respondi.

Estendeu-me a mão e apertei-a. Continuou a apertar-ma, sacudindo-a para baixo e para cima e sempre com um sorriso.

Vejo que resolveu o seu assunto no Clube Atlee. , Suponho que a rapariga morena lhe telefonou assim que informou o gerente retorqui.

Meu caro amigo disse. Não faço a mínima ideia do que está a falar. Acontece simplesmente que de vez em quando venho comer ao restaurante.

E interessa-se pelo jogo que se realiza no andar de cima?

acrescentei.

Jogo! exclamou. Que jogo? De que é que está a falar?

Ri-me.

Surpreende-me, Sr. Lam. Quer dizer que no restaurante também se joga?

Poupe palavras respondi.

Vamos comer qualquer coisa ao restaurante sugeriu, ainda sem me ter largado a mão direita.

Obrigado, mas não me agrada o café daqui. Vamos àquele restaurante em frente.

O café *deles* é perfeitamente intragável.

Crumweather continuava a segurar a minha mão direita.

Olhou por cima do ombro para a porta do restaurante, como se esperasse que acontecesse alguma coisa. Nada aconteceu, porém.

Não me falou do petróleo concluiu finalmente, acabando por me retirar a mão da dele.

Tudo corre bem repliquei.

A propósito, descobri que temos amigos comuns.

Sim?

Sim. Miss Ashbury. Tomei a liberdade de lhe pedir que estivesse no meu escritório amanhã à tarde. Sei que é uma pessoa muito popular e que não pode dispor de tempo para se ocupar de um velho advogado, mas gostaria que lhe desse a entender, Sr. Lam, que este encontro lhe pode trazer as maiores vantagens.

Se a vir, digo-lhe.

Venha então tomar um café comigo.

Não, obrigado agradei, sacudindo a cabeça negativamente.

Esteve lá? perguntou, indicando o edifício com um sinal de cabeça.

Sim.

Olhou-me como que a tentar descobrir quaisquer sinais de violência.

O negócio que acabei de efectuar esclareci terminou muito satisfatoriamente para os interessados.

Ah, sim? retorquiu, com um sorriso que lhe ia de um lado ao outro do rosto. Procedeu inteligentemente, Lam, meu rapaz. Ninguém lhe arranjará complicações desde que mostre um espírito de cooperação. Sinto-me muito contente por ver as coisas pelo nosso prisma. Pode-nos ser útil concluiu, estendendo-me a mão.

Fingi não ter percebido o gesto.

bom disse, tenho de ir andando.

Acho que, agora que nos compreendemos, nos daremos muito melhor disse Crumweather. Por favor, lembre-se de que gostaria que Miss Ashbury fosse sem falta amanhã à tarde ao meu escritório.

Boa noite, respondi, entrando no táxi.

Ainda permanecia na curva a olhar-me quando dei a morada de Alta Ashbury ao motorista.

CAPÍTULO XV

Eram oito e quarenta quando entrei no hotel onde deixara Esther Clarde. Dirigi-me à jovem telefonista que estava de serviço no P. B. X., pedi-lhe que telefonasse para o quarto de Miss Claxon e lhe dissesse que o Sr. Lam esperava na estrada.

Miss Claxon já se foi embora disse-me.

Há quanto tempo? perguntei.

Na noite passada.

É capaz de me dizer a hora exacta?

É melhor perguntar na recepção.

Foi lá que me dirigi e fiz a mesma pergunta.

Pagou a pronto declarou o empregado, passando ao guiché com a indicação de «Caixa».

Sei que pagou adiantado. O que me interessa saber é quando partiu.

Sacudi a cabeça, começou a puxar a gaveta das fichas e nessa altura um apontamento chamou-lhe a atenção. Leu o que estava escrito a lápis num dos cantos.

Saiu cerca das duas da manhã disse.

Agradei-lhe e perguntei se havia algum recado para mim.

Procurou um maço de cartas e respondeu-me que não.

Telefonei a Bertha Cool de uma cabina do restaurante uma ou duas portas a seguir. Ninguém respondeu do apartamento ou do escritório.

Tomei o pequeno-almoço e fumei cigarros enquanto tomava duas chávenas de café. Peguei no jornal, passei os olhos pelos títulos e li a secção de desporto. Voltei a ligar para o escritório de Bertha Cool, que desta vez me atendeu.

Há alguma novidade? perguntei.

Onde está, Donald?

Numa cabina.

Acho que a polícia está a fazer progressos em relação ao assassinio de Ringold respondeu num tom de voz cauteloso.

Sim. Passaram-se novos acontecimentos.

-«-Como, por exemplo?

Ao que parece, às primeiras horas da manhã alguém entrou no quarto do hotel e destruiu tudo. Cortaram os estofos das cadeiras, arrancaram as cortinas, tiraram quadros das molduras; enfim, foi um vendaval.

Há pistas?

Ao que parece, nenhuma, mas a Polícia não é comunicativa.

Tive de obter informações por outro lado.

bom trabalho respondi.

O que vai fazer, querido?

Andar por aí.

Telefonaram do escritório do Sr. Crumweather. Parece que o Sr. Crumweather tem uma urgência enorme em falar consigo.

Disse o que queria?

Não. Queria apenas falar-lhe.

Um tipo sociável, não acha?

Tenha cuidado, Donald.

Faço por isso.

Se dormisse num quarto com grades nas janelas, já de nada serviria a Bertha.

Quer dizer que me suspenderia o ordenado se eu fosse preso por tentar resolver um caso?

Bertha mordeu a isca. Pode estar certo de que lhe suspenderia o ordenado e podia ir para o Inferno! gritou, desligando o telefone com tanta força que parecia ter arrancado o auscultador do outro lado. Tomei outra chávena de café e em seguida dirigi-me ao escritório de Crumweather.

Só um minuto disse Miss Sykes olhando-me e dirigindo-se ao gabinete particular de Crumweather. Decorreram uns bons minutos antes de voltar.

Faça favor, Sr. Lam.

Entrei no gabinete particular. O rosto de Crumweather expressava a maior cordialidade. Estendeu-me a mão ossuda e mostrou-se tão efusivo como alguém que precisa de um empréstimo a cumprimentar o avaliador que é chamado para fazer o balanço.

bom, Lam, meu rapaz exclamou, não há dúvida de que é um indivíduo activo, diabòlicamente activo. Não tem dificuldade em progredir. Disso tenho a certeza.

Sentei-me.

Crumweather franziu as sobrancelhas, puxou os óculos para cima e avaliava-me com frieza e severidade. Tentou disfarçar, a dureza do olhar com um sorriso gelado.

O que tem feito desde que nos vimos da última vez, Lam? Pensado. Essa má ideia da companhia petrolífera revelou realmente

bastante esperteza. Agora diga-me, Lam, o que o fez utilizar *aquele tipo de aproximação.*

Achei-o bom.

E era, era realmente muito bom! Demasiado bom. Agora > quero saber o nome da pessoa que o meteu no assunto. , Ninguém. .

Houve uma falta em qualquer lado. Têm andado a falar, de mim e um homem com a minha profissão não pode consentir que se metam na sua vida profissional.

Compreendo perfeitamente.

Os boatos têm particular tendência para serem distorcidos e desprovidos de todo o sentido de proporção. , Não há dúvida.

Se ouviu qualquer coisa sobre a minha actividade local ou boatos de que eu sabia uma forma de fugir à «Lei do Céu Azul», quero saber quem foi. Estaria disposto a ser generoso... ' quer dizer, grato.

28- G 5 Não ouvi nada.

Compreendo replicou, franzindo o sobrolho. A ideia surgiu-lhe espontaneamente e depois pensou: «Agora desejo apanhar o Crumweather e levá-lo a falar. Qual será a melhor forma de o levar a falar? Há, descobri. Digo-lhe que quero escapar à "Lei do Céu Azul".»

Está bem.

Estúpido.

Continuei a fumar.

Sabe, Donald, vou começar a chamar-lhe assim não por o considerar imaturo, mas simplesmente porque sou muito mais velho e sinto acender em mim um sentido paternal a seu respeito disse após ter-me estudado uns momentos.

Deveras?

Sim. Você tem um espírito muito arguto. Tem algo que me atrai. Investiguei um pouco o seu passado... penso que compreenderá o meu interesse por si?

Sim, compreendo.

Ficámos em silêncio alguns momentos.

Descobri que estudou leis continuou Crumweather.

Considero o estudo de leis extremamente interessante, para a obtenção de um sucesso em quase todos os campos de empreendimento.

Principalmente nos que dizem respeito à aplicação de leis disse eu.

Um bom sentido do humor, meu rapaz, tem realmente um bom sentido do humor. Sabe, um homem com a sua argúcia poderia fazer imenso dinheiro no campo legal, *se tivesse as relações adequadas*. É muito difícil para um jovem advogado abrir um escritório, financiar a compra de livros e de mobiliário e depois esperar pela vinda dos clientes.

Compreendo tudo isso muito bem.

Mas as pessoas que se encontram bem firmadas profissionalmente no campo da lei, dispõem-se muitas vezes a oferecer sociedade a jovens com a quantidade certa de aptidões.

Não pronunciei palavra.

Sei que' teve uma discussão com a Ordem dos Advogados por dizer a um cliente como cometer um **assassínio** ilibando-se *de* todas as responsabilidades.

Não lhe disse nada do género. Limitei-me a discutir a lei abstracta.

A Ordem dos Advogados não foi assim que entendeu.

Disseram também que laborava num erro.

Sei que o fizeram. Mas o que eu disse era absolutamente funcional.

Era realmente concordou, balouçando-se na cadeira.

Conheço por acaso um dos membros do comité. Expus-lhe o assunto. Ele achou-o um tanto embaraçoso.

Você domina uma porção considerável de território observei.

Algumas vezes sim, não fisicamente mas psicologicamente.

Sou da opinião de que uma pessoa tem maiores possibilidades mentais se conservar a sua energia física tanto quanto possível.

Muito bem, deixemo-nos de evasivas disse eu. Onde está Esther Clarde?

Ainda bem que puxou o assunto respondeu, coçando o queixo pontiagudo com os dedos ásperos. Não encontrava forma de puxar o assunto. Eu...

Uma chamada de fora anunciou a secretária, metendo a cabeça por entre a porta do...

O sorriso abandonou o rosto de Crumweather como que por encanto. Os lábios tornaram-se feios e insultuosos, os olhos duros e intolerantes.

Disse-lhe que não queria ser interrompido, dei-lhe todas as ordens.. Faça como estava assente e não...

É uma chamada de grande distância. De Valleydale.

O homem diz que é um assunto extraordinariamente importante.

Está bem. Passe-me a chamada concordou Crumweather, depois de pensar uns segundos.

Pegou no auscultador do telefone que se encontrava sobre a secretária. O rosto não deixava transparecer qualquer emoção.

Só os olhos davam prova de uma extrema concentração mental. Passados momentos ouvi o sinal da transferência da chamada.

Está...disse ele. Sim, sim, fala Crumweather. O que deseja?

Não podia ouvir as palavras trocadas, mas observei-lhe o rosto. Vi-o franzir as sobrancelhas, que se ergueram apenas um pouco. Olhou-me como que receoso de que as palavras pudessem chegar até mim mediante qualquer dom especial. A minha expressão acalmou-o, mas a tendência ao segredo era muito forte em si. Pôs a palma da mão direita em cima do bocal, como se esse gesto fosse suficiente para o preservar.

Tem de ter a certeza absoluta de que não está enganado respondeu Crumweather segundos depois e retirando a mão do bocal só o tempo suficiente para pronunciar a frase.

Está bem. Mantenha-me informado respondeu, depois de voltar a escutar uma vez mais.

Está bem. Até à noite disse, depois de escutar mais alguns segundos. Em seguida desligou.

Olhou-me especulativamente, fechou o punho da mão esquerda que cobriu com os dedos da direita, apertando-o com força até fazer estalar os nós dos dedos.

Dê-me a rede externa pediu depois' à secretária, pegando no auscultador.

Marcou um número, passando tormentos para que eu não o pudesse ver.

Está? Fala Crumweather. Ouça bem o que lhe vou dizer.

Quero o contrário da operação... quero que comprem o que têm estado a vender... *deixem de vender imediatamente e readquiram o que venderam.* Exactamente... não posso explicar...

pelo menos neste momento. Façam como lhes estou a dizer... bom suponhamos que o facto era mais fundamentado do que eu julgava... tudo se passou como... Encaremos o assunto desta maneira. Suponhamos que um homem estava a fazer uma conversa de três minutos e que tudo o que ele disse nesses três minutos não era somente verdade, mas até muito mais do que ele ousara sonhar... exactamente... não há tempo a perder, senão está tudo perdido. Reúna todos os homens e comece a actuar.

Desligou o telefone e voltou-se para mim. Levou-lhe um minuto a retomar o fio da conversa.

Esther tlarde lembrei-lhe.

Ah, sim respondeu mais uma vez com um sorriso gelado no rosto. Sabe que causou uma impressão muito profunda na jovem, Donald?

A sério?

Sim. *Mesmo a sério.*

Sinto-me contente que assim seja.

Deve realmente estar. Para si seria extremamente vantajoso, mas bem vê, eu sou mais velho e mais experiente e, se me permite, um conhecimento mais antigo. Antes de tomar resoluções drásticas dirigiu-se para mim.

Há muito tempo que a conhece, não?

Sim ela é uma mulher cheia de interesse, com muito interesse mesmo.

Ainda bem retorqui.

Aprecio a generosidade dela em o querer proteger, Donald disse Crumweather, mas não posso desculpar.

Não?

Não. Nem por um momento que seja. Sabe, Donald, um homem desesperado faz praticamente seja o que for, mas mesmo assim não percebo como é que um homem pode chegar ao ponto de deixar que uma mulher se coloque numa posição de cúmplice de um assassinio.

Ah, sim?

E foi nesse sentido que aconselhei Esther Clarde. Pode estar interessado em saber, Donald, que falei com ela de manhã cedo. Tenho uma entrevista com ela as dez e meia. Convenci-a de que a única atitude a tomar será a de chamar a Polícia e confessar francamente que tentou protegê-lo.

Quer dizer, confessar que fez um falso depoimento?

Exactamente.

A sua identificação não terá muita importância se agora jurar no banco das testemunhas que era eu o homem do hotel.

Tem razão, Donald, tem razão concordou exultando.

Você tem um espírito legal bastante elucidado, mas se ela disser que você a tinha subornado para não o identificar e que foi esse suborno que a levou a mentir à Polícia e que depois se aconselhou devidamente e compreendeu que se

tornara uma cúmplice, nesse caso, Donald, o seu espírito legal já compreendeu naturalmente o que se passará.

Não tem realmente dificuldade respondi.

Foi o que pensei.

Muito bem pensado comentei.

Obrigado agradeceu, mostrando os dentes num sorriso.

Também achei uma boa ideia da minha parte.

O que quer então?

O último maço de cartas que Jed Ringold deveria ter entregue naquele sobrescrito respondeu num sorriso e olhando com firmeza.

Porquê?

Na sua qualidade de advogado, Lam, não necessita de fazer essas perguntas.

Mas faça-as.

O meu cliente está a ser julgado por assassínio afirmou.

É um desses casos em que os juizes se basearão mais em preconceitos do que em provas. Essas cartas poderão ocasionar prejuízos desastrosos para o meu cliente.

Porque é que não as destruiu logo que as teve em seu poder?

Acho que não estou a compreendê-lo, Donald respondeu com um pestanejar de olhos.

Você obteve as cartas acusei. Queria que fossem destruídas para não poderem ser usadas como provas, mas era demasiado esperto para as queimar. Decidiu que Alta as queimaria pagando trinta mil dólares por esse privilégio. Esse processo eliminaria as cartas com tanta perfeição como se tivesse sido você a riscar o fósforo, com a vantagem de lhe trazer o dinheiro.

Teria sido realmente uma ideia *formidável*, Donald, uma ideia formidável respondeu, acenando a cabeça afirmativa-

mente e depois de ficar pensativo por uns momentos. Como lhe disse, (duas cabeças raciocinam melhor do que uma. Um jovem, e principalmente se é perspicaz, pensa coisas que podem passar despercebidas a outro mais velho. Gostaria que considerasse a proposta que lhe fiz de nos associarmos. Será uma carreira para si, meu rapaz. Mas entretanto, Donald acrescentou, ao mesmo tempo que o olhar se lhe endurecia nitidamente, não se esqueça de que quero essas cartas. Não sou um homem que seja enganado ou posto de parte facilmente.

Por muito que respeite a sua perspicácia e inteligência, *quero aquelas cartas*.

Quanto tempo me dá? perguntei.

Trinta minutos respondeu, olhando para o relógio.

Saí. Ia a apertar-me a mão, mas fingi não o ver.

Dirigi-me ao escritório da agência. Bertha alugara outra máquina e secretária. As raparigas pareciam mais familiarizadas com o trabalho. Ambas teclavam alegremente. Dirigi-me ao gabinete particular e abri a porta.

Meu Deus, Donald, consigo não há calma possível!

exclamou Bertha, que lia o jornal e segurava uma boquilha de marfim entre os dedos da mão esquerda enfeitada de jóias.

O que é que se passa agora?

Chamadas anunciou. Montes de chamadas. Pessoas que não deixam os nomes e que querem saber quando, o podem encontrar.

O que lhes disse?

Que não sabia.

Homens ou mulheres?

Mulheres respondeu e, pelo tom de voz, jovens. Não sei o que lhes consegue fazer. Se fosse um desses dom-juan que se deixam prender, compreendia. Mas você apaixona-se por elas tanto como elas por si, embora não da mesma forma. Não deve agir assim, Donald. Coloca as mulheres num pedestal e adora-as. Pensa que só porque usam saias são diferentes e nobres. Nunca será um bom detective, Donald, enquanto não descobrir que a mulher pouco mais é do que o elemento feminino da espécie humana.

Mais alguma coisa? perguntei.

Não aja comigo com esse descaramento, Donald disse, olhando-me Além do mais, você trabalha para mim.

E faço com que ganhe cem dólares por dia.

Sente-se, querido convidou, acusando o toque. Não dê ouvidos à Bertha, que esta manhã está de mau humor porque não dormiu muito a noite passada.

Sentei-me na cadeira destinada aos clientes.

O telefone tocou, Mais uma dessas mulheres à sua procura disse Bertha Cool.

Veja quem é pedi. Só estou para Esther Clarde ou para Alta Ashbury.

Duas mulheres apaixonadas por si ao mesmo tempo!

exclamou Bertha. Essa Clarde não passa de uma prostituta e Alta Ashbury é uma rapariga rica que vê em si um brinquedo novo. Brincaré consigo até o partir e depois deitá-lo-á ao lixo sem sequer...

Acho melhor responder interrompi-a, indicando o telefone que continuava a tocar.

Sim? Está? respondeu Bertha num tom de voz áspero, pegando no auscultador.

Agora que Elsie Brand não atendia as chamadas, era ela que tinha de o fazer, o que a aborrecia.

Bertha escutou por momentos e vi que a expressão do rosto se transformava. Os olhos tinham um brilho duro.

Quanto? perguntou, voltando a escutar. Mas não vejo porquê... concordou voltando os olhos na minha direcção.

bom, se não tem autoridade... Quando podemos... com mil raios, não me interrompa e deixe-me dizer as coisas até ao fim. Se não tinha autoridade para completar o negócio, como é que... ah, sim, compreendo... Quanto... telefone-lhe ainda esta tarde e diga-lhe... Não, esta tarde... À uma não, mais tarde... Sim, às três horas... Está bem, então às duas.

Desligou o telefone e olhou-me com uma expressão preocupada.

Alguma coisa relacionada com o caso?

Não, é outra coisa. Um homem veio cá noutra dia e disse que desejava falar comigo três minutos. Concordei exactamente em lhe conceder três minutos do meu tempo. Pensou que me mantivesse tão interessada que eu não pronunciasse palavra, mas não foi exactamente isso o que se passou... com mil demónios, Donald Lam, porque está a sorrir?

Nada respondi. Quanto é que eles querem pagar?

Quem?

As pessoas que lhe venderam as acções.

Como sabe que me venderam acções? Como é que sabe que as comprei? Que demónio tem andado a fazer? A bisbilhotar os meus negócios? A revistar a minha secretária?

Esqueça o que lhe disse pedi. Leio em si como num livro aberto.

Sim, é verdade!

E os outros também acrescentei. É um dos velhos truques do conto do vigário.

O quê?

Dizer às pessoas que apenas pretendem uma entrevista de três minutos e prometer que não durará mais. A conversa processa-se por forma a que dizem tudo o que pretendem e continuem a falar. O «patinho» está tão preocupado em demonstrar que não é enganado, que passa o tempo a chamar a atenção para o limite do tempo e não faz perguntas que noutras condições faria. É um método qualificado de vender acções depressa.

Bertha olhou para mim, engoliu em seco duas vezes e marcou o número.

Fala Bertha Cool. Pensei no assunto e aceito... sim, pode vir trazer o dinheiro aqui... Eu disse o *dinheiro*. E não quero cheques. Quero pagamento a pronto.

Pousou o auscultador com violência.

Quanto lhe ofereceram? perguntei.

Não tem nada com isso. O que é que tem andado a fazer?

Por aí.

O que quer dizer com isso? Contratam-no para descobrir um assassino e...

Afaste a 'ideia de que fomos contratados para resolver um assassínio. Fomos contratados para salvar Alta Ashbury de sarilhos.

bom, agora está mais metida neles do que nunca.

Ainda continuamos contratados.

bom, então vá trabalhar.

Pagam-nos diariamente, não é verdade?

Sim.

Acendi um cigarro.

Algumas vezes, Donald, faz-me ficar tão furiosa que me sinto capaz de o reduzir a pó. O que fez a Tokamura Hashita?

Nada. Porquê?

Telefonou a dizer que não lhe dava mais lições.

Acho que o feri no seu orgulho respondi.

Como?

Disse-lhe que todos aqueles truques funcionavam num ginásio, mas que conhecia uns indivíduos que tinham afirmado que tudo se passava de forma diferente em situações reais.

Disse-lhe que eles tinham afirmado que podiam descarregar as armas *quando* ele não estivesse preparado e reduzi-lo a pó.

Ofereci-lhe cinquenta dólares para...

Cinquenta dólares?!interrompeu-me quase gritando.

Cinquenta dólares de quem?

De Ashbury.

O que fez ele? quis saber, recostando-se com uma expressão um tanto diferente.

Aceitou o dinheiro.

.E o que aconteceu?

Era ele que tinha razão.

Então acho melhor continuar com as lições.

Acho que Hashita considera que foi utilizado.

Como é que sabia que aquela farsa dos três minutos era uma forma pressionada de vender acções? Nunca tinha ouvido falar nisso.

Quanto é que lhe arrancaram?

Nada. vou receber o dobro do que paguei...

Obrigado respondi.

Um destes dias ainda o despeço disse passados momentos e olhando para mim.

Pode ser que não o tenha de fazer. Crumweather ofereceu-me sociedade.

Quem?

Crumweather, o advogado.

Ouçã, querido disse Bertha, inclinando-se sobre a secretária, não lhe convém nada tornar-se a meter com a lei.

Sabe o que aconteceria. Tudo se voltaria a repetir. Arranjaria boa clientela e de uma maneira ou de outra acabaria por irritar esses emproados da Ordem dos Advogados e mais uma vez se via à procura do barulho. Aqui pode fazer um bom lugar. Pode ..

Fazer um décimo do que faria se praticasse advocacia.

Mas' é um lugar de futuro e além disso não pode deixar a Bertha. A Bertha depende de si.

Ouvi vozes excitadas no escritório acompanhadas de passos apressados. A porta do gabinete escancarou-se e a figura de Esther Clarde recostou-se na ombreira. Uma das secretárias espreitava por cima dos ombros dela e puxou-lhe pelo Braço.

Entre Esther disse.

Ela não entra replicou Bertha Cool. Quê maneiras de entrar no meu escritório? Quero que volte para trás, que se sente, anuncie o nome e...

Sente-se aqui ofereci levantando-me e deixando livre a cadeira destinada aos clientes.

Esther Clarde entrou.

Não me interessa quem é ela, Donald. Ninguém...

começou Bertha.

O que é que se passa Esther? perguntei, fechando a porta na cara da nova secretária.

Esse advogado quer que o atraíço e quero que saiba que não estou disposta a fazê-lo anunciou.

Disse-lhe que o faria?

Sim respondeu desviando o olhar. Tive de o fazer acrescentou como explicação.

Ouçã, Donald disse Bertha Cool. Não pode começar a dirigir tudo -assim. Não pode convidar as pessoas a entrar no gabinete e ..

Ela quer que saia disse a Esther Clarde.

Esther Clarde levantou-se. Tinha os olhos inchados. Via-se que estivera a chorar.

Só queria que soubesse, Donald.

Você telefonou-lhe a noite passada?

A quem?

A Crumweather.

Sim.

Porquê?

Ele foi meu amigo, não propriamente um amigo desinteressado, mas...

Donald, olhe para mim interrompeu Bertha Cool.

Vamos resolver o assunto e já. Não se trata de falar ou não com esta rapariga, mas de esclarecermos quem dirige a agência.

Portanto...

Ela quer que saia, Esther. Talvez seja melhor disse encaminhando-me para a porta.

Bertha demorou uns momentos a mastigar a frase, depois apoiou os braços na cadeira giratória e tentou erguer-se rapidamente.

Volte já aqui gritou-me. Quero saber o que se passa com este caso. Não me pode deixar assim às escuras. O que é que Crumweather está a tentar fazer? Qual é a traição que...

Abri a porta e acompanhei Esther Clarde.

Donald, ouça o que lhe digo. Volte e...

A porta fechou-se e cortou o resto da frase. Atravessei o escritório com Esther, enquanto as duas secretárias me fitavam de boca aberta. A porta do escritório de Bertha Cool abriu-se lentamente no momento exacto em que eu atingi o corredor.

Era demasiado sensata para vir atrás de nós. A gordura excessiva não lho permitia. Quando saímos ainda estava à porta do gabinete.

Ouçã Estherdisse no corredor. Há uma coisa que tenho de saber. Não minta. Quem lhe deu essas cartas?

Nunca vi as cartas respondeu senão quando Jed Ringold as tinha e não faço ideia nenhuma de quem lhas deu.

Bob Thidle.

Acho que sim mas não tenho a certeza.

Ringold tinha alguma coisa além do quarto do hotel?

perguntei passando em frente do elevador e carregando no botão.

Não.

Mais algum sítio onde vivesse?

Excepto comigo retorqui.

A porta da agência abriu-se. Bertha Cool apareceu a resmungar.

Um dos elevadores ficou com a luz vermelha no momento preciso em que um elevador que subia parou. A porta abriu-se. Saíram dois homens, um deles

começou a encaminhar-se na direcção da agência. O outro voltou-se para nos olhar.

O. K. Bill. Lá está ele avisou detendo-se de repente.

Os dois homens aproximaram-se e um deles mostrou uma chapa.

bom rapaz. Vais dar um passeiozinho.

com quem?

Comigo.

Qual é a ideia?

O advogado distrital quer falar contigo.

Não quero falar com ninguém. Estou ocupado.

O elevador que vinha a descer parou e os dois detectives empurraram-nos lá para dentro.

Parem esse elevador gritou Bertha Cool. Quero ir para baixo.

Percorreu a distância "que a separava de nós o mais rapidamente que podia. O empregado do elevador esperou. Um dos passageiros riu-se.

A caixa do elevador estremeceu com o peso de Bertha Cool.

O empregado fechou a porta. Bertha Cool voltou-se e ficou de

frente para a porta. Empurrou-nos casualmente para a retaguarda.

Não nos dirigiu palavra.

Descemos directamente para o rés-do-chão. Havia ainda uma passagem a seguir às tabuletas com as indicações dos diversos escritórios e um balcão de cigarros perto da saída. Bertha Cool foi a primeira a sair. Começou a percorrer o corredor. Afastei-me para dar passagem a Esther Clarde.

Tem cuidado com este tipo. Bill avisou empurrando-me para a frente ao longo do corredor. Havia mais três homens à espera. Juntaram-se ao grupo e começaram a andar.

Só um minuto disse eu ao detective. Afinal o que é isto?

Manteve-se silencioso. Um homem estava a engraxar os sapatos e não lhe prestei atenção até ouvir o seu grito excitado.

É aquele! É aquele!

Todo o grupo parou. Ergui os olhos. O homem que engraxava os sapatos era o recepcionista do hotel onde fora cometido o assassinio. Apontava o dedo na minha direcção.

O. K. Não se pode queixar que não teve a fila tal como queria e a identificação. Bill, traze a rapariga ordenou voltando-se na direcção do elevador.

Acontecera uma série de coisas ao mesmo tempo.

Vocês podem ir-se embora ordenou o detective sorridente aos três homens que iam a caminhar ao meu lado Estejam preparados para quando precisar de vocês.

O outro detective foi buscar Esther Clarde ao elevador.

Bertha Cool dirigiu-se sem olhar para trás à cabina que ficava ao fundo do *hall*. Conseguia lá meter-se, mas fechar a porta, não. Vi-a deixar cair uma moeda e marcar o número. Falava junto do bocal para as pessoas cá fora não poderem perceber o que dizia. O recepcionista desceu da cadeira onde engraxava os sapatos. Tinha um sapato engraxado e outro não.

As dobras das calças estavam puxadas para cima e dançava tão grande era a excitação.

É esse; é ele mesmo. Reconhecê-lo-ia em qualquer lado repetia apontando o dedo para mim.

Olha Esther. É aquele o indivíduo. É ele...continuou ocorrendo ao encontro de Esther logo que a viu.

Estás doido Walter. Não é nada o homem disse Esther.

É realmente parecido, mas não é ele.

Não o podes confundir. É ele continuou o recepcionista olhando-a surpreendido.

Tem a mesma constituição física continuou Esther mas o homem que falou comigo no hotel tinha os ombros mais largos, era pesado e talvez um ou dois anos mais velho.

O empregado hesitou e fitou-me.

Tenha juízo homem disse o detective. Ela está interessada nele e tenta protegê-lo.

Não é verdade! Sabes que não é assim, Esther gritou o recepcionista, que de repente ficou branco. Diz-lhes que é mentira.

É mentira afirmou Esther.

Claro que é mentira. A Esther está no balcão da tabacaria e brinca com todos. Mas quando chega a altura de...

Não seja parvo disse o detective. Ela só quer prendê-lo.

Porque é que não desce à terra patinho? Este é o seu rival. Como diabo julga que ela está *aqui* Preparava-se para descer no elevador com ele. Iam para o apartamento dela quando os apanhámos.

O recepcionista olhou do detective para Esther e "depois para mim. Vi-lhe o ódio reflectido no olhar.

O que diz Esther, não é verdade, mas o homem que procuram é este gritou, -e Juro que é ele.

E agora espertinho? perguntou o detective sorrindo.

É você ou não.

Não.

Mas que azar! deve ser um caso de falsa identidade.

Importa-se de ajudar a Polícia a esclarecer o caso?

Teria muito gosto.

Então acompanhe-me ao hotel.

Não, não vou, recusei. Ou esclarecemos aqui tudo ou vamos directamente ao advogado distrital.

Nem pense nisso. Vamos ao hotel.

O que espera lá encontrar?

Podemos dar uma vista de olhos. Gostaríamos de verificar se a lâmina do seu canivete poderia ter feito o buraco na porta.

Se estão a tentar acusar-me de alguma coisa, quero falar com o advogado.

Ouçã amigo, se é culpado está bem. Continue a proceder assim. Não diga nada e arranje um advogado. Mas se está inocente e não quer complicações é melhor ajudar-nos a esclarecer isto.

Estou à vossa disposição para ajudar a esclarecer, mas não estou disposto a ser levado à força pelas ruas.

Aonde quer ir?

A casa de Ashbury respondi.

Porquê?

Tenho um trabalho a fazer ali retorqui. Estão lá as minhas roupas.

Concordo acedeu, sem que no entanto me passasse despercebido o brilho velhaco dos seus olhos. Apanhamos um táxi e vamos a casa de Ashbury.

E o carro em que vieram? perguntei.

Já leva gente a mais respondeu.

E você, moça, está entre a espada e a parede disse a Esther Clarde. Ou identifica este homem ou fica presa como cúmplice. Qual das hipóteses prefere?

Não é ele.

Nós sabemos que é. Pense bem porque está a escolher a cama em que se irá deitar.

Isso não se chama intimidar uma testemunha? perguntou Bertha Cool que se aproximara dos elevadores e escutara a conversa.

Afaste-se ordenou o detective olhando-a e corando de raiva. Isto é um assunto de Polícia acrescentou voltando a lapela do casaco para lhe mostrar a chapa.

Esse bocado de lata não tem o mínimo significado para mim declarou Bertha. Se ouvi correctamente, estava a dizer a esta rapariga que se jurar falso nada lhe acontece mas que se disser a verdade a prenderá como cúmplice.

Vá para o Inferno disse o detective irritado.

Encontre-me um suficientemente grande para mim e obedeço gracejou Bertha.

Não é esse o homem afirmou Esther Clarde com convicção.

Sabes muito bem que ele é o homem, Esther disse Markham, o recepcionista. Porque fazes isto? Porque é que o queres proteger? O que é que ele significa para ti?

É-me totalmente estranho disse. Nunca o vi antes na minha vida, nem tu.

Leva-os a casa de Ashbury, Bill ordenou o detective que me vigiava. Vamos de táxi. Não quero a rapariga e Lam juntos e vejam lá se a impedem de falar com o recepcionista.

Ela está a arranjar lenha para se queimar. Se quiser falar que fale disse o outro detective.

Se o olhares bem, Walter, verás que te enganas disse Esther ao recepcionista. Não o viste tão bem como eu. Tu...

Ouviste o que eu disse observou o detective.

Que diabo quer que eu faça? Eu...

Venha connosco disse o detective que me vigiava, agarrando Markhan por um braço.

Markhan aproximou-se ainda com as rugas vincadas por ter dobrado as calças para cima.

Fomos de táxi. Os outros seguiram no carro da polícia abrindo caminho para o táxi com a sirene. Nunca soube como é que Bertha o conseguiu, mas seguia com o grupo. Quando descemos em frente da casa de Ashbury, o detective reparou na sua presença.

A senhora outra vez? Aonde pensa que vai? Desapareça.

Acontece muito simplesmente que este jovem trabalha para mim e telefonei a um advogado que chegará dentro de 10 minutos. O Sr. Ashbury quer ver-me e se tentar afastar-me desta casa, ficará com o fato em tiras.

Não queremos advogados disse o detective. Só preten- 29 - . G. 5 demos esclarecer factos. Se Lam fizer uma declaração honesta não queremos mais nada.

Bertha resmungou.

Os detectives conferenciaram em voz baixa e depois entrámos todos.

Miss Ashbury está'em casa? perguntou um dos detectives ao mordomo.

Sim senhor.

Mande-a chamar imediatamente.

Quem devo anunciar?

A lei respondeu endireitando o casaco.

O mordomo apressou-se a obedecer.

Ouvia os passos de Alta na escada, passos rápidos e leves.

Parou de onde podia avistar a sala. Fez uma leve expressão de espanto e depois avançou de queixo erguido.

O que se passa, Donald?

Uma escolta especial respondi.

A Sr.^a é Alta Ashbury? perguntou o detective que parecia encarregado do caso avançando um passo.

Sim.

Contratou este homem para lhe conseguir algumas cartas, não é verdade?

Não fiz nada que se parecesse.

Então o que é que ele faz aqui?

Está a dar lições de luta ao meu pai.

Disparate.

Endireitou-se e o seu ar colocou os detectives numa posição de defesa.

Esta casa é do meu pai observou. Não me parece que ele os tenha convidado e eu não convidei de certeza.

E se lhe tirássemos as impressões digitais, sargento?

Boa ideia.

Amarraram-me as mãos. Resisti o máximo que pude mas seguraram-me os pulsos e tiraram-me as impressões digitais.

Vamos lá, Lam disse Bill. Qual é a vantagem de tentar escapar-se. As suas impressões coincidem com as que encontrámos no hotel.

Alguém as forjou.

Claro. Já sabemos que emprestou as suas mãos a alguém para passar a noite.

Mostre-me como vê que coincidem - pedi.

Os detectives reuniram-se e começaram a comparar as minhas impressões com algumas fotografias em seu poder. Ouvi o som de passos pesados no corredor do andar de cima e a Sr.^a Ashbury desceu as escadas acompanhada por Bernard Carter. Ele mostrava-se extremamente solícito. Ela estava preparada para ter um ataque ou fazer uma cena, conforme a ocasião o exigisse. Desprendia-se dela uma pesada dignidade que impressionou mais os polícias do que a aparência de Alta Ashbury. Os polícias começaram a utilizar um tom de deferência.

O que se passa aqui? perguntou a Sr.^a Ashbury.

Apanhámos o assassino, disse um dos detectives com um gesto na minha direcção.

Donald! exclamou surpreendida.

Ele fez um aceno afirmativo.

Ouvi passos rápidos. Bob apareceu a correr vindo do salão de bilhar e deteve-se à entrada da porta.

O meu pai deve estar a chegar disse Alta aproximando-se de mim.

Chegou quando os polícias estavam a discutir as impressões.

Ao que parece nem tudo corria como queriam. Passavam as fotografias uns aos outros e concentravam-se nas impressões que me tinham tirado. Senti-me satisfeito por me ter lembrado de usar luvas quando estivera no quarto do hotel.

Ashbury aproximou-se. O detective afastou-se para falar em particular com Markham, o recepcionista. Este cada vez era mais positivo e sacudia a cabeça com convicção. Afastou-se depois para conversar com Esther Clarde que continuou a negar.

O que se passa Donald? perguntou Ashbury.

Bertha Cool pegou-lhe no braço, puxou-o para o lado e começou a falar em surdina.

É uma pena que as impressões digitais não coincidam disse eu para o sargento. Queria resolver o caso não é assim?

O.K. espertinho respondeu calando a boca. Ainda te vais arrepender de tudo isto.

Porque não lhe tira as impressões digitais? perguntei fazendo um movimento na direcção de Bernard Carter. Veja se coincidem.

Que disparate! O homem que procuramos tem o seu físico e a sua compleição. Em resumo é a si que procuramos.

Muito bem, afirmei. Se não lhe tiram as impressões digitais perderão uma oportunidade de fazer progressos no caso.

Acho que não o teriam feito se não fosse a expressão que o rosto de Carter deixou transparecer.

É apenas uma investigação de rotina disse o polícia avançando na sua direcção.

Que diabo pensam que estão a fazer? perguntou Carter pondo as mãos atrás das costas. com quem pensam que estão a lidar?

Acendi um cigarro.

Os polícias olharam um para o outro e depois avançaram para Carter.

Ele lutou primeiro com uma série de ameaças e depois tentando escapar-se. Tiraram-lhe as impressões digitais. Bastou um olhar para as impressões e as

fotografias, um rápido confronto e um dos polícias tirou um par de algemas do bolso.

Que significa tudo isto, Bernard? perguntou a Sr.^a Ashbury.

O que é que eles querem?

É uma armadilha gritou. Diabos me levem se aguento isto.

Soltou-se e encaminhou-se para a porta.

Pare ordenou o sargento.

Cárter atravessou a porta a correr e continuou ao longo do corredor. O polícia puxou a arma. A Sr.^a Ashbury gritou.

Eu disparo, juro que disparo.

Os passos de Cárter detiveram-se subitamente. O polícia avançou na sua direcção.

Isto resolverá tudo disse para Ashbury e voltando-me para encontrar o olhar de Alta.

CAPÍTULO XVI

Bertha Cool foi ter connosco à estufa.

Donald, meu querido, diabos me levem se sei como fez isso, mas rebuscou o saco dos prémios e conseguiu a taluda.

Confessou? perguntei.

Não, mas as impressões digitais correspondem. Encontraram-lhe uma arma que a polícia julga ser a do crime. Enviaram-na para ser examinada no departamento de balística.

Alta fez-me uma festa na mão.

O.K., Donald disse Bertha erguendo-se e olhando-nos.

Deixe isso. A Polícia encarrega-se do resto. Nós vamos embora.

Para onde? perguntou Alta.

Para o trabalho.

Mas ele está a trabalhar!

Não neste caso. Está tudo resolvido.

Saiu calmamente da estufa.

Quer tentar alguma coisa? perguntei a Alta.

O quê?

As cartas disse. Há um lugar onde poderiam estar Onde? perguntou olhando em volta apreensivamente a certificar-se de que ninguém ouvia.

Tem aqui o carro? perguntei.

Hum, hum.

Sáímos pela porta das traseiras, entramos no automóvel e afastámo-nos. Os carros da polícia chegaram nesse momento fazendo soar a sirene.

Diga-me Donald, como descobriu tudo?

Não podia ser de outra maneira. Esther Clarde sabia tudo o que se passava com as cartas. Quando os polícias me levaram ao apartamento, ela ia deixá-los entrar. Depois, viu-me e decidiu falar no corredor. Pensei imediatamente que estava alguém lá dentro que eu conhecia. Estava quase certo de que era Bob.

Pu-lo entre a espada e a parede, mas os bocados do *puzzle* não acertavam. Afinal acabou por me passar a hipótese mais lógica.

O que quer dizer? Não está a insinuar com certeza que Cárter entrou no seu quarto e...

Não respondi. Foi a sua madrasta. Não percebe? Você foi a pessoa que conseguiu formar um lar para o seu pai.

Quando se foi embora e ele ficou entregue a si mesmo, sentiu-se desesperadamente só. Não lhe disse nada, porque pensou que tinha a sua vida para viver e que de qualquer forma mais tarde ou mais cedo acabaria por o deixar. Tentou, portanto, formar o seu próprio lar. Quando a viu voltar, compreendeu que cometera uma loucura. A Sr.^a Ashbury viu o quadro sob as luzes certas. E as suas pequenas reacções indicaram-lhe como proceder.

Quer dizer que ela conseguiu as cartas?

Sim.

Porquê?

Para a envolver naquele assassinio da mulher e a desacreditar completamente. Pensou que lhe daria o golpe final.

E o que lhes fez?

Deu-as a Cárter para que as entregasse ao advogado distrital.

Cárter entregou-as a Jed Ringold porque precisava de um elo de ligação externo. Ringold viu uma possibilidade de obter dinheiro e ainda ficar com cartas para o advogado distrital.

Depois, perdeu o dinheiro no jogo e decidiu arriscar a última cartada.

O seu pai descobriu que estava a pagar dinheiro. A Sr.^a Ashbury soube-o por ele. Cárter descobriu que Ringold estava a atraiçoar a sua madrasta. *Ela* queria que as cartas fossem parar à mão do advogado distrital. A pequena demora verificada enquanto Ringold preparava o plano não os preocupou, mas ele cometeu o erro de levar as coisas demasiado longe.

Continuo sem compreender disse ela.

É evidente que Crumweather sabia da existência das cartas porque Laster lhe disse. Quando um homem é metido na cadeia sob acusação de assassinio, conta tudo ao advogado.

Crumweather queria certificar-se de que essas cartas seriam destruídas. Supunha evidentemente que as tinha queimado, mas queria certificar-se.

Crumweather conhecia Carter, fazia negócios com ele e sabia que Carter tinha acesso a sua casa e por isso sugeriu a Carter que seria um bom plano saber se as cartas tinham sido realmente destruídas.

Carter deve ter comunicado isso à Sr.^a Ashbury que divisou uma possibilidade de atrair Crumweather, envolvê-la a si num escândalo e pô-la numa situação tão difícil que a levasse a querer sair da região e a nunca mais voltar.

Foi ela que entrou no seu quarto e roubou as cartas. Deu-as a Carter com ordem de que não caíssem nas mãos de Crumweather, mas fossem parar directamente às mãos do advogado distrital.

Carter estava disposto a atrair Crumweather e a obedecer às ordens da Sr.^a Ashbury, mas Carter viu uma possibilidade de ganhar dinheiro. Entregou as cartas a Ringold e ins- truiu-o com uma pequena história para lhe ser contada e justificar as cartas serem pagas por três vezes. O plano era o de que em seu poder ficariam apenas dois maços das cartas e o terceiro seria entregue ao advogado distrital. Ringold e Carter teriam assim uma possibilidade de dividir vinte mil dólares e dar à Sr.^a Ashbury o que desejava, porque as cartas que chegariam às mãos do advogado distrital seriam as principais. Ringold, porém, decidiu atrair toda a gente. Não via]

motivo para que o último maço de cartas fosse entregue ao advogado e apenas receber em troca agradecimentos que não lhe interessavam.

Depois compreendeu que Carter perceberia que fora traído e Ringold via-se num dilema, finalmente elaborou um esquema à prova de balas. Levá-la-ia a pensar que tinha em seu -:

poder o último maço de cartas. Receberia o cheque e devolveria o resto das cartas ao advogado distrital.

Carter não confiou, no entanto, em Ringold e a Sr.^a Ashbury não compreendia a demora. O diálogo que surpreendeu entre ela e Carter era quando

a Sr.^a Ashbury lhe dizia que avançasse e implicasse o mais rapidamente possível a enteada no caso.

Como é que o crime foi cometido? perguntou.

Carter não tinha intenção de matar alguém disse eu mas sabia que você se ia encontrar com Ringold. Pensou que talvez houvesse uma traição. Alugou um quarto noutra andar do hotel, verificou que o estava livre, desmontou a fechadura com uma gazua, esgueirou-se pela porta de comunicação e escondeu-se na casa de banho. Descobriu o que queria saber e quis voltar para trás pelo mesmo caminho, mas entretanto eu já estava no quarto e fechara à chave a porta de comunicação. Não podia retroceder. Ringold apanhou-o na casa de banho. Carter abriu caminho a fogo.

«Carter atraiçoou-se. Estava tão ansioso por se defender que ao dizer que a vira perto do local do crime na altura em que ele fora cometido, esqueceu-se de que isso constituía a afirmação de que ele próprio estivera lá. De outro modo não a poderia ter visto.» Ele não confessou nada. A minha madrastra vai arranjar um advogado para o defender e o combate começará disse pensativamente.

Ótimo retorqui. Não se importe.

Mas as cartas não serão mencionadas?

A não ser que o advogado distrital as consiga.

Onde estão elas?

Veja o problema desta forma disse. Carter não sabe onde elas estão. Esther Clarde também não e Crumweather está em posição idêntica. Revistaram o quarto do hotel e ao empregar este termo, quero dizer que o *fizeram mesmo*. Jed Ringold tinha as cartas com ele quando foi para o hotel. Não saiu do hotel e ao que parece as cartas também não.

Aonde pretende chegar, Donald? Acha que podem estar escondidas noutra quarto?

Talvez concordei mas não me parece que Ringold fosse assim tão parvo.

Que lhes fez então?

É o que vamos descobrir respondi.

Dirigi-me aos Correios, e parei no *guichet* que tinha a indicação de Q a Z.

Jack Waterbury pedi.

Um empregado, com um ar de aborrecido, percorreu os sobrescritos e entregou-me um para *Jack Waterbury, Posta Restante*.

Veja se era isto o que queria disse, quando cheguei ao carro, entregando o sobrescrito a Alta.

Ela rasgou um canto do sobrescrito e olhou o conteúdo. A expressão do rosto deu-me a resposta.

Como sabia, Donald?

Só havia um lugar onde ele podia ter escondido as cartas:

deitando-as pela calha de transporte do correio. Tinha-as com ele quando estava no quarto consigo. Alguns minutos mais tarde, quando foi morto já não as tinha. O assassino não as conseguiu. Crumweather também não. Esther Clarde não sabe onde estão. Só resta um lugar onde poderia escondê-las: deitando-as na calha de transporte do correio.

«Enquanto estava no quarto consigo, o homem não se comportou de forma alguma como um cavalheiro e no entanto quando a viu levantar para se ir embora, acompanhou-a ao *hall* para lhe chamar o elevador. O motivo que o levou a agir assim foi a calha de transporte do correio ficar junto do elevador.

Quería livrar-se das cartas logo que você se fosse embora.

Não compreendo onde situar Crumweather nesse esquema.

A princípio enganou-me expliquei. Como advogado de Laster fez-lhe evidentemente perguntas sobre o papel do elemento feminino na sua vida. Laster falou-lhe de si e das cartas. Crumweather queria apanhá-las. Foi ter com Cártter.

Cártter falou à sua madrasta que prometeu consegui-las. E conseguiu realmente, embora não visse motivo para a libertar da armadilha... O resto já sabe. *Ela* pensava que as cartas iam parar às mãos do advogado distrital e Ringold queria apanhar vinte mil dólares e *depois* entregar o último terço ao advogado.

Ao que parece nunca ocorreu a Crumweather a possibilidade de estar a ser atraído senão depois do assassinio. Nessa altura Esther Clarde entrou em contacto com ele por telefone e contou-lhe o que acontecera. Ele ficou furioso. Queria apanhar as cartas antes do advogado distrital.

Você é um adivinho quando se trata de formar o *puzzle*.

Pelo contrário. Eu até parti pelo caminho errado. Sempre pensei que Crumweather estivesse envolvido. Julguei que ele vira a possibilidade de lhe vender as cartas por trinta mil dólares e deixar que as queimasse, mas evidentemente ele não estava dentro do jogo; Cárter e Ringold atraíam-no.

E o que é que o levaria a ceder a representar Cárter?

Dinheiro respondi.

Como sabia o nome que estava no -sobrescrito?

Era o verdadeiro nome de Ringold. Na noite passada perguntei a Esther Clarde como é que ele verdadeiramente se chamava.

Quer dizer que já pensava na hipótese do correio?

Sim.

E Cárter não sabia que Ringold me ia vender este último maço de cartas?

Não. A decisão foi de Ringold. Cárter suspeitava, é tudo.

Não se atrevia a falhar na missão de que fora incumbido de entregar as cartas ao advogado distrital. A sua madrasta significava muito mais para ele do que Crumweather.

Aonde é que me vai levar agora? perguntou passados uns momentos.

Ao Edifício dos Comuns. Quero falar com a secretária do Sr. Fischler disse sorrindo e dar-lhe instruções para que resista até dez mil dólares antes de entregar os certificados de acções e opções de uma companhia mineira.

Chegámos ao Edifício dos Comuns e dirigimo-nos ao escritório de vendas de Fischler. Elsie Brand fechou uma gaveta apressadamente, escondendo uma revista quando eu abri a porta.

Apresentei Alta Ashbury e percebi que Elsie ficara bem impressionada.

Quando esse vendedor aparecer por aí pedi diga-lhe que o Sr. Fischler saiu para ir a uma conferência, que é provável que telefone dentro de um quarto de hora, que lhe pode telefonar, mas que ele não recebe recados de mais ninguém nem espera voltar ao escritório dentro dos próximos dois ou três dias.

Elsie retirou o bloco de uma gaveta do lado esquerdo da secretária e tomou rapidamente algumas notas.

Mais alguma coisa? perguntou.

Ele pedirá que me telefone e me dê um recado. Vinte minutos mais tarde pode chamá-lo e dizer-lhe que esquecerei tudo e devolverei as opções por dez mil dólares, nem um centímo a menos.

Mais alguma coisa?

É tudo. Diga-lhe que quero os dez mil dólares em dinheiro, que se encarregará de que o Sr. Fischler assine os papéis necessários e faça com que a transacção se processe no Banco de Bertha.

O lápis traçava uma rápida sucessão de sinais no papel branco.

É tudo?

É tudo respondi.

Quer vir falar comigo ao meu gabinete? perguntei a Alta.

Ela concordou com um aceno de cabeça. Entrámos no gabinete e, ao fechar a porta, reparei que Elsie nos observava.

Não quero que me incomodem disse.

Alta sentou-se num sofá ao lado da secretária e eu sentei-me junto dela.

Este gabinete é seu, Donald?

Hum. hum.

E para que o alugou?

Para uma pequena especulação num negócio de acções de minas.

Conseguiu conduzir o caso às mil maravilhas.

Não será tanto assim.

Não devo falar destas cartas?

A ninguém. Vejamos o sobrescrito.

Entregou-mo e eu queimei as cartas cuidadosamente uma de cada vez.

Acabara de queimar a última quando ouvi movimento no escritório, o som de passos pesados e, em seguida, Bertha Cool escancarou a porta violentamente. Henry Ashbury vinha atrás.

Donald, meu querido, por que diabo não me disse aonde vinha? Não quero que se esqueça de que trabalha para mim.

Estive ocupado disse.

Oh, pai, sinto-me tão feliz! exclamou Alta, erguendo-se de um salto e abraçando o pai.

Ele afastou-a um -pouco, embora sem a largar, para a poder olhar de frente.

Está tudo resolvido?

Da melhor maneira respondeu deixando-lhe uma marca de baton no rosto.

Bertha olhou-me um tanto desconfiada.

E então, jovem? perguntou Ashbury.

Então o quê?

Qual é a resposta?

Não há resposta. Fiz o trabalho de que me incumbiram.

Terminou *esse aspecto* da questão.

E o assassinio?

O que tem?

Ao que parece, era realmente Cárter quem estava no quarto, mas não confessa uma palavra e a Sr.^a Ashbury foi arranjar-lhe um advogado.

Quem? Crumweather?

Sim.

Crumweather vai fazer uma boa defesa. Terão bastante dificuldade em provar o assassinio.

Não acha que devia investigar o caso um pouco mais?

Para quê? perguntei. Esse trabalho pertence à Polícia.

Porque nos havemos de interessar?

Para que seja feita justiça.

Preferia que o seu divórcio fosse tratado de forma calma e sem grande publicidade, não é assim?

Fez-me um sinal afirmativo.

Nessas circunstâncias, Crumweather é um bom advogado para Cárter disse eu.

Como sempre, tem razão, Lam concordou, depois de pensar uns momentos. Venha, Bertha, vamos embora.

Quero Elsie de volta ao escritório disse Bertha.

Tê-la-á dentro de dois ou três dias, quando os assuntos aqui ficarem resolvidos. .

Bertha olhou para Alta, depois para mim e em seguida para Henry.

bom, Donald disse. Lembre-se de que está a trabalhar.

Isto é um escritório e há um horário a cumprir. Acabe com isso.

com o quê? perguntei.

Fez um gesto com a cabeça na direcção de Alta.

Desculpe, Sr.^a Cool disse Alta Ashbury com um ar digno, mas o caso no que me diz respeito não está ainda encerrado. Há outras coisas que queria tratar.

Eu tenho uma agência de detectives e Donald é meu empregado. Pode falar com ele fora das horas de serviço.

Não farei nada disso contrariou Alta. Talvez se esteja a esquecer, Sr.^a Cool, de que lhe estamos a pagar cem dólares por dia.

Quer dizer que... começou Bertha Cool com um pesado suspiro, mas depressa dominando a situação. Eu vou para a agência. Pelo menos, querida disse, voltando-se para Alta , podia contratá-lo ao mês.

Saiu do gabinete para o escritório.

Até à vista, Donald despediu-se Ashbury. Só um minuto, Sr.^a Cool disse para Bertha. Quero ir ao seu escritório esclarecer alguns pontos.

Ouvi o riso de Ashbury e Bertha a bater a porta com tanta força que a divisão de vidro estremeceu.

Eu e Alta Ashbury ficámos sós.

F I M OFICINAS GRÁFICAS DE LIVROS DO BRASIL LISBOA

